

ANDRÉA MARISTELA BAUER TAMANINE

A ALTERNÂNCIA NÓS/ A GENTE NO INTERIOR DE SANTA CATARINA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Odete Pereira da Silva
Menon

CURITIBA

2002



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

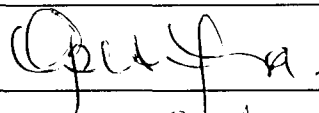
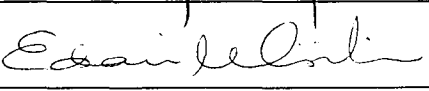
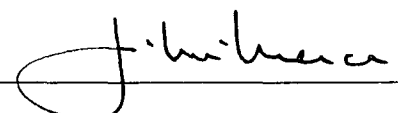
PARECER

Defesa de dissertação da mestranda ANDRÉA MARISTELA BAUER TAMANINE para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados Odete Pereira da Silva Menon, Edair Maria Gorski e José Luiz da Veiga Mercer argüíram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

“A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NÓS/A GENTE NO INTERIOR DE SANTA CATARINA”

Procedida a argüição segundo o protocolo aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:


Banca	Assinatura	Conceito
Odete Pereira da Silva Menon		A
Edair Maria Gorski		A
José Luiz da Veiga Mercer		A

Curitiba, 25 de outubro de 2002.





Prof.^a Marilene Weinhardt
Coordenadora




Dr.^a Odete Pereira da Silva Menon


Dr.^a Edair Maria Gorski


Dr. José Luiz da Veiga Mercer


Andréa Maristela Bauer Tamanine



Dedico este trabalho ao meu maior tesouro, meu filho Lauro Henrique.

AGRADECIMENTOS

Há muitas pessoas a quem gostaria de agradecer pelo apoio durante a realização deste trabalho, todas, de alguma forma, colaboraram comigo para que mais esta etapa de minha vida acadêmica fosse vencida.

Primeiramente, agradeço aos meus dois grandes amores: meu marido Lauro e meu filho Lauro Henrique. Sua compreensão, paciência e solidariedade para comigo nos muitos momentos em que precisaram da minha atenção e presença e eu não pude estar com eles, redobrou meu amor incondicional pela minha família.

Com meus pais e meus irmãos também divido minha conquista, especialmente com minha mãe, Eluir, pelo incentivo contínuo, pela companhia nas tantas idas a Curitiba e por uma lista infindável de coisas que só as mães fazem pelos filhos. Agradeço ao meu pai Alfeu, pois carro e combustível foram muitas vezes contribuições dele. Para Sandra e Jefferson, agradeço muito pelas carinhosas acolhidas, à Lenara, pela força de sempre e presença no dia da defesa.

Agradeço muito à professora Odete, que tem em mim uma eterna admiradora de sua competência e sabedoria, pois sem a sua orientação eu jamais trilharia pelos caminhos da pesquisa de uma forma tão intensa e proveitosa. Ela mostrou-me o quanto ainda é preciso aprender.

Também agradeço ao professor Mercer, pelas oportunidades de pesquisa dadas a mim desde a graduação e pelas maravilhosas palavras ditas na banca, sempre de apoio e incentivo; ao professor Borges e a professora Marilene, coordenadores do Pós-Graduação durante meu tempo de estudo; ao secretário Odair, pela eficiência e presteza aos meus pedidos, aos colegas de mestrado, especialmente ao Eduardo, agradeço a amizade.

Sem o apoio do CAPES e da UNIVILLE tudo seria mais difícil, por isso também lhes agradeço, assim como a motivação dada a mim pela professora Maria da Graça e meus colegas de trabalho em São Bento do Sul.

Finalmente, agradeço muito a Deus por ter iluminado meu caminho, fazendo com que sempre chegasse em casa em segurança e por ter protegido minha família durante minhas ausências. Agradeço a Ele por ser uma educadora e, utilizando-me da minha profissão, possa contribuir na construção de uma sociedade melhor.

COMIDA

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida

A gente quer comida, diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida

A gente quer bebida, diversão balé

A gente não quer só comida

A gente quer a vida como a vida quer

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comer

A gente quer comer e quer fazer amor

A gente não quer só comer

A gente quer prazer pra aliviar a dor

A gente não quer só dinheiro

A gente quer inteiro e não pela metade.

(Sérgio Fromer e Marcelo Brito)

SUMÁRIO

Continua

LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS	viii
ABSTRACT	x
RESUMO	xi
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I	
1 QUADRO TEÓRICO	06
1.1 A SOCIOLINGÜÍSTICA E VARIAÇÃO	06
1.2 REGRAS VARIÁVEIS.....	07
1.3 DA FONOLOGIA À SINTAXE.....	08
CAPÍTULO II	
1 AS VARIANTES <i>NÓS/A GENTE</i>	12
1.1 <i>NÓS</i>	12
1.2 <i>A GENTE</i>	13
1.3 A GRAMATICALIZAÇÃO DE <i>A GENTE</i>	14
1.4 <i>A GENTE</i> NOS DICIONÁRIOS E GRAMÁTICAS.....	17
1.5 <i>A GENTE</i> NOS LIVROS DIDÁTICOS.....	24
1.6 OS ANTECEDENTES NO ESTUDO DA ALTERNÂNCIAS <i>NÓS/A GENTE</i>	33
CAPÍTULO III	
1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
1.1 A VARIÁVEL DEPENDENTE.....	42
1.2 OCORRÊNCIAS ISOLADAS DOS PRONOMES	43
1.3 SEQUÊNCIA BINÁRIA DOS PRONOMES.....	43
1.4 SEQUÊNCIA TERNÁRIA DOS PRONOMES	44
1.5 CODIFICAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS TERNÁRIAS	44
1.6 AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES	50
1.7 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS.....	50
1.7.1 Tipo de Verbo.....	50
1.7.2 Concordância Verbal.....	52
1.7.3 Determinação do Referente	52
1.7.4 Paralelismo Formal e Paralelismo da Forma Pronominal	53
1.8 VARIÁVEIS SOCIAIS	55
1.8.1 Faixa Etária.....	56
1.8.2 Sexo	57
1.8.3 Escolaridade	57
1.8.4 Localidade	58
1.8.5 Dados Desconsiderados.....	58
1.8.6 Pronome <i>nós</i> ou <i>a gente</i> não acompanhados de verbo.....	59
1.8.7 Pronome <i>nós</i> ou <i>a gente</i> não em função de sujeito	59
1.8.8 Pronome implícito <i>nós</i> e desinência verbal <i>-mos</i> em expressões cristalizadas	59

CAPÍTULO IV

1 ANÁLISE DOS RESULTADOS	60
1.1 QUADRO GERAL DA DISTRIBUIÇÃO FREQUÊNCIAL DOS DADOS NA AMOSTRA	60
1.2 QUADRO GERAL DOS INFORMANTES	71
1.3 DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS DOS GRUPOS DE FATORES SOCIAIS EM LAGES	72
1.4 DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS DOS GRUPOS DE FATORES SOCIAIS EM BLUMENAU	73
1.5 DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS DOS GRUPOS DE FATORES SOCIAIS EM CHAPECÓ	75
1.6 QUADRO GERAL DAS PROBABILIDADES OBTIDAS	76
1.6.1 Primeiro Grupo de Fatores Selecionado: <i>Faixa etária</i>	78
1.6.2 Segundo Grupo de Fatores Selecionado: <i>Localidade</i>	78
1.6.3 Terceiro Grupo de Fatores Selecionado: <i>Tipo de verbo</i>	79
1.6.4 Quarto Grupo de Fatores selecionado: <i>determinação</i>	81
1.6.5 Quinto Grupo de Fatores selecionado nas OI: <i>sexo</i>	82
1.6.6 Quinto Grupo de Fatores selecionado nas OA: <i>escolaridade</i>	83
1.7 AS PROBABILIDADES OBTIDAS NAS SEQUÊNCIAS	84
1.7.1 Sequências Binárias Iguais	84
1.7.1.1 Primeiro grupo de fatores selecionado: <i>paralelismo formal</i>	85
1.7.1.2 Segundo fator selecionado: <i>sexo</i>	86
1.7.1.3 Terceiro grupo de fatores selecionados: <i>escolaridade</i>	88
1.7.1.4 Quarto grupo de fatores selecionados: <i>localidade</i>	89
1.7.2 Sequências Binárias Mistas	90
1.7.2.1 Primeiro grupo de fatores selecionado: <i>paralelismo formal</i>	91
1.7.2.2 Segundo grupo de fatores selecionado: <i>tipo de verbo</i>	91
1.7.3 Sequências Ternárias Iguais Contra Sequências Ternárias Mistas	92
1.7.3.1 Primeiro grupo de fatores selecionado: <i>paralelismo formal</i>	94
1.7.3.2 Segundo grupo de fatores selecionado: <i>sexo</i>	95
1.7.4 Sequências Ternárias Iguais	97
1.7.5 Primeiro Grupo de Fatores Selecionado: <i>paralelismo formal</i>	97
1.7.5.1 Segundo grupo de fatores selecionado: <i>escolaridade</i>	99
1.7.5.2 Terceiro grupo de fatores selecionado: <i>sexo</i>	100
1.7.5.3 Quarto grupo de fatores selecionado: <i>faixa etária</i>	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXO 1	113
ANEXO 2	116
ANEXO 3	120

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – OCORRÊNCIAS DE <i>A GENTE</i> NA FUNÇÃO DE SUJEITO ENCONTRADAS NA COLEÇÃO “ALP – ANÁLISE, LINGUAGEM E PENSAMENTO”	26
QUADRO 2 – OCORRÊNCIAS DE <i>A GENTE</i> NA FUNÇÃO DE SUJEITO ENCONTRADAS NA COLEÇÃO “INTERAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO”	29

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO FREQUÊNCIAL GERAL DOS DADOS DA AMOSTRA	61
TABELA 2 – RESULTADOS DO CROSSTAB ENTRE LOCALIDADE E FAIXA ETÁRIA	64
TABELA 3 – RESULTADOS DO CROSSTAB ENTRE LOCALIDADE E ESCOLARIDADE	65
TABELA 4 – RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO CROSSTAB COM ARQUIVO DAS ALTERNÂNCIAS TERNÁRIAS ENTRE FAIXA ETÁRIA E LOCALIDADE	69
TABELA 5 – RESULTADOS OBTIDOS NO CROSSTAB COM ARQUIVO DAS ALTERNÂNCIAS TERNÁRIAS ENTRE ESCOLARIDADE E LOCALIDADE	70
TABELA 6 – FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIAS NOS DADOS DOS GRUPOS DE FATORES SOCIAIS DOS INFORMANTES DE LAGES	72
TABELA 7 – FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIAS NOS DADOS DOS GRUPOS DE FATORES SOCIAIS DOS INFORMANTES DE BLUMENAU	74
TABELA 8 – FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIAS NOS DADOS DOS GRUPOS DE FATORES SOCIAIS DOS INFORMANTES DE CHAPECÓ	75
TABELA 9 – COMPARATIVO DOS RESULTADOS PROBABILÍSTICOS GERAIS DO CORPUS ENTRE OCORRÊNCIAS ISOLADAS E ISOLADAS MAIS ALTERNÂNCIAS (BINÁRIA E TERNÁRIA) - APLICAÇÃO DA REGRA A GENTE	77
TABELA 10 – RESULTADOS DA RODADA ENTRE ALTERNÂNCIAS BINÁRIAS NÓS/ NÓS E A GENTE/ A GENTE - FATOR DE APLICAÇÃO A GENTE/ A GENTE	85
TABELA 11 – CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS SEXO E ESCOLARIDADE NO CROSSTAB COM DADOS DE ALTERNÂNCIA BINÁRIA	87
TABELA 12 – RESULTADOS DA RODADA ENTRE ALTERNÂNCIAS BINÁRIAS A GENTE/NÓS E NÓS/ A GENTE - APLICAÇÃO DA REGRA A GENTE/NÓS	90
TABELA 13 – DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS DAS ALTERNÂNCIAS TERNÁRIAS NÓS/?/ A GENTE E A GENTE/?/NÓS	93

TABELA 14 – RESULTADOS DA RODADA GERAL ENTRE ALTERNÂNCIAS TERNÁRIAS DE FORMAS IGUAIS (NÓS/NÓS/NÓS; A GENTE/A GENTE/ A GENTE) E ALTERNÂNCIAS TERNÁRIAS DE FORMAS MISTAS (A GENTE/?/NÓS; NÓS/?/ A GENTE; A GENTE/NÓS/A GENTE E NÓS/ A GENTE/ NÓS) - FATOR DE APLICAÇÃO ALTERNÂNCIAS IGUAIS	94
TABELA 15 – CRUZAMENTO ENTRE OS GRUPOS DE FATORES SEXO E LOCALIDADES NO CROSSTAB COM DADOS DE ALTERNÂNCIA TERNÁRIA	96
TABELA 16 – RESULTADOS DA RODADA ENTRE ALTERNÂNCIAS TERNÁRIAS NÓS/NÓS/ NÓS E A GENTE/ A GENTE/ A GENTE - FATOR DE APLICAÇÃO A GENTE/ A GENTE/ A GENTE	97
TABELA 17 – FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DO FATOR DE PARALELISMO FORMAL MOS/ ? / Ø POR LOCALIDADE	99

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO FREQUÊNCIAL GERAL DOS DADOS DE OCORRÊNCIAS ISOLADAS E DAS ALTERNÂNCIAS BINÁRIA E TERNÁRIA ENTRE O USO DE NÓS E DE A GENTE	61
GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS DADOS ENTRE OCORRÊNCIAS ISOLADAS, ALTERNÂNCIAS BINÁRIAS E ALTERNÂNCIAS TERNÁRIAS	62
GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO GERAL DAS OCORRÊNCIAS DE NÓS E DE A GENTE POR LOCALIDADE	63
GRÁFICO 4 - RESULTADO OBTIDO NO CROSSTAB ENTRE O FATOR SEXO E O USO DE NÓS E DE A GENTE EM LAGES, CHAPECÓ E BLUMENAU ..	66
GRÁFICO 5 - DISTRIBUIÇÃO FREQUÊNCIAL GERAL DOS DADOS DE OCORRÊNCIAS ISOLADAS E DAS ALTERNÂNCIAS BINÁRIA E TERNÁRIA ENTRE E O USO DE NÓS E DE A GENTE	68

ABSTRACT

The present research was developed based on the theoretical and methodological presumptions of the Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972) and focused on the pronominal variation in the spoken Brazilian Portuguese, delimiting as the object of analysis the variation between the 1st person pronouns, *nós* and *a gente*. The analyzed *corpus* is part of the data bank of the Project VARSUL – Urban Linguistic Variation of the South Region and was compounded of interviews accomplished in the cities of Chapecó, Blumenau and Lages in the state of Santa Catarina. The study has as its main objective the investigation of the variational process represented by the alternation of the pronouns *nós* and *a gente* in the subject position, verifying the possible linguistic and social conditioning of the phenomenon in the catarinenses speech in the countryside of the state. Besides the analysis of *isolated* occurrence (example 01), we highlight as a contribution to the studies of this variation the testing of factors which we name *binary sequence* and *ternary sequence*, (respectively examples 02 and 03) that consist in the occurrence, together with each verb which is forming a compound sentence, two of the possibilities of the subject expression, being them equal or different between themselves. We verified whether the *sequences* revealed linguistic and/or social contexts, that favor the repetition or alternation of the first pronoun used by the speaker in what we consider a *speech shift* (PHILIPS, 1976 *apud* RIBEIRO and GARCEZ, 1998). Examples: (01) *Aí a gente tem que ficar em cima da ponte, pulo ou não pulo.* (Then *a gente* has to stay on the bridge, jump or not) (BLU SL0806). (02) *E sem necessidade, porque nós estamos longe, tudo bem, mas a gente está habituado, né?* (And without necessity, because *nós* are far, all right, but *a gente* is used to it, aren't we?) (CHP SL 0656). (03) (...) *que a gente morava numa casa nesse local mesmo que nós estamos sendo entrevistados aqui era mais do lado aqui a casa, a gente morou aqui, foi do meu avô, depois o meu pai comprou, hoje é minha.*(...) (that *a gente* lived in a house in this same place in which *nós* are being interviewed here it was more to the side here the house, *a gente* lived here, it was my grandfather's, then my father bought it, and today it is mine.). (LGS SL0084). We worked with 10 linguistic variables and 04 social ones, using for the data analysis the computational program VARBRUL (PINTZUK, 1988).

Key-words: Variationist Sociolinguistics; pronominal alternation; variation *nós/a gente*.

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolingüística Variacionista (LABOV, 1972) e teve como foco a variação pronominal no Português Brasileiro falado, delimitando como objeto de análise a variação entre os pronomes de 1ª pessoa, *nós* e *a gente*. O *corpus* analisado faz parte do banco de dados do Projeto VARSUL – Variação Lingüística Urbana da Região Sul e compreendeu as entrevistas realizadas nas cidades catarinenses de Chapecó, Blumenau e Lages. O estudo teve como principal objetivo a investigação do processo variacional representado pela alternância dos pronomes *nós* e *a gente* em posição de sujeito, verificando os possíveis condicionamentos lingüísticos e sociais do fenômeno na fala dos catarinenses do interior do estado. Além da análise de ocorrências isoladas (exemplo 01), destacamos como contribuição aos estudos dessa variação a testagem dos fatores que denominamos *seqüência binária* e *seqüência ternária* (respectivamente exemplos 02 e 03), que consistem na ocorrência, junto a cada verbo que esteja formando um período composto, das duas possibilidades de expressão do sujeito, sejam elas iguais ou diferentes entre si. Verificamos se as seqüências revelaram contextos, lingüísticos e/ou sociais, que favoreceram a repetição ou alternância do primeiro pronome usado pelo falante no que consideramos um *turno de fala* (PHILIPS, 1976 *apud* RIBEIRO e GARCEZ, 1998). Exemplos: (01) Aí a gente tem que ficar em cima da ponte, pulo ou não pulo. (BLU SL0806) (02) E sem necessidade, porque nós estamos longe, tudo bem, mas a gente está habituado, né? (CHP SL 0656) (03) (...) que a gente morava numa casa nesse local mesmo que nós estamos sendo entrevistados aqui era mais do lado aqui a casa, a gente morou aqui, foi do meu avô, depois o meu pai comprou, hoje é minha. (LGS SL0084) Trabalhamos com 10 variáveis lingüísticas e 04 sociais, utilizando para análise dos dados o programa computacional VARBRUL (PINTZUK, 1988).

Palavras-chave: Sociolingüística Variacionista; alternância pronominal; variação *nós/a gente*

INTRODUÇÃO

A variação lingüística do português do Brasil (doravante PB) precisa ser tema de discussão e pesquisa não só no meio acadêmico, mas também no âmbito do ensino de 1.º e 2.º graus. Talvez as maiores dúvidas dos profissionais do ensino fundamental e médio quanto ao ensino da língua materna surjam quando descobrem que a uniformidade lingüística atribuída ao português não é real, que a diversidade existe, faz parte do sistema lingüístico e que o conteúdo da gramática tradicional, na grande maioria das vezes, não contempla essa diversidade e nem as mudanças que ocorrem na língua. O problema é que essas dúvidas, recorrentes por parte da grande massa de professores que atuam no ensino de base, não são respondidas através dos conhecimentos fragmentados recebidos através de “treinamentos” rápidos e esparsos a que comumente são submetidos. Diante da insegurança em relação aos conhecimentos adquiridos dessa forma, e não de maneira sistemática e progressiva, então novamente a gramática tradicional (daqui em diante GT), é considerada como a única fonte legitimada na escola para o ensino da língua. Tal fato implica em, cada vez mais, existir um distanciamento entre essa “norma escolar”, descrita nas gramáticas tradicionais e ensinada nas escolas, e a “norma padrão”, presente no dia-a-dia de professores e alunos através de jornais, revistas, livros entre outros meios, de forma oral ou escrita.

As contradições entre a norma escolar e a norma padrão falada e escrita encontram-se também no material didático - utilizado como principal apoio por grande parte dos professores de língua materna - questão discutida por FREITAS (1991) e CARDOSO (1996) entre outros. Assim pudemos observar em pesquisa exposta neste trabalho, através da análise realizada em duas coleções didáticas de língua portuguesa usadas por escolas públicas em São Bento do Sul, no estado de Santa Catarina, nossa terra natal.

Sabemos ainda que os profissionais do ensino da língua materna enfrentam dilemas em sala de aula que vão além do como conciliar o ensino das duas normas já mencionadas, do como tratar sem preconceitos a heterogeneidade lingüística que se

vincula à heterogeneidade social, chegando até à manutenção da imagem do “bom professor de português”, fiel ao que dita a GT, que deve determinar “errada” qualquer variedade lingüística que não seja a eleita pela escola.

Apesar desse conturbado cenário, não iremos aprofundar tais questões neste trabalho, no qual especificamente trataremos da variação entre os pronomes pessoais de primeira pessoa *nós* e *a gente* em dados orais, mas é com esse pensamento que dirigimos nossa pesquisa para a variação do PB, com o propósito de contribuir para a sua descrição e para o conhecimento mais aprofundado sobre as mudanças que ocorrem na língua. Com isso, objetivamos também contribuir com o ensino da língua materna oferecendo informações que possam subsidiar algum conhecimento sobre as tantas dúvidas enfrentadas em sala de aula.

Nosso *corpus* constituiu-se a partir do banco de dados do projeto VARSUL – Variação Lingüística Urbana da Região Sul, projeto desenvolvido para descrever a norma urbana oral da Região Sul do Brasil. Verificamos que o tema ainda não fora estudado com dados orais de cidades do interior de Santa Catarina, então concentramos nossa amostra nos dados de fala dos catarinenses das cidades de Chapecó, Blumenau e Lages.

Delimitamos nosso objeto de estudo ao uso dos pronomes pessoais *nós* e *a gente* ao verificarmos que estudos lingüísticos já realizados sobre essa variação em outros dialetos ou variedades no PB, como OMENA, 1996; MENON, 1995, 2001; ALBÁN e FREITAS, 1991, 1991a, 1991b entre outros, comprovaram o uso da expressão sujeito *a gente* como forma pronominal sujeito de primeira pessoa, concorrendo com *nós*. Também influenciou-nos o fato de já termos estudado o assunto com dados do VARSUL referentes à cidade de Londrina – PR (TAMANINE *et al*, 1999), em trabalho da disciplina de Sociolingüística.

Contudo, diferentemente da maior parte das pesquisas que abordaram a alternância entre o uso de *nós* e de *a gente* buscando saber quais as probabilidades de co-ocorrência entre esses pronomes, o que também analisamos no que consideramos *ocorrência isolada*, investigamos o uso das duas formas pronominais quando em seqüência, de dois ou de três pronomes, no que consideramos um *turno de fala*.

Adotamos a definição de PHILIPS, 1976 *apud* RIBEIRO e GARCEZ 1998 p. 30, para quem *turno de fala* constitui uma “‘resposta’, isto é, uma elocução que sucede a outra e que não faz sentido sem a compreensão da anterior”. Assim, nossa preocupação foi de considerar como *seqüência de formas* aqueles pronomes que estivessem relacionados entre si, que mantivessem um elo no planejamento de fala do informante, segmentando as ocorrências quando percebida a mudança de turno.

Então, consideramos *ocorrência isolada* o uso dos pronomes como nos exemplos:

(01) *A gente precisa trabalhar pra viver, né?* (BLU 19 SL 0006)

(02) *Nós tivemos as enchentes em Blumenau que assolaram Blumenau.* (BLU 19 SL 0417).

No caso das formas em seqüência, dividimos as ocorrências em dois grupos de fatores: *seqüência binária* e *seqüência ternária*, que se referem tanto à seqüências de pronomes iguais quanto diferentes, como é possível verificar abaixo:

(03) *Não, a gente continua levando as coisas como nós levávamos em casa antigamente também.* (BLU 10 SL 0600) ¹

(04) *E sem necessidade, porque nós estamos longe, tudo bem, mas a gente estáØ habituado, né?* (CHP 16 SL 0656)

(05) (...) *que a gente morava numa casa nesse local mesmo que nós estamos sendo entrevistados aqui era mais do lado aqui a casa, a gente morou aqui, foi do meu avô, depois o meu pai comprou, hoje é minha.* (LGS 16 SL 0084)

Em (03), exemplo de *alternância binária a gente/nós*, o falante inicia o período com *a gente* (*continua levando*) e, imediatamente na seqüência usa *nós* (*levávamos*), mantendo o mesmo referente extralingüístico: o falante mais a família, produzindo com o pronome *nós* a flexão do verbo na 1.^a pessoa do plural (-mos), e com *a gente* a desinência verbal Ø. No exemplo (04), a informante fala sobre como a mudança da capital do estado, Florianópolis, para Curitiba, não seria necessária

para o *peçoal do oeste*, grupo em que se inclui usando o pronome *nós* mais o verbo *estamos* – com desinência verbal *-mos*. Em substituição ao referente *nós*, ela usa *a gente* mais a locução verbal *está habituado* – com desinência verbal \emptyset – ainda mantendo a referência do grupo e apresentando o gênero não-marcado – *habitua-o*², realizando então uma *alternância binária nós/ a gente*. Já no exemplo (05) a alternância é *ternária* entre *a gente/ nós/ a gente* para que o falante refira-se a si e a sua família. As desinências verbais também alternam-se e o entrevistado mantém *a gente* com \emptyset e *nós* com *-mos*.

Sendo assim, a pesquisa buscou identificar se haveriam contextos condicionadores, lingüísticos, sociais ou ambos, na alternância do uso de *nós* e *a gente* em ocorrências isoladas e em seqüências, alternadas ou não, desses pronomes. Para tanto, seguimos os pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação (LABOV, 1972, 1972a e 1974).

No primeiro capítulo, apresentamos o quadro teórico em que se insere esta pesquisa, a Sociolingüística Variacionista (LABOV, 1972) e comentamos a Teoria Laboviana da Variação, cuja premissa é flagrar a variação e a mudança em curso através da aplicação de *regras variáveis* e da análise da mudança em *tempo aparente*.

Dirigimos nossas considerações sobre o fenômeno a ser investigado no segundo capítulo, apresentando as formas em variação e os resultados já obtidos sobre o uso dessas duas formas pronominais em concorrência. Comentamos também alguns estudos sobre a *variação nós/a gente*, principalmente o trabalho pioneiro de OMENA, realizado em 1978 e publicado em OMENA (1996). Logo após, a fim de explicitar e comentar as fases pelas quais a forma nominal³ *a gente* passou até se constituir em pronome pessoal, discutimos o seu processo de gramaticalização. Para isso, tomamos como base o trabalho de MENON (1995) sobre a gramaticalização de *a gente* para

¹ O código que segue ao trecho da entrevista o identifica. Por exemplo, (BLU 10, SL0600) = informante de Blumenau, entrevista número dez, superlinha 600.

² Conforme MENON, (1995).

³ Forma Nominal (FN) foi o termo usado por MENON (1994: 133) para definir locuções compostas de artigo definido + substantivo que contenham sentido genérico.

traçar um paralelo com os Princípios de Gramaticalização propostos por HOPPER (1993).

Ainda no mesmo capítulo, comentamos o resultados de uma investigação sobre os pronomes *nós* e *a gente* em algumas gramáticas tradicionais e dicionários. Verificamos também como o pronome *a gente* seria tratado em livros didáticos, então apresentamos e comentamos os resultados que obtivemos numa pesquisa realizada com duas coleções de livros didáticos de língua portuguesa, usadas no 1.º grau, em escolas públicas municipais e estaduais de São Bento do Sul – SC.

O terceiro capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados, definindo o *corpus*, o conjunto de variáveis, o programa estatístico empregado e os fatores a serem testados a partir das hipóteses levantadas e dos objetivos pretendidos nesta investigação. Exemplificamos também os dados descartados da análise.

O quarto capítulo traz a análise dos resultados obtidos e, finalmente, concluímos o trabalho retomando as considerações gerais sobre a pesquisa a partir das hipóteses levantadas e da análise dos dados investigados.

CAPITULO I

1 QUADRO TEÓRICO

Neste capítulo, apresentaremos o quadro teórico no qual baseamos nosso estudo, constituído pelo modelo da Sociolingüística Variacionista (cf. WEINREICH E HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1974 e 1992).

1.1 A SOCIOLINGÜÍSTICA E A VARIAÇÃO

Segundo a Teoria Sociolingüística, as línguas apresentam diversidade em todos os níveis de sua estruturação. Essa diversidade consiste numa heterogeneidade sistematizada e constitui o cerne do modelo. No entanto, diferentemente de outras abordagens, ela pressupõe que nas variações apresentadas na língua em decorrência de seu uso em uma determinada comunidade de fala, ou mesmo no uso de um único falante, é possível estabelecer regularidades. Para a teoria, a homogeneidade é que se constitui em um problema para o sistema da língua.

Baseando-se então na possibilidade de sistematizar a heterogeneidade das línguas pela análise em tempo aparente, a sociolingüística leva em conta, além de fatores lingüísticos, fatores externos à linguagem que poderiam estar regulando a variação e a mudança lingüística, ou seja, as inter-relações na comunidade lingüística, como sexo, escolaridade, idade, classes, etnias. A sociolingüística rejeita a noção de falante ideal e de sistema lingüístico homogêneo da teoria chomskyana, propondo o princípio da variabilidade inerente da língua, que se constitui em objeto suscetível às pressões sociais. O modelo é dirigido a um falante-ouvinte real que, em situações de comunicação em específicas comunidades de fala, apresenta variações de uso da língua relacionadas a fatores lingüísticos ou sociais, conforme discussão de TARALLO (1990).

Além de estabelecer essa variabilidade inerente, segundo o modelo laboviano, é possível “prever” essas variações em determinados contextos através de *regras*

variáveis, um princípio desenvolvido inicialmente por LABOV (1978) a partir das regras categóricas da gramática gerativa, e adotado posteriormente como o princípio do variacionismo. Assim, a Teoria da Variação postula que tanto a homogeneidade quanto a heterogeneidade lingüísticas não são aleatórias, mas sim reguladas por contextos lingüísticos e extralingüísticos, podendo então ser descritas, comprovando que a noção de heterogeneidade não é incompatível com a noção de sistema. (WEINRICH, LABOV & HERZOG, 1968)

1.2 REGRAS VARIÁVEIS

O modelo laboviano de análise de dados, na sua forma de investigação, determinou, além das regras categóricas, a extensão, maior ou menor, do uso de uma variante em um estilo e de outra variante em outro estilo, testando o seu comportamento probabilisticamente.⁴ Diferentemente do conceito de regras categóricas e de regras opcionais do modelo chomskiano, o modelo laboviano de análise de dados introduziu o conceito de *regra variável*.

Através da *regra variável* é possível demonstrar que o uso de uma variável depende tanto de fatores lingüísticos quanto extralingüísticos, e que a relação entre esses fatores pode apresentar-se de forma regular.

Foi a partir de *Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula*, estudo realizado por LABOV em 1972, cujos resultados mostraram como o uso de variantes da cópula *be* no Black English Vernacular (BEV) era influenciado pelos elementos anteriores e posteriores na sentença, que se propôs substituir a noção de regra da gramática gerativa, a *regra opcional* – ou *variante livre* – pela noção de *regra variável*. Dessa forma, os dados são submetidos à análise e o resultado é dado por meio de frequência de aplicação da regra e as interpretações formais da variabilidade lingüística formalizam a natureza sistemática da variação.

Na definição de GUY (1988: 01):

A análise da Regra Variável foi desenvolvida na lingüística como um meio de justificar a variação estruturada no uso da língua, isto é, a variação lingüística que regularmente apresenta maior ou menor grau de ocorrência em ambientes particulares, ou que freqüentemente está presente entre grupos sociais particulares ou em estilos de fala particulares.

As regras variáveis têm sido usadas em trabalhos sociolingüísticos para descrever a extensão da variação sistematizada de um fenômeno de variação. Os dados investigados são submetidos à análise de um programa estatístico especialmente criado para este fim, o VARBRUL, desenvolvido por SANKOF (1978) e retomado por PINTZUK (1988). Os resultados então obtidos expressam, numericamente, a probabilidade de uma forma lingüística ocorrer em contextos lingüísticos determinados.

1.3 DA FONOLOGIA À SINTAXE

LABOV (1972) estabeleceu como primordial a relação do social com o lingüístico correlacionando fatores sociais às mudanças fonológicas. Assim, sua abordagem diferenciou-se da lingüística tradicional⁴, que não considerava em suas análises a variação, a mudança em curso e a influência de aspectos sociais sobre fatos lingüísticos. Foram trabalhos fundamentais para a sustentação de suas idéias a centralização dos ditongos (ay) e (aw) na Ilha de Martha's Vineyard (1963) e a

⁴ Modelo já usado inclusive em estudos de aquisição de 2ª. língua, veja-se ELLIS (1994).

⁵ *Relation of more and less were therefore ruled out of linguistic thinking; a form or a rule could only occur always, optionally, or never. The internal structure of variation was therefore removed from linguistic studies and with it, the study of change in progress.* (LABOV, 1972:20)

A relação de mais e menos foi portanto excluída do pensamento lingüístico, uma forma ou uma regra somente podia ocorrer sempre, opcionalmente, ou nunca. A estrutura interna da variação foi portanto removida dos estudos lingüísticos e com isso, o estudo da mudança em progresso. (nossa tradução)

pesquisa sobre a estratificação social do < r > em lojas de departamento na cidade de Nova Iorque (1966). Sobre esta última, LABOV (1974:50) relata em seu artigo "Estágios para a aquisição do Inglês Standard"⁶:

O caso da cidade de New York apresenta interesse especial, devido ao grau de flutuação freqüentemente alto nas formas da fala que têm sido descritas. Investigadores anteriores escreveram que a extensa variação era "totalmente casual" e "produto do puro acaso". Nossos estudos sobre a fala de Nova Iorque mostraram que este não é, de forma alguma, o caso: que o uso destas variantes lingüísticas é determinado por um padrão (*pattern*) de normas sociais e estilísticas. Descobrimos que há uma influência contínua e mensurável de fatores sociais sobre a mudança lingüística.

LABOV (1972) reconhece falhas metodológicas no trabalho realizado em Martha's Vineyard, exercendo então maior rigor na coleta de dados em Nova Iorque. Seu objetivo era de uma análise mais completa e refinada da significação social dos dados lingüísticos. Ainda em *Sociolinguistics Patterns*, ele reforça outra questão importante relativa aos estudos da variação, a comprovação de que os mesmos mecanismos que produziram mudanças em grande escala no passado são os mesmos que produzem as mudanças percebidas no presente: "*An essential presupposition of this line of research is a uniformitarian doctrine: that is, the claim that the same mechanisms which operated to produce the large-scale changes of the past may be observed operating in the current changes taking place around us.*"(LABOV, 1972:161)⁷

Em síntese, LABOV afirma que é possível observar e descrever como as pressões sociais condicionam os fenômenos de variação e mudança na língua. Essas mudanças não seriam determinadas através da fala de um único indivíduo, mas seria o

⁶ Aqui a tradução para o português publicada em FONSECA E NEVES, 1974. (Ver LABOV (1974))

⁷ A pressuposição essencial desta linha de pesquisa é uma teoria com uniformidade, ou seja, a exigência de que os mesmos mecanismos que operaram para produzir mudanças em larga escala no passado precisam ser observados operando nas atuais mudanças que nos cercam (nossa tradução).

indivíduo que, sob pressões sociais diferentes, estaria sujeito às variações. A intenção de Labov, em princípio, foi correlacionar a estrutura social à estrutura lingüística.

Uma nova perspectiva surge na teoria a medida em que os estudos labovianos vão além da fonologia, abordando fenômenos também no âmbito sintático, semântico, pragmático e discursivo. Com essa abrangência, foi-se percebendo que diminuía o impacto dos fatores sociais na análise proposta pelo modelo. Isso não implicou alterar a metodologia, mas causou mudanças no estatuto da regra variável, sobretudo no campo sintático. Essas mudanças aparecem a partir do trabalho de WEINER & LABOV (1983) sobre as passivas sem agente, no qual os pesquisadores identificaram a existência de variação entre a passiva sem agente (8a)⁸ e a ativa com pronome (8b):

(8a) *The liquor closet was broken into.*

(A loja de bebidas foi invadida.)

(8b) *They broke into the liquor closet.*

(Alguém invadiu a loja de bebidas.)

Conforme os resultados estatísticos obtidos, eles afirmaram que as duas orações seriam válidas num mesmo contexto e a escolha do falante pela passiva sem agente teria restrição lingüística relacionada ao *paralelismo formal* e não a fatores sociais. Com isso, a teoria foi aplicada com um deslocamento da explicação do fenômeno para o fator lingüístico, não mais privilegiando o fator social.

Com o aumento, e não enfraquecimento, do campo de aplicação da metodologia variacionista, da fonologia para a sintaxe, e a partir do trabalho sobre as passivas sem agente, o estatuto da *regra variável* começa a sofrer críticas, primeiramente destacando-se aquelas formuladas por LAVANDERA (1978:175), que discute a validade da *regra variável* em contextos sintáticos:

⁸ Numeração original, nossa tradução.

What I will questioning is whether that ground of clear semantic equivalence can be abandoned to carry out the same kind of study of variation for syntactic or morphological units which have to be proven to mean " the same " to be treated as evidence of variability, and furthermore, whether semantic equivalence must in fact be a requirement at all.

LAVANDERA critica não haver uma definição clara da condição de igualdade de significados, levada em conta nos estudos labovianos, para a definição de variáveis lingüísticas na teoria variacionista, pois nem sempre expressões que parecem sinônimas o serão realmente, podendo constituir significados próprios, diferenciados. Então, ela sugere substituir essa condição de igualdade de significados por uma condição de igualdade funcional quando não se tratar de contextos fonológicos.

LABOV (1978) responde às críticas, afirmando que a delimitação do termo significado é intencional para os sociolingüistas, já que seu objetivo é diferenciar, comprovadamente, o aspecto social e estilístico das variáveis lingüísticas. No entanto, ele propõe um significado "representacional" (referencial): "dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade" (p.02).

Depois, ROMANE (1982), GARCÍA (1985), BENTIVOGLIO (1987) também fazem críticas ao estatuto metodológico da teoria laboviana. Porém, imbuída de temporalidade e ambiência como outras ciências, a Sociolingüística se desenvolveu não ficando imune aos posicionamentos contrários.

Após estas considerações sobre a Sociolingüística Laboviana, iremos direcionar nossa atenção para o fenômeno de variação abordado nesta pesquisa, a alternância entre os pronomes pessoais *nós* e *a gente*.

CAPITULO II

1 AS VARIANTES *NÓS/ A GENTE*

A fim de identificar as variantes do fenômeno aqui investigado, descreveremos a função gramatical por elas exercida no tocante ao foco deste trabalho, a função de sujeito. Primeiramente trataremos do pronome pessoal *nós* e depois do pronome *a gente*. Em relação a este último, traçaremos um paralelo entre as suas fases de gramaticalização, de acordo com estudo feito por MENON (1995) e os princípios de gramaticalização propostos por HOPPER (1993). Também apresentaremos e comentaremos as informações sobre o pronome *a gente* encontradas em dicionários e gramáticas, assim como os resultados de uma pesquisa feita sobre a ocorrência de *a gente* em textos de livros didáticos de língua portuguesa. Em seguida, exporemos alguns dos resultados de diferentes estudos já realizados sobre a variação *nós/a gente* para que sejam, posteriormente, cotejados com os resultados da nossa pesquisa.

1.1 NÓS

De acordo com FARACO & MOURA (2000: 284), *nós* é pronome sujeito da 1.^a pessoa do plural, representa *quem fala ou quem escreve – de quem parte o discurso*. O uso de *nós* também é considerado como opção do falante para evitar um tom impositivo decorrente de um maior uso de *eu*, caracterizando um plural de modéstia. Representando a possibilidade de expressão da primeira pessoa do singular *eu*, quando plural de modéstia, *nós* pode ser usado para que o falante se refira apenas a si mesmo ou a um grupo ao qual pertence.

Para BENVENISTE (1976) que, ao tratar da Teoria da Enunciação, discutiu categorias lingüísticas, entre elas a categoria de pessoa, o pronome pessoal *nós* é considerado como uma junção entre o *eu* e o *não-eu*, um *eu ampliado*. O autor afirmou

ser *nós* uma expressão “mais ampla e difusa”, justificando por que a forma pronominal no plural (*nós*) pode substituir a forma no singular (*eu*) indicando um grupo indeterminado de pessoas, identificável ou não.

1.2 A GENTE

Verificamos que pronome pessoal *a gente* vem sendo usado no PB para representar a mesma função do pronome pessoal *nós*, conforme resultados encontrados em pesquisas com dados de fala como a de OMENA (1996), com dados do Projeto Censo Lingüístico do Rio de Janeiro, ALBÁN E FREITAS (1991, 1991a, 1991b,), que utilizaram dados do projeto NURC – Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil – da cidade de Salvador, LOPES (1993) também com dados de informantes cariocas, e MENON (1994), com dados do NURC/São Paulo e outros trabalhos em 1995 e 1996, entre outras. Também buscamos informações em pesquisa com dados da escrita, como a de MENON, LAMBACH e LANDARIN (no prelo), que analisaram dados de revistas em quadrinhos referentes ao uso de *nós/a gente*. Todos esses trabalhos demonstraram que o pronome pessoal *a gente* está concorrendo com o pronome pessoal *nós* como possibilidade de expressão da primeira pessoa do plural, constituindo-se em uma das variáveis lingüísticas apresentadas no atual paradigma das formas pronominais do PB.

Ilustramos a variação com os exemplos abaixo, retirados da fala do mesmo informante:

“(4) E depois *a gente* ia nogalinheiro deles, sempre tinha bastante galinha (...) (LGS 08 SL0466)”

“(5) Então daí *nós* ia almoçar em casa, dava tempo. (LGS 08 SL0745)”

A partir do estudo feito por MENON (1995), sobre a gramaticalização de *a gente*, traçamos um paralelo entre as fases por ela descritas com os princípios de

gramaticalização definidos por HOPPER (1993), objetivando estabelecer relações entre o trabalho dos dois autores e melhor identificar o processo pelo qual o pronome teria passado até gramaticalizar-se.

1.3 A GRAMATICALIZAÇÃO DE *A GENTE*

Ao estudar a gramaticalização de *a gente* MENON (1995)⁹ - apoiando-se no conceito de gramaticalização de MEILLET (1912) *apud* MENON (1995: 623) “gramaticalização seria a transformação por que passa uma palavra lexical, autônoma, para se tornar uma palavra gramatical, presa ou funcional” - propõe as fases pelas quais essa forma nominal, depois denominada locução nominal (LN), teria passado, no PB, até chegar à concorrência com *nós* como pronome pessoal. Nessa perspectiva, a autora apresenta uma cadeia de transformação, descrevendo o processo que *a gente* pode ter sofrido até ser gramaticalizado (p.626):

LNPlena	>	LNespecial	>	LNInvariável	>	pron.indet.	>	pron.pessoal 1 (P > S)
...gente...	>	a gente	>	[a gente]	>	a gente		a gente = nós, eu
LNP		LNE		LNI		pr. indet.		pr.pes. 1 pl.~ sing.

Explicaremos as fases descritas por MENON conjuntamente aos princípios de gramaticalização desenvolvidos por HOPPER (1993), *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *descategorização*. Nossa intenção é estabelecer relações entre as fases e os princípios definidos nos dois trabalhos, porém ressaltamos que não seguimos uma ordem cronológica para isso, pois há fases que podem ser reconhecidas em mais de um princípio ou o contrário, um princípio que pode ser reconhecido em mais de uma fase.

⁹ MENON (1995) parte da noção de gramaticalização proposta por MEILLET (1912), REIGHARD (1978) e HOPPER e TRAUGOTT (1993)

- **Fase LNP** - de acordo com MENON, esta seria a fase em que o substantivo *gente* é autônomo, o que significa que pode compor qualquer locução nominal, podendo ser precedido de artigos, demonstrativos, numerais, possessivos, ou seguido de adjetivos. Além disso, pode sofrer flexão de número e receber a concordância de predicativo no feminino dos adjetivos e participios, tal como *a gente*, *as gentes*, *nossa gente*, *essa gente*, *gente destacada*, *gente honrada*. Assim, *gente* pode compor qualquer locução nominal, tornando possível a relação dessa fase com o princípio de HOPPER, **estratificação** (*layering*), que se refere ao fato de coexistirem formas antigas (nesse caso o substantivo *gente*) e formas novas (diferentes locuções nominais, em especial a locução *a gente*, usada com muita frequência) que, possuindo uma função similar, integram-se e interagem numa relação não necessariamente estável.

- **Fase LNE** - Nessa fase MENON descreve o momento em que *gente*, acompanhada do artigo definido *a*, como vimos, forma uma locução nominal especial, que perde a possibilidade de variação de número, também perdendo a condição de concordar com adjetivos no feminino no caso de predicativo do sujeito. Assim, fixam-se significados diferentes para os diferentes usos do substantivo *gente* e para a locução nominal *a gente*. É possível estabelecer relação entre a fase LNE e o princípio da **divergência** (*divergence*) que, segundo HOPPER, trata do momento em que a nova forma gramaticalizada (*a gente*) assume uma função diferente daquela pertencente à forma antiga, que permanece como um elemento lexical autônomo (substantivo *gente*).

Também o princípio da **estratificação** pode ser aqui reconhecido, haja vista a permanência de *gente* como um elemento lexical autônomo, enquanto *a gente* assume um *status* funcional diferente, de locução nominal especial.

- **Fase LNI** – nesse momento, MENON relata ter a LNE perdido a capacidade de flexão de número, então *a gente* corresponderia a uma locução nominal invariável, fase em que *a gente* passa a ser empregada como uma das formas de indeterminação do sujeito, cujo caráter mais importante é a genericidade do referente. Neste caso, correlacionamos o princípio da **especialização** (*specialization*), quando começa a ser perceptível que uma das formas começa a se diferenciar. HOPPER considera que o princípio atua no momento em que variedade de formas se restringe e um número

menor de formas selecionadas apresenta significados gramaticais mais gerais, reduzindo o número de escolhas. Assim, uma das formas pode tornar-se obrigatória, ou seja há perda da possibilidade de escolha quando essa forma é completamente gramaticalizada. No caso de *a gente*, esta é a forma que se especializa na função de pronome indefinido genérico, *as gentes*, por exemplo, permanecendo a existir o substantivo *gente*.

Ainda em LNI, MENON afirma ter *a gente* mantido do sentido original, oriundo do substantivo *gente*, o caráter coletivo. Daí o falante poder se incluir nesse “coletivo” e assumir a condição de um NÓS INCLUSIVO (eu + tu) - BENVENISTE (1976) - ou individualizar-se (eu). *A gente* passa assim a pronome, sendo utilizado como uma das formas de indeterminação do sujeito. Aqui torna-se possível estabelecer também um paralelo com o princípio da **persistência** (*persistence*), que se caracteriza quando, no processo de gramaticalização de uma forma lexical para uma gramatical, existe a tendência de um item manter traços semânticos do seu significado original. No caso de *a gente*, o item gramaticalizado, o traço guardado foi o caráter genérico, coletivo, do substantivo *gente*. Essa manutenção de significados incide nas restrições sobre a própria distribuição gramatical da forma gramaticalizada, já que parte de sua história lexical permanece.

- **Fase PRONOME INDETERMINADO > PRONOME PESSOAL** - no trabalho de MENON, este momento está representado pela fase de gramaticalização de *a gente*, agora como pronome pessoal, pois o falante pode se incluir naquele genérico indeterminador *a gente*. Recategorizado como pronome pessoal, a concordância varia como variam as funções assumidas pela forma: se indeterminador do sujeito, a concordância é feita no masculino (gênero não-marcado), se na forma de 1.^a pessoa do plural a concordância do predicativo é feita em conformidade com o sexo do referente extralingüístico, pois o pronome pessoal *a gente*, como outros pronomes pessoais dêiticos, não possui gênero inerente. É possível reconhecer nessa fase, o princípio de **descategorização** (*de-categorialization*), definido por HOPPER como o momento em que há perda ou anulação das marcas sintáticas e morfológicas de categorias principais

como *verbo* e *nome* sofridas por uma forma que se gramaticaliza. Os exemplos abaixo, retirados do *corpus*, ilustram as mudanças:

a. gênero não-marcado:

- informante do sexo feminino

(6) (...) e a gente não, a gente era mais seguro, mais severo (...) (LGS 01 SL0118)

b. gênero marcado:

- informante do sexo feminino

(7) Ah! Participava a gente era festeira também, né? (LGS 06 SL0891)

- informante do sexo masculino

(8) A gente não ficou rico, mas está assim mais ou menos bem assim, viu? (BLU 23 SL 0143)

1.4 A GENTE NOS DICIONÁRIOS E GRAMÁTICAS

A definição tradicional dos pronomes pessoais como aqueles que “indicam as pessoas do discurso” foi pesquisada em alguns dicionários a fim de verificarmos como se dá a menção de *a gente*, caso ela aconteça. FIGUEIREDO (1973 *apud* MENON, 1994 p.190), dicionarista português, define *gente* como “quantidade de pessoas: *encontrei muita gente*. População: *a gente daquela terra*. Habitantes de uma região. Humanidade: *a gente começou em Adão?* Pessoas com a mesma natureza, a mesma profissão, as mesmas idéias, as mesmas atitudes: *a gente das fábricas*. Força armada: *o comandante tinha pouca gente*. Família.” CALDAS, em 1958, no verbete *gente*, registra *a gente* indicando o significado *nós* e explica que o povo é quem usa “este nome singular” fazendo a concordância no plural, ex.: *a gente fomos ali*, a qual ele considera “contra o bom senso gramatical”. O mesmo autor, em 1964, registra *a gente* como o mesmo que *nós*, completando que “...nesse sentido o povo emprega este nome no singular, fazendo-o concordar com o verbo no plural: *a gente fomos: a gente*

mandamos...”, novamente salientando que tal uso não concerne à norma padrão. No dicionário de FERREIRA (1986) sobre o verbete *gente sf.*, está o registro da “forma” *a gente* significando “...a(s) pessoa(s) que fala(m): *eu, nós...*”. Verificamos que nenhum desses dicionários menciona, no verbete *nós*, a possibilidade de significado *a gente*. A consulta aos dicionários revelou que *a gente* já se apresenta com a função de pronome desde a publicação mais antiga aqui utilizada, mas tal função não é reconhecida por nenhum dos dicionaristas, além de estar restrita por eles à fala coloquial. Podemos perceber que os dados da fala são tratados nas obras com receio e/ou insegurança, contribuindo para a manutenção dos preceitos gramaticais canônicos sobre os pronomes pessoais.

Em se tratando das GTs, CUNHA & CINTRA (1985:269) explicam que os pronomes pessoais caracterizam-se por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio: a) quem fala (1.^a pessoa: *eu* (sing.), *nós* (plural)); b) com quem se fala (2.^a pessoa: *tu* (sing.), *vós* (plural)); c) de quem se fala (3.^a pessoa: *ele, ela* (sing.); *eles, elas* (plural)). *A gente* é apenas mencionado na exemplificação de silepse: *Já toda a gente estava indignada. Queriam ouvir.* (*M. Torga*), significando um “sujeito coletivo”.(p. 614), não havendo a sua referência como pronome.

CEGALLA (1998:170) relata que os pronomes pessoais são palavras que substituem os nomes e representam as pessoas do discurso e, igualmente a CUNHA e CINTRA, define três: 1.^a pessoa: a que fala: *eu, nós*; 2.^a pessoa; a com quem se fala: *tu, vós*; 3.^a pessoa: a de quem se fala: *ele, ela, eles, elas*. O pronome *a gente* não é mencionado mas, contraditoriamente, *a gente* aparece no capítulo sobre estilística, na figura da silepse de gênero, onde está o seguinte exemplo: *Quando a gente é novo, gosta de fazer bonito.* (*Guimarães Rosa*, p.551), que mostra *a gente* “representando” a 1.^a pessoa do discurso, portanto, segundo a própria definição do autor, sendo um pronome pessoal.

Ainda CEGALLA define que a função dos pronomes é de representar um substantivo ou de acompanhar um substantivo para determinar-lhe a extensão do

significado, definição comum entre as gramáticas tradicionais, mas basta nos utilizarmos de um exemplo¹⁰ como:

(9) *Eu só trabalho em casa, meu trabalho é no lar, né?*

Nele podemos verificar que *lar* representa o antecedente *casa*, mas não é considerado um pronome. Ou como:

(10) *Me trouxeram a chave da casa e finalmente eu pude entrar.*

Neste caso, não é possível modificar os pronomes destacados por nomes próprios sem tornar o enunciado agramatical, prova de que os pronomes nem sempre estão no lugar de nomes.

O que as GTs não mencionam é que os pronomes podem exercer também outras funções, como as seguintes, elencadas por BARRENECHEA, 1962, *apud* MONTEIRO, 1994: 31-2:

- a) os pronomes às vezes indicam objetos de nomes desconhecidos;
- b) costumam referir-se não apenas a objetos anteriormente designados, mas também aos que se fazem presentes no momento da enunciação, caso em que deixam de ter caráter substitutivo;
- c) é difícil determinar que vocábulos certos pronomes (os interrogativos, por exemplo) são capazes de suprir;
- d) não é raro um pronome anteceder a um substantivo (*Ego, Caesar...*), quando então é absurdo imaginar que um esteja no lugar do outro;
- e) todo sujeito falante, ao referir-se a si mesmo, usa sempre a forma eu, o que mostra logicamente que eu é um elemento primário e não vicário.

Não pretendemos aprofundar a discussão sobre as funções dos pronomes neste momento, mas ela pode ser vista em SILVA (1974) ou MONTEIRO (1994), entre outros.

¹⁰ Os exemplos 9 e 10 são de nossa autoria.

Na gramática de FARACO E MOURA (2000:284), em relação aos pronomes pessoais, os autores também identificam três pessoas gramaticais: 1.^a pessoa: *eu/nós*: quem fala ou escreve, de quem parte o discurso; 2.^a pessoa: *tu/vós*: pessoa a quem se dirige a primeira pessoa; 3.^a pessoa: *ele, ela/eles, elas*: pessoa ou coisa que não é *eu* ou *tu*. É a pessoa de que ou de quem se fala, ou seja, é o assunto. Neste caso, um subtítulo especial aparece depois da apresentação dos pronomes pessoais e de tratamento canônicos, “A expressão *a gente*”, que se constitui, ao nosso ver, de uma prova de seu reconhecimento, todavia de incerteza/insegurança de sua classificação, já que mencionada separadamente, em novo título, dos pronomes pessoais lá considerados. Partindo da característica classificatória deste tipo de manual, consideramos que a denominação dada para *a gente* como “expressão” contraria a forma de classificação das palavras pregada pela própria GT, que se baseia em dez classes gramaticais entre as quais não existe a classe “expressão”. Se houve a inclusão de *a gente* no capítulo dos pronomes, não seria coerente falar de o “pronome *a gente*”, ou a “expressão pronominal *a gente*”? Se não foi a intenção complicar, também parece não ter sido a de esclarecer. Nessa obra, a confusão por parte dos autores fica ainda mais evidente quando afirmam que o uso de *a gente*, na linguagem coloquial, ocorre como possibilidade freqüente de substituição do pronome pessoal *nós*, destacando os seguintes exemplos (p.287)¹¹:

(11) *Um segurança nos xingou e queria nos agredir para que a gente saísse da estação.*
(Folha de São Paulo)

Como forma referente à primeira pessoa do singular:

(12) *Se a gente ganhar a luta, tudo na minha vida será diferente – disse o pugilista*¹².

Com valor impessoal, indeterminado:

(13) *“Eu sabia os riscos que estava correndo. A gente sempre pensa: comigo não vai acontecer. Ai aconteceu”, diz.* (Folha de São Paulo)

¹¹ Numeração nossa.

¹² Grifo nosso.

Verificamos que os autores não identificam quem são os autores das frases (11) e (13), exemplos retirados da Folha de São Paulo, apenas é mencionado como emissor, no exemplo fictício (12), um pugilista, interpretado, no senso comum, como alguém de baixa escolaridade, não usuário da língua culta. Em (13), exemplo para o valor impessoal e indeterminado para a “expressão”, os autores fazem equivaler *a gente pensa* com *pensa-se*, ou seja, fazem a “adequação” de *a gente* aos critérios da GT para indeterminação, a saber:

1º - emprego da forma verbal na 3.ª pessoa do singular + pronome *se*, denominado neste caso de *índice de indeterminação do sujeito*

2º - utilização do verbo flexionado na 3.ª pessoa do plural, sem referente anterior expresso.

Em referência ao primeiro critério, o falante não usa *se*, usa *a gente pensa*, ou seja, a forma usada como sujeito na oração apresenta mais circunstâncias de determinação do que de indeterminação, pois há expresso um referente anterior determinado (*eu*), e após o uso de *a gente*, o falante retoma a referência à primeira pessoa através do pronome pessoal oblíquo *comigo*. No entanto, pela interpretação da frase, não descartamos a possibilidade de que *a gente* em (13) possa ser indeterminador, podendo ser alternado com *se*. Quanto ao segundo critério, o mesmo acontece, o referente *eu* está expresso na oração anterior, não satisfazendo o que foi estabelecido pela GT¹³.

Essas contradições nos levam a discutir também a noção de *pessoa* encontrada nas GTs. Conforme FARACO e MOURA (p. 284) “pessoa refere-se aos diferentes papéis que pessoas e coisas desempenham numa situação de comunicação verbal”, constituindo, pois, um conceito gramatical que envolve três pessoas do discurso: primeira pessoa (quem fala); segunda pessoa (com quem se fala); e terceira pessoa (de quem se fala). Percebe-se que a GT não considera que o ato comunicativo envolve apenas duas pessoas: aquela que fala (quem fala) e aquela que ouve (com quem se fala).

¹³ Sobre indeterminação do sujeito no PB, ver discussão aprofundada em MENON (1994) com dados do NURC/SP.

Essa questão é discutida por BENVENISTE (1976), para quem se constitui *pessoa* o EU e o NÃO-EU, tratados por ele como *participantes do diálogo*. Diferentemente da tradição gramatical, BENVENISTE considera que a ligação entre emissor e receptor durante o processo de comunicação é o discurso, e que este comporta apenas duas pessoas: a primeira pessoa, o EU (emissor) e a segunda pessoa, o NÃO-EU (receptor). Ele inclui também a NÃO-PESSOA, que não é emissor nem receptor e que compreende tanto seres vivos quanto objetos - a chamada terceira pessoa do discurso (ELE). Assim, EU e NÃO-EU são marcados quanto à pessoa representada pelo emissor e pelo receptor na enunciação, enquanto que a NÃO-PESSOA não é marcada pela relação de *pessoalidade*, o que possibilita a sua pluralização. Já o EU e o NÃO-EU não sofrem pluralização (multiplicação), mas *ampliação*, isto é, aumentam seu conteúdo e sua abrangência. (não se pode pluralizar *eu* + *eu* nem *tu* + *tu* sem mudar de pessoa). *Nós* representa o caso do EU AMPLIADO: o EU abrange o NÃO-EU e/ou a NÃO-PESSOA.

Retomando as considerações sobre indeterminação, a perspectiva de BENVENISTE sobre *pessoa* comprova os casos de indeterminação com pronome pessoal expresso, fato que as GTs omitem, pois ignoram que o pronome pessoal *nós* seja indeterminador. No caso de *a gente*, é reconhecido seu traço indeterminador, mas desconsiderada a sua função de pronome - *a gente* é uma “expressão” com valor indeterminado. Para ilustrar essas questões, retiramos alguns exemplo da nossa amostra:

(14) *Que a gente nunca sabe o destino da gente né? (BLU 02, SL 1177)*

(15) *Então são pessoas muito sofridas, né? Que a gente sente esse cheiro de sangue dessas pessoas, no caso, lógico, que a gente falando assim, têm muitas pessoas que discordam com a gente, né? Não acreditam, mas a verdade é a seguinte: que se não existisse uma força superior que nós chamamos de Deus, o filho de Deus, que é Jesus Cristo, mas as pessoas podem dar o nome que quiserem (...) (BLU 07, SL 0997)*

Em (14) a informante poderia substituir o primeiro pronome *a gente* por *se* (chamado pela GT de índice de indeterminação do sujeito) assim construindo a oração:

“nunca se sabe o destino da gente, né?”, o que demonstra o caráter de indeterminação do pronome pessoal explícito *a gente*¹⁴. No exemplo (15), não é possível determinar exatamente a quem o falante se refere quando usa *a gente* pela primeira vez e quando, posteriormente, usa *nós*, se a ele mesmo, se a ele e os da sua religião, se a todos que acreditam em Deus, se a ele e a família ou ainda se a ele e ao entrevistador. Ao final do turno, o falante confirma a intenção de indeterminar o referente quando usa *as pessoas*, também uma forma de indeterminação do agente. (cf. MENON, 1994 p.212). Em ambos os exemplos, os pronomes pessoais *a gente* e *nós* estão sendo usados para expressar referentes indeterminados, comprovando, então, a sua condição de indeterminadores expressos na oração.

Ainda em FARACO E MOURA (p.287) quando tratam de *a gente*, fazendo jus aos exemplos “selecionados”, a referência à forma *a gente* termina com a seguinte observação: “A norma culta da língua tende a rejeitar essas construções, comuns na fala coloquial”, através do que podemos perceber que os diferentes trabalhos já realizados sobre a variação *nós/a gente* na norma culta, que se utilizaram de bancos de dados constituídos de amostras de fala urbana culta e onde muitos exemplos poderiam ser encontrados, são ignorados pelos autores da GT.

Infelizmente, o que se pode observar é que a gramática tradicional pratica uma avaliação tendenciosa e preconceituosa da língua, não reconhecendo as inovações gramaticais e ignorando os resultados de pesquisas lingüísticas sobre a norma urbana culta do PB. Verificamos que *a gente* não é considerado pelos gramáticos como pronome pessoal de primeira pessoa, sendo tratado de diversas formas e de formas contraditórias em diferentes gramáticas, ou nem mesmo sendo mencionado. Porém, é possível afirmar através dos resultados de diferentes trabalhos que abordaram o fenômeno de variação *nós/ a gente*, e exemplificar com dados do *corpus* aqui investigado, que *a gente* no PB, além de ser usado na função de sujeito, pode exercer outras funções gramaticais como:

¹⁴ Acrescento interessante questionamento feito na ocasião de minha Banca Examinadora, feito pelo Prof. Dr. José L. V. Mercer sobre a não consideração de SE como variante de *a gente*. “Por que se diz que a

- Adjunto adnominal - (...) *os pais da gente olhavam pra gente* (...) (LGS16 SL0084)
- objeto direto - (...) *ninguém mexe, não roubam aqui, não incomodam a gente de noite* (...) LGS 05 SL0504
- adjunto adverbial – *O que aconteceria com a gente.* (BLU 09 SL 1262)
- complemento nominal – *Isso é bom pra gente que convive hoje com o comércio, né* (LGS 10 SL1146)

1.5 A GENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS

Diante da constatação feita de que muitas das gramáticas tradicionais e dicionários não apresentam conjuntamente as formas *nós/ a gente* como pronomes pessoais de 1.^a pessoa, propusemo-nos a investigar se tal ausência e distinção também se configuraria nos livros didáticos utilizados pela rede pública municipal e estadual do município de São Bento do Sul, no estado de Santa Catarina. Procuramos averiguar:

- 1) se o pronome *a gente* na função de sujeito seria encontrado nos textos selecionados para compor o material didático;
- 2) como *a gente* seria tratado pelos autores dos livros:
 - a) como pronome pessoal de primeira pessoa do plural;
 - b) explicitamente justificado como forma usada como referência à primeira pessoa do plural mas relegado à fala coloquial;
 - c) parte dos textos sem qualquer informação adicional.

3) se a contradição seria comprovada pelo elenco de pronomes pessoais apresentados, ou seja, tal elenco traria como 1.^a pessoa do plural apenas o canônico *nós*, enquanto que os textos trariam *a gente*.

A rede municipal de ensino de São Bento do Sul adota, de 5.^a a 8.^a série, a coleção de livros de língua portuguesa com o título “ALP – Análise, linguagem e pensamento”, cuja autoria é de Maria Fernandes Cócó e Marco Antônio Hailer – autores sem apresentação acadêmica e/ou de experiência profissional referenciadas na obra. A publicação é da FTD, 1999. No seu texto introdutório, no qual apresentam a proposta de trabalho do material didático, os autores mencionam a existência da sociolinguística e a importância de seus estudos, porém não é dado nenhum esclarecimento sobre variação e norma ou de como esses estudos estarão sendo utilizados pelo material didático.

Os pronomes pessoais são apresentados no livro de 6.^a série, como “a palavra que substitui o nome” no caso, o nome do narrador no texto “No dia em que vim-me embora”, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, o pronome de 1.^a pessoa *eu*. Os autores pedem, então, para que o aluno consulte uma gramática e liste os pronomes pessoais do caso reto e as suas respectivas pessoas. Já constatamos que a GT não apresenta *a gente* como pronome pessoal, portanto os alunos - assim como o professor - a princípio considerarão apenas a forma canônica *nós* como pronome pessoal de 1.^a pessoa do plural a ser utilizada na norma culta. Porém, na orientação dada à parte ao professor, encontrada em encarte especial no início de cada volume, sem explicações ou orientações adicionais, a orientação é de que se mostre aos alunos “que a expressão coloquial *a gente* também¹⁵ é utilizada como pronome pessoal do caso reto”, e que “o verbo deve concordar com a 3.^a pessoa do singular e nunca com a 1.^a do plural. Exemplo: *A gente foi para casa.*” Os autores não assumem claramente uma definição para *a gente*, se expressão coloquial ou pronome, e ainda solicitam que a concordância de um pronome pessoal de 1.^a pessoa – quem fala, o que é inferível pelo exemplo, seja feita com a 3.^a pessoa – de quem se fala, sem dar quaisquer explicações ao professor.

¹⁵ Neste caso a palavra *também* poderia ser excluída, já que *a gente* enquanto “expressão coloquial” só é empregada como pronome pessoal.

As ocorrências encontradas do pronome *a gente* na função de sujeito, em cada livro da coleção, foram as seguintes:

QUADRO 01 – OCORRÊNCIAS DE *A GENTE* NA FUNÇÃO DE SUJEITO ENCONTRADAS NA COLEÇÃO “ALP – ANÁLISE, LINGUAGEM E PENSAMENTO”

Série	Nº de ocorrências de <i>a gente</i>
5. ^a	05
6. ^a	04
7. ^a	06
8. ^a	03
Total	20¹⁶

Entre os textos investigados que apresentaram *a gente* como pronome de 1.^a pessoa, incluindo crônicas, letras de música e poesias, encontramos autores como Carlos Drummond de Andrade (maior número de *a gente* - com sentido indeterminado - em um mesmo texto), Lourenço Diaféria, Jorge Amado, Chico Buarque de Holanda e Rubem Braga, certamente considerados usuários da norma culta. Esses autores inseriram na fala de personagens igualmente cultos, e em situações formais, o pronome *a gente*, demonstrando seu uso – inclusive alternado – na fala e na escrita. Depois do texto de Jorge Amado, um diálogo do livro *Capitães da Areia*, há um exercício pedindo que o texto em linguagem coloquial seja reescrito em linguagem “padrão ou culta”. Além disso, pede-se para que seja identificada a classe social dos meninos de rua que participam do diálogo, que, sem dúvida, serão identificados como membros da classe baixa, ou como miseráveis, sem escolaridade e sem cultura. Cria-se assim um condicionamento para que professor e alunos associem o uso de *a gente* à fala

¹⁶ Anexo 01.

coloquial, “errada” perante a GT, além de marcar a idéia de inferioridade lingüística como reflexo da inferioridade social.

Da rede pública estadual de São Bento do Sul, analisamos a coleção didática de livros de língua portuguesa “Interação & Transformação”. A coleção é referente ao ensino de 5.^a a 8.^a série, e tem como autoras Cleuza Vilas Boas Bourgogne e Lilian Santos Silva – cuja formação acadêmica e experiência de trabalho com o ensino de língua portuguesa também não são mencionadas. A publicação é da Editora do Brasil, datada de 1996. Na investigação realizada nos textos dos quatro livros, pudemos constatar que a definição de pronome pessoal é dada no volume da 5.^a série, e apenas as formas canônicas são consideradas: “A primeira pessoa do discurso será *eu* (sing.) ou *nós* (pl.); a segunda pessoa será *tu* (sing.) ou *vós* (pl.); e a terceira pessoa *ele, ela* (sing.) ou *eles, elas* (pl.).” Além da omissão de *a gente* como pronome de 1.^a pessoa, o mesmo acontece com o pronome de 2.^a pessoa *você*. Dessa forma, as crianças serão ensinadas a reconhecer como aquele “com quem se fala” apenas o pronome *tu*, quando o professor as interpela perguntando *Vocês entenderam?* Ou o colega ao lado afirma *Você pegou a minha caneta!*

Consideramos interessante comentar que, no volume referente a 8.^a série, encontra-se o texto *Variedades Lingüísticas*, de Sílvia Figueiredo Brandão, no qual a autora alerta sobre o preconceito lingüístico e afirma que “desvincular o falante de seus costumes e caracteres lingüísticos é afastá-lo de sua essência e autenticidade”. Algumas páginas depois, no mesmo livro, encontramos um texto das próprias autoras onde gramática é definida como conjunto de regras que garante o uso da língua padrão - como se a coloquial não seguisse regras ou não fizesse parte da gramática da língua. Constatamos também a seguinte afirmação: “algumas vezes o falante se desvia da norma culta por descuido ou falta de conhecimento.” Neste caso, tais “desvios” são considerados vícios de linguagem e, na seqüência do exercício, são classificados alguns deles. Percebemos que na perspectiva das autoras, a produção de formas diferentes do padrão é considerada desvio, erro, vício e não consequência de fatores lingüísticos ou extralingüísticos que atuam sobre a língua. Torna-se difícil para o professor de língua portuguesa que esteja desinformado ou mal-informado sobre as

questões que envolvem a variação e norma, discutir com seus alunos tais afirmações, podendo manter ou mesmo gerar posturas bastante contraditórias no seu trabalho de ensino da língua.

Ressaltamos que o ensino da língua envolve questões que, diretamente, usam a língua como expressão ou repressão social, histórica e política, fazendo com que a atuação do professor de língua seja extremamente importante no contexto escolar e fora dele. Ao tratar questões como a diferença entre o uso oral e o uso escrito da língua ou a relação entre a classe social de quem fala e o valor do que diz, acreditamos que o professor não pode submeter seus alunos à inculcação da ideologia dominante, que discrimina a forma de falar das classes populares às quais pertence a grande maioria da população brasileira.

As ocorrências de *a gente* na função de pronome pessoal de 1.^a pessoa, em cada livro da coleção, foram:

QUADRO 02 – OCORRÊNCIAS DE *A GENTE* NA FUNÇÃO DE SUJEITO ENCONTRADAS NA COLEÇÃO “INTERAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO”

Série	Nº de ocorrências de <i>a gente</i>
5. ^a	25
6. ^a	01
7. ^a	00
8. ^a	25
Total	51

Neste caso pudemos observar que, na variada tipologia de textos apresentada, novamente autores como Carlos Drummond de Andrade, Ignácio de Loyola Brandão, Graciliano Ramos e Ruth Rocha, além de outros representantes do uso da norma culta como o economista Joelmir Beting, utilizam-se da forma *a gente* referindo-se à primeira pessoa do plural ou do singular.

O número total de ocorrências é mais do que o dobro em relação à coleção ALP, sendo que o maior número de *a gente* em um mesmo texto ocorreu na música “Comida” de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito, do grupo Titãs (p.27):

COMIDA

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida

A gente quer comida, diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida

A gente quer bebida, diversão balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida como a vida quer
Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer
A gente quer comer e quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer pra aliviar a dor
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade.

São dezesseis ocorrências de *a gente* nessa música que fez muito sucesso entre os jovens na década de noventa, preferência talvez motivadora da inclusão do texto no livro da 8ª série. Na interpretação do texto proposta pelas autoras, encontramos uma pergunta assim formulada: “os autores utilizam a expressão ‘a gente’ para se referirem a quem?” (p. 28). Supomos que a resposta óbvia seria: *nós, os brasileiros*, mas não há qualquer comentário adicional sobre a “forma” ser utilizada como pronome de primeira pessoa do plural, nem no livro do aluno, nem no encarte suplementar para o professor. Interessante foi a utilização de um trecho da mesma música para exemplificação de *anáfora*, assim definida “A repetição da mesma palavra ou estrutura no início de diversas orações ou versos é conhecida como uma figura sintática: *anáfora*” (p.29). Está destacado o seguinte fragmento: *A gente não quer só comer/A gente quer comer e quer fazer amor/ a gente não quer só comer/ a gente quer prazer pra aliviar a dor...* O pronome *a gente* é o que mais se repete, estando presente no início de todos os versos, portanto estando novamente em destaque para o aluno, porém as autoras pedem que seja observada “a repetição de algumas palavras”, omitindo qualquer definição que pudesse esclarecer a função pronominal de *a gente*.

Ao analisarmos a presença do pronome *a gente* nos livros didáticos, constatamos que os textos “modelo” contradizem as formas pronominais apresentadas aos alunos. O pronome pessoal *a gente* faz parte, inclusive, do vocabulário das autoras da coleção didática “Interação e Transformação”, que inserem a forma pronominal sujeito *a gente* num dos textos de abertura de unidade, demonstrando mais uma vez, agora em seu próprio texto, uma apresentação contraditória da língua. Dessa forma, acabam ensinando para o aluno que o seu objeto de estudo não é a língua que usa, mas algo distante e sem função.

Comprovamos na coleção *Interação & Transformação* a nossa hipótese de que encontraríamos a forma pronominal sujeito *a gente* nos textos da coleção didática, enquanto a apresentação dos pronomes pessoais não a incluiria.

Nos livros da coleção *ALP - Análise, linguagem e pensamento* verificamos que a inclusão de *a gente* como pronome pessoal é feita, mas restrita à linguagem coloquial – apesar de ocorrer em textos produzidos por autores que dominam a norma culta e ser colocada na fala de personagens identificáveis como cultos – ficando para o professor a opção de tratar da variação entre *nós* e *a gente* como pronomes de 1.^a pessoa ou não, isso caso ele tenha qualquer informação a respeito, já que a orientação sobre *a gente* como sujeito não aparece no livro do aluno, apenas em encarte dirigido ao professor.

No aspecto do ensino de língua materna e uso dos pronomes pessoais no PB, consideramos importante destacar o trabalho de FREITAS (1991b), que, através do projeto “Da pesquisa científica à gramática pedagógica – uma incursão no campo dos pronomes pessoais sujeito e paradigmas verbais com base no *corpus* do projeto NURC”, tem levado os resultados das pesquisas lingüísticas sobre as atuais mudanças no paradigma pronominal do PB até o ensino de 1.^o e 2.^o graus, partindo da reflexão lingüística junto aos professores.

Com a elaboração de manuais, o projeto visa orientar o professor sobre aspectos da língua materna a serem ensinados, o que sempre é precedido de uma orientação teórica e seguido de uma orientação pedagógica, de maneira adequada ao nível de ensino praticado.

O manual do 1.º grau elaborado pela pesquisadora apresenta assim os pronomes pessoais sujeito na norma culta falada e escrita do PB:

1.^a pessoa: *eu / nós e a gente: a pessoa que fala, o emissor em um diálogo;*

nós/ a gente: combinação variada entre emissor, receptor e outros:

1.^a combinação: emissor + receptor

2.^a combinação: emissor + receptor + outros

3.^a combinação: emissor + outros

2.^a pessoa: *você, tu / vocês, vós / o senhor, a senhora / os senhores, as senhoras: a pessoa com quem se fala, o receptor em um diálogo;*

3.^a pessoa: *ele, ela / eles, elas: a pessoa de quem se fala, a que está fora do diálogo, o outro, a outra.*

A proposta da autora se mostra importante pois, além de eliminar a segmentação da GT entre pronomes pessoais e de tratamento, apresenta *eu, nós e a gente* coocorrendo como pronomes de 1.^a pessoa em diferentes combinações, conforme o EU AMPLIADO definido por BENVENISTE (1976), exceto por excluir a NÃO-PESSOA. O mesmo acontece na definição da 3.^a pessoa, a NÃO-PESSOA, que não é marcada pela relação de pessoalidade, não é considerada haja vista as possibilidades determinadas por FREITAS - *a pessoa de quem se fala, a que está fora do diálogo, o outro, a outra* - não contemplarem objeto ou assunto.

Investigamos apenas duas coleções de livros didáticos, mas consideramos que representaram uma amostragem significativa, e é por elas que afirmamos que, assim como nas gramáticas e dicionários mencionados, quando há apresentação da forma *a gente*, sua classificação gramatical e valor social são alvo de incertezas e preconceitos, mesmo havendo nos próprios livros provas contundentes do seu uso como pronome na norma culta.

Na sequência, nos reportaremos especificamente à alternância das formas pronominais estudadas nesta pesquisa.

1.6 OS ANTECEDENTES NO ESTUDO DA ALTERNÂNCIA *NÓS/ A GENTE*

O trabalho pioneiro sobre a alternância entre o uso de *nós* ou de *a gente* deve-se a OMENA, 1978, publicado em 1996, que analisou uma amostra da fala de 48 informantes cariocas pertencente ao banco de dados do Projeto Censo Lingüístico do Rio de Janeiro. Esses informantes estavam divididos em três faixas etárias (15-25 anos, 26-49 anos, 50 anos ou mais); três níveis de instrução (1.^a a 4.^a série do primário, 5.^a a 8.^a série do ginásio e 2.^o grau) e dois sexos. OMENA analisou as variantes como pronomes na função de sujeito, pois afirma ser nessa função sintática que as formas mais aparecem. A pesquisa é centrada na alternância do uso de *nós* e *a gente* quando apresenta como comuns os traços de [+ 1^a pessoa gramatical] e [+ pluralidade], observando a possibilidade de *nós* e *a gente* serem consideradas formas ambíguas de referência à primeira pessoa do plural e à primeira pessoa do singular em contextos determinados. Sua proposta é identificar e analisar porque o falante usa uma das formas em vez da outra em contextos iguais.

Entre os fatores testados em sua pesquisa, OMENA procurou avaliar o uso de *nós* e *a gente* sob uma função discursiva, considerando *a disposição das formas na seqüência do discurso*, a fim de verificar a coesão pelo uso do pronome anafórico. Nessa perspectiva, seu âmbito de análise ultrapassava o nível do período, atingindo uma seqüência discursiva. OMENA não deixa claro o que define como uma seqüência discursiva, considerando tanto o discurso que mantém o mesmo referente quanto aquele em que o falante menciona referentes distintos. Seus dados revelaram que o uso do falante de uma ou de outra forma não está relacionada à seqüência discursiva anterior, mas que o uso de *a gente* ao invés de *nós* como forma subsequente, tem maior probabilidade quando o falante usa a forma *a gente* como primeira referência na seqüência discursiva e essa referência não é mudada (adultos .81 e crianças .78). Com o uso de *nós*, se o falante usa essa forma como primeira referência e não há mudança dessa referência, a probabilidade maior é de que o falante continue usando *nós* (adultos .86 e crianças .75).

No âmbito da morfossintaxe, OMENA testa *a influência da saliência fônica*, i. e., se o grau de diferença entre formas verbais de 3.^a pessoa do singular e 1.^a pessoa do plural interfere na escolha entre as formas. A autora comprovou a hipótese de que, se a concordância do verbo com o sujeito se torna sensível quando relacionada ao grau de saliência fônica verbal, o falante usaria mais como sujeito a forma *nós* com o verbo flexionado *-mos*, com formas verbais que apresentem maior diferença fônica entre a terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural. A saliência fônica também influencia a escolha do falante pela forma *a gente*, que fica favorecida pelo uso das formas verbais com menor saliência fônica.

OMENA afirma que o uso de *a gente* no lugar de *nós* caracteriza, no PB, um processo de mudança lingüística numa espécie de *continuum*, que começa em contextos onde não há variação e vai até a substituição completa de uma forma pela outra. São exemplos:

a) *A influência do infinitivo sobre o uso da forma a gente quando na função de sujeito*

Nesse caso, nas construções sintáticas em que *a gente* é o sujeito de uma oração completiva ou exerce a função de objeto da oração principal e sujeito da oração subordinada, o condicionamento é categórico: nessa posição, assim como nos casos de gerúndio, ou o falante usa *a gente* ou há elipse do pronome (Ø).

b) *O uso dos tempos verbais*

A pesquisadora verificou que, para o presente, passado e futuro e não-marcado, a ação no presente (.55) e nos tempos não-marcados (.83) favorecem o uso de *a gente*, enquanto que no tempo passado (.64) e no tempo futuro (.75) a probabilidade maior é do uso de *nós*.

c) *O fator faixa etária;*

Na sua pesquisa, OMENA também comprovou que o uso de *a gente* se apresenta maior na faixa etária mais jovem, um forte indicativo, segundo a Teoria

Sociolinguística, de um processo de mudança linguística em curso, assim como o fator escolarização, mostrou-se relevante para alternância das formas *nós/ a gente*. Observando o uso de *nós* nos adultos, ela pode comprovar que o ginásio influencia o comportamento do falante para que use mais *nós* (.78) e, conseqüentemente, menos *a gente*. Já entre o primário (.66) e o 2.º grau (.61) a diferença apresentada no uso de *nós* foi insignificante. OMENA atribui o uso elevado de *nós* pelos adultos com primário em razão de que no 4º ano inicia-se o estudo sistemático da conjugação verbal (*nós* com -*mos*). Também essa seria a razão do uso de *nós* no ginásio. Quanto ao 2.º grau, o uso elevado de *a gente* é atribuído ao uso da gíria e de mais formas de tratamento informais.

Salientamos que os dados alcançados por OMENA foram de suma importância para subsidiar as hipóteses testadas neste trabalho.

FERNANDES e GORSKI (1986) também estudaram a variação *nós/a gente* com dados de informantes cariocas. Sua amostra, constituída de dados orais de 64 informantes de classe econômica baixa e pouca escolaridade, representou a fala coloquial. Os resultados obtidos demonstraram que, na fala popular, o processo de mudança representado pelo uso de *a gente* concorrendo com o uso de *nós* como pronome sujeito está provocando uma distinção de sentido entre formas verbais do presente e do pretérito perfeito quando essas formas se opõem através da desinência verbal. Isso ocorre ao marcar-se o presente do indicativo através da desinência Ø (*nós/ a gente leva*) e o pretérito imperfeito pela desinência -*mos* (*nós/ a gente levamos*). Em outro aspecto, no mesmo trabalho, as autoras constataram a mudança de *nós* por *a gente* em todas as faixas etárias abordadas, indicando mudança em progresso.

Quanto à abrangência dos sujeitos *nós/a gente*, comentamos o estudo *Eu, você et alia em três diálogos* de ALBÁN E FREITAS (1991b), que também investigaram a variação *nós/ a gente* no corpus do projeto NURC/Salvador a partir de três inquéritos do tipo diálogo entre dois informantes. Os dados obtidos por elas revelaram que *a gente* concorre com a forma *nós* para a expressão do EU AMPLIADO, ou como EU mais a NÃO-PESSOA ou como forma de indeterminação do agente. Sua análise sobre a expressão do EU e o NÃO-EU no elenco do pronomes pessoais, relacionado as

formas de conteúdo com as formas de expressão dos pronomes pessoais sujeito, foi baseada em BENVENISTE (1976). Segundo as autoras, o uso de *nós* ou *a gente* não está relacionado com a amplitude atribuída pelo informante à pessoa EU, pois é possível ao falante somar ao EU AMPLIADO, além da combinação do EU (emissor) com o NÃO-EU (receptor), o elemento ALIA (a NÃO-PESSOA) (p.30):

Todo enunciado tem como ponto de partida um locutor que o emite e que, inevitavelmente, é o centro gerador do processo de comunicação. Em muitas situações ele pode escolher a maneira de se colocar no discurso: se opta por assumir o discurso como indivíduo isolado, usa a forma *eu*; se se situa juntamente com outro indivíduo ou com um grupo – quer especificado quer indeterminado – prefere *nós/ a gente*, como expressão do EU AMPLIADO, ou outras formas.

As autoras dividem essas possibilidades em três categorias de abrangência do conteúdo das formas *nós* e *a gente*¹⁷:

a) EU + NÃO-EU (EU = locutor + NÃO-EU = interlocutor)

Ex.: *Eu acho que isso...se meu pai ou o seu fosse um cara desses, eu acho que a gente seria ignorante. (Inf. F1, Inq. 208)*

b) EU + ALIA (ALIA = ampliação do conceito de EU + EU AMPLIADO)

Ex.: *Fui companheiro de caça de meu pai...Nós, quando armávamos um...uma armadilha... (Inf. F3, Inq. 234)*

c) EU + NÃO-EU + ALIA (grau máximo de ampliação de *nós* e *a gente*)

Ex.: *Assim, eu não poderia dizer de outras unidades. Aqui na escola...nós não temos esse problema. (Inf. F3, Inq. 156)*

¹⁷ Organização posteriormente apresentada por FREITAS (1995) através do projeto “Da pesquisa científica à gramática pedagógica – uma incursão no campo dos pronomes pessoais sujeito e paradigmas verbais com base no *corpus* do projeto NURC”.

ALBÁN e FREITAS alertam que as categorias não se distinguem através de marcas formais, sendo identificada a abrangência apenas pelo contexto mais amplo dos enunciados ou do discurso.

As mesmas autoras, em pesquisa intitulada *Nós ou A Gente?* (1991a) retomam a análise dos dados do NURC/Salvador estudados em *Eu, você et alia em três diálogos* e testam as variáveis *faixa etária*, *momento de elocução* e *atitude do locutor* como possíveis condicionantes do uso de *nós* ou de *a gente*. Os resultados obtidos revelaram que a faixa etária foi a variável mais significativa, sendo que os mais jovens, F1 (25 a 35 anos), demonstraram preferência por *a gente*, enquanto que os informantes F3 (56 anos em diante), optaram mais pela forma *nós*, confirmando, assim como OMENA nos dados do Projeto Censo Lingüístico do Rio de Janeiro, a mudança em curso. Sobre as outras duas variáveis testadas, *momento da elocução* demonstrou maiores resultados em informantes mais velhos (F3), usuários de *nós* no primeiro terço das gravações. A variável *atitude do locutor* não foi significativa sobre a seleção de *nós* ou *a gente*. As pesquisadoras salientam, ao final do artigo, a preferência expressiva dos informantes mais jovens pela forma *a gente* e a inserção crescente dessa forma no discurso dos informantes mais velhos, o que demonstra “a vitalidade do uso em diálogos informais de *a gente* como forma pronominal no PB, ainda não devidamente incorporada em dicionários e gramáticas” (ALBÁN E FREITAS, 1991:86).

Mais recentemente, MENON, LAMBACH e LANDARIN (no prelo) analisaram um *corpus* de revistas em quadrinhos *O Pato Donald*, com o objetivo de analisar o resultado da variação *nós/a gente* em tempo real. As pesquisadoras testaram a variação *nós/a gente* quanto à data de publicação das revistas – tempo real e quanto à faixa etária¹⁸ dos personagens – tempo aparente.

Para isso, foram selecionadas as revistas por década (1950, 1959, 1969, 1979, 1989, 1999 até 1999) sendo registrado o total de 2059 dados. O fator mais relevante selecionado pelo pacote VARBRUL foi a data de publicação, seguido da faixa etária e

¹⁸ A faixa etária foi avaliada pelas características pessoais, atribuições e posição familiar de cada personagem, a classe social – alta, média ou baixa foi determinada pelo tipo de moradia e mobiliário, situação profissional, lazer e poder aquisitivo. A escolaridade foi medida pela capacidade e rapidez do raciocínio lógico de cada personagem.

da classe social. Segundo as pesquisadoras, a alternância das formas acontece mais no sentido da substituição de *nós* por *a gente*. Foram registrados 281 casos de alternância *nós...nós*, 01 (um caso) de *a gente...a gente*, 08 casos de *nós...a gente* e 10 casos de *a gente...nós*. Através dos pesos relativos obtidos no tempo real - .10 em 1950-52 e .82 em 1999 para o uso de *a gente* - as autoras também afirmam que a alternância *nós/ a gente* configura um processo de mudança. Em tempo aparente, o processo de mudança também é confirmado por .58 de probabilidade de uso de *a gente* pela faixa etária mais jovem.

Outro objetivo da pesquisa foi verificar a ocorrência do pronome *nós* junto ao verbo, a fim de testar o parâmetro *pro-drop*¹⁹ do PB, uma vez que o uso desse pronome é sempre marcado pela desinência verbal *-mos*. Quanto a afirmação de que a língua portuguesa não admite pronome junto ao verbo, os resultados da pesquisa demonstraram que, num total de 1840 ocorrências de *nós*, 250 casos foram de preenchimento (14%), enquanto que 1590 casos foram de não-preenchimento (86%). No entanto, após as rodadas do VARBRUL, no cômputo geral os pesos relativos obtidos revelaram que há uma leve tendência em direção ao preenchimento, apresentando .40 de probabilidade no início da década de 50; .62 em 1959; .49 em 1979; .57 em 1989 e, mesmo com .44 em 1999, os resultados demonstram um aumento no uso do pronome explícito.

Partiremos agora para as considerações metodológicas.

¹⁹ O termo PRO-DROP é advindo da teoria gerativa e trata da exigência da presença do pronome, haja vista a perda da capacidade de a morfologia verbal marcar semanticamente o sujeito do verbo. O português é considerado uma língua de sujeito nulo, característica essa que, segundo pesquisas já realizadas, estaria perdendo.

CAPITULO III

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, além de informar o objetivo central da pesquisa e relatar as hipóteses levantadas, especificaremos o *corpus* e os dados a serem incluídos na análise variacionista, assim como os grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos a serem testados a fim de investigar o processo de alternância representado pelos pronomes de primeira pessoa *nós* e *a gente*.

Atendendo ao objetivo central deste trabalho, investigamos o processo variacional representado pela alternância dos pronomes de primeira pessoa *nós* e *a gente* especificamente em posição de sujeito. Oportunamente, em outra investigação, pretendemos verificar o uso dessas formas também em outras funções, como na posição de objeto, por exemplo, (que poderia evidenciar questões interessantes no caso das construções reflexivas) verificando outros possíveis condicionamentos lingüísticos e sociais do fenômeno.

Reforçamos o que consideramos *seqüências* em relação aos pronomes-sujeito *nós* e *a gente*: uma sucessão mista ou igual de duas (*seqüência binária*) ou até de três formas pronominais (*seqüência ternária*) em um mesmo *turno de fala*, como já definido, uma elocução que se sucede a outra e que não faz sentido sem a compreensão da anterior (PHILIPS, 1976 *apud* RIBEIRO e GARCEZ, 1998 p. 30). O limite de três pronomes foi estabelecido após a verificação de que raramente encontravam-se quatro ocorrências ou mais em seqüência dentro de um mesmo turno. Não temos por foco a investigação das razões da primeira escolha do falante por uma das formas pronominais numa seqüência, como fez OMENA (1996), que analisou, sob a ótica do discurso, a influência da função dêitica (locutor + receptor) e anafórica (falante + ouvinte + outras pessoas) na decisão do falante entre *nós* ou *a gente* em seqüências. Ou seja, o que observamos são as opções do falante dentro de um mesmo turno não atendo-nos aos antecedentes dessas seqüências, a não ser nos casos de pronomes não

explícitos (\emptyset), nos quais buscamos o referente explícito anteriormente até o limite de dois turnos. No entanto, também pudemos averiguar as razões da escolha do falante por uma das formas sem a influência das seqüências porque codificamos também as ocorrências que chamamos de *isoladas*, i. e., aquelas que não aparecem em nenhum tipo de seqüência. Investigamos como ocorrem tais seqüências buscando identificar quais os contextos que as favorecem no *corpus* analisado, assim como analisamos os dados de ocorrências isoladas. Para tanto, aplicamos a Teoria da Variação (LABOV, 1972) e os procedimentos técnicos quantitativos na análise dos dados.

Utilizamos do Banco de Dados do VARSUL - Variação Lingüística Urbana da Região Sul do país, os dados referentes às cidades de Blumenau, Lages e Chapecó. O recorte do *corpus* foi assim realizado por observarmos que, mesmo diante do grande número de investigações já realizadas sobre a variável *nós/ a gente*, havia ausência de um trabalho específico sobre a alternância dessas formas na fala dos catarinenses.

O objetivo do Projeto VARSUL foi organizar um banco de dados lingüísticos, através do censo lingüístico da Região Sul. Essa organização desenvolveu-se através do trabalho conjunto entre pesquisadores das Universidades Federais do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e, a partir de 1992, também pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Constitui-se de um banco de dados informatizado de entrevistas realizadas em quatro cidades de cada estado do sul do país, a capital e três cidades do interior, estas escolhidas pela melhor representação das diferentes etnias que povoaram a região.

As entrevistas, do tipo informal entre informante e documentador, foram realizadas por estudantes universitários e contam com uma cópia em áudio, o banco de dados no computador e suas transcrições impressas em livros no sistema de três linhas previsto no projeto, que inclui: transcrição em ortografia corrente; indicação de pausas, hesitações, velocidade e ênfase; indicação de características fonéticas relevantes e classificação morfológica de cada item lexical. No presente trabalho, nos foram relevantes as informações da primeira e da segunda linha.

Trabalhamos com um *corpus* formado por um conjunto de 72 (setenta e duas) entrevistas, sendo que este número está igualmente dividido entre as cidades

pesquisadas, ou seja, foram analisadas as 24 (vinte e quatro) entrevistas de cada cidade. Estas entrevistas estão distribuídas por três graus de escolaridade (*primário*, *ginásio* e *secundário*), duas faixas etárias – *a* para menos de 45 anos e *b* para mais de 50 anos – e sexo, *masculino* ou *feminino*.

A fim de analisar os contextos favorecedores da alternância das formas pronominais *nós/ a gente*, empregamos o pacote de programas estatísticos VARBRUL (PINTZUK, 1988), um modelo matemático aplicado à sociolinguística quantitativa que fornece o peso relativo dos fatores de cada variável independente, ou de cada grupo de fatores condicionadores em relação à variável dependente, indicando a influência de cada um desses fatores sobre o uso de cada uma das variantes. Além disso, o programa efetua a seleção estatística dos grupos de fatores por ordem e relevância e estabelece, em termos de probabilidades, os níveis de interatividade dos grupos de fatores. Essas probabilidades são calculadas em níveis:

1º nível - é calculada a probabilidade de cada grupo de fatores separadamente e o grupo mais significativo para a escolha das variantes é selecionado;

2º nível – o grupo significativo selecionado no primeiro nível é cruzado com os demais grupos para testar-lhes a significância. Cada um deles é selecionado por ordem de relevância até que nenhum outro grupo seja selecionado.

Assim, o programa seleciona, em seqüência estabelecida pela maior importância entre os fatores significativos, quais os grupos de fatores que mais favorecem a aplicação da regra em teste.

Utilizamos para chegar à análise da regra variável os seguintes programas:

a) CHECKTOK; READTOK e MAKECELL – esses programas têm a função básica preparar os dados a fim de que pudessem ser submetidos ao programa IVARB. Segundo SCHERRE (1992: 05), “o CHECKTOK corrige os dados de entrada e gera os dados corrigidos. O READTOK efetua leves transformações nos dados corrigidos pelo CHECKTOK e gera novos dados com ligeiras modificações, agrupando, opcionalmente, em um só arquivo diversos arquivos corrigidos. O MAKECELL recebe os dados gerados pelo READTOK e os prepara para serem

executados”, no nosso caso, pelo IVARB. Durante essa preparação, podem surgir *knockouts*. Se houver *knockout*, isso significa que há fator (es) categórico(s) em alguma(s) das variáveis, ou seja, não ocorreu variação nos dados no que se refere ao fator apontado (todos estão relacionados ao “0” ou ao “1” da variável dependente).

b) IVARB - consiste no programa de regra variável que realiza a análise probabilística na forma binária²⁰. Seus resultados são apresentados através de cálculos estatísticos que atribuem pesos relativos aos fatores das variáveis independentes correlacionados às duas variantes do fenômeno lingüístico estudado. (SHERRE, op. cit.).

c) CROSSTAB – através do programa CROSSTAB é possível ao pesquisador fazer cruzamento das porcentagens atribuídas a dois grupos de fatores. Sua principal função é mostrar com mais clareza possíveis interferências entre dois ou mais grupos de fatores, sendo que a cada etapa de execução os cruzamentos podem ser realizados entre apenas dois grupos.

1.1 A VARIÁVEL DEPENDENTE

Como primeiro procedimento de análise, levantamos as ocorrências em que as formas *nós* e a *gente* estavam sendo usadas pelos falantes na função de sujeito, foco por nós escolhido nesta pesquisa dada a sua comprovada expressividade nessa função sintática, com a forma pronominal expressa ou não. (OMENA, 1986) Para tanto, nos utilizamos do programa computacional do VARSUL denominado *Interpretador* que, através de buscas em cada entrevista, selecionou as ocorrências das formas analisadas.

Codificamos:

Presença de a gente

²⁰ Para ver explicação sobre o funcionamento da opção *stepup/down* do IVARB, consultar SCHERRE, 1992, p. 27 a 29.

Ex.: *Aí a gente tem que ficar em cima da ponte, pulo ou não pulo.* (BLU SL0806)

Ausência de a gente (doravante representada pelo símbolo Ø) - identificável até dois períodos anteriores:

Ex.: *Mas, quando Ø precisa falar em alemão a gente sempre se vira.* (BLU SL 0019)

Presença de nós

Ex.: *Isso era umas sete horas da noite, no outro dia, de manhã, nós chegamos lá na casa para **dar uma olhada*** não deu nem para entrar.* (BLU SL0673)

Ausência de nós (Ø) - identificável no período pela flexão do verbo (-mos)

Ex.: *Ah, se Ø não chegássemos naquele horário já podia contar que a cinta velha já roncava.* (BLU SL0845)

** Apesar de organizarmos um arquivo das orações infinitiva, decidimos que esse tipo de ocorrência não seria por agora analisado.*

Foram consideradas:

1.2 OCORRÊNCIAS ISOLADAS DOS PRONOMES

a gente explícito ou não

nós explícito ou não

1.3 SEQÜÊNCIA BINÁRIA DOS PRONOMES (EXPLÍCITOS OU NÃO)

A gente/nós

Nós/ a gente

A gente/ a gente

Nós/ nós

Exemplos:

A gente/nós:

E se não fosse a gente plantar, nós íamos viver do quê? (CHP SL0015) Nós/ a gente:

Nós sempre éramos em quatro quando a gente saía domingo (...) (BLU SL0293)

1.4 SEQUÊNCIA TERNÁRIA DOS PRONOMES (EXPLÍCITOS OU NÃO)

A gente/nós/a gente

Nós/ a gente/nós

Nós/ ? / a gente*

A gente/ ? / nós

A gente/ a gente/ a gente

Nós/ nós/nós

** Sinal explicado mais adiante.*

1.5 CODIFICAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS TERNÁRIAS

Em razão de termos testado esse grupo com um grande número de fatores quando codificamos a primeira cidade, Blumenau, percebemos que isso dificultava o trabalho com o programa estatístico. O mesmo ocorreu com os paralelismos *formal* e *das formas pronominais* quando se tratava de seqüências ternárias. Chegamos a montar uma codificação que considerava a 1ª, a 2ª e a 3ª forma de uma seqüência, como mostramos abaixo:

Sequência ternária das formas

@ a gente/nós/nós

I a gente/nós/nós ou +

k a gente/ a gente

! nós/ a gente/ a gente

% a gente/ a gente/ nós

F a gente/ a gente/nós ou +

+ a gente/ a gente/ a gente

C a gente/ a gente/ a gente ou +

? a gente...nós...a gente

{ nós.....a gente.....nós

= nós/nós/nós

W nós/nós/nós ou +

A nós/Ø/a gente ou +

B a gente/ Ø/Ø

D Ø/nós/Ø

E nós/Ø/Ø

G Ø/Ø/ a gente

J a gente/Ø/a gente

H Ø/Ø (nós)

L nós/Ø/nós ou +

M nós/nós/Ø ou +

N Ø/nós/nós ou +

P Ø/Ø (a gente)

Q Ø/nós/Ø

R Ø/Ø/nós

S a gente/nós/Ø

T nós/a gente/a gente ou +

V a gente/ a gente/Ø

X Ø/ a gente/ a gente ou mais

Z nós/a gente/Ø

Paralelismo formal

i primeiro de uma série = de 3 Ø/ Ø/ Ø
j segundo de uma série = de 3 Ø/ Ø/ Ø
l terceiro de uma série = de 3 Ø/ Ø/ Ø
m primeiro de uma série = de 3 - mos/-mos/-mos
n segundo de uma série = de 3 - mos/-mos/-mos
o terceiro de uma série = de 3 - mos/-mos/-mos
p primeiro de uma série ≠ de 3 - mos/-mos/ Ø
q segundo de uma série ≠ de 3 - mos/-mos/Ø
r terceiro de uma série ≠ de 3 - mos/-mos/Ø
s primeiro de uma série ≠ de 3 - mos/ Ø / -mos
t segundo de uma série ≠ de 3 - mos/ Ø/ -mos
u terceiro de uma série ≠ de 3 - mos/ Ø/ -mos
v primeiro de uma série ≠ de 3 Ø /- mos/-mos
x segundo de uma série ≠ de 3 Ø /- mos/-mos
z terceiro de uma série ≠ de 3 Ø /- mos/-mos
w primeiro de uma série ≠ de 3 Ø / Ø /-mos
y segundo de uma série ≠ de 3 Ø / Ø /-mos
k terceiro de uma série ≠ de 3 Ø / Ø /-mos
** primeiro de uma série ≠ de 3 Ø / -mos / Ø*
% segundo de uma série ≠ de 3 Ø / -mos / Ø
& terceiro de uma série ≠ de 3 Ø / -mos / Ø

Paralelismo da forma pronominal

9 primeiro de uma série = de 3 ... a gente/ a gente/ a gente
! segundo de uma série = de 3 a gente/ a gente/ a gente
@ terceiro de uma série = de 3... a gente/ a gente/ a gente

primeiro de uma série = de 3 ... nós/nós/nós
 \$ segundo de uma série = de 3... nós/nós/nós
 % terceiro de uma série = de 3 ... nós/nós/nós
 & primeiro de uma série ≠ de 3... nós/nós/ a gente
 * segundo de uma série ≠ de 3... nós/nós/a gente
 = terceiro de uma série ≠ de 3 ... nós/nós/a gente
 { primeiro de uma série ≠ de 3 ... nós/ a gente / nós
 } segundo de uma série ≠ de 3... nós/ a gente/ nós
 [terceiro de uma série ≠ de 3 ... nós/ a gente/ nós
] primeiro de uma série ≠ de 3 ... a gente /nós/nós
 ? segundo de uma série ≠ de 3 ... a gente /nós/nós
 > terceiro de uma série ≠ de 3... a gente /nós/nós
 < primeiro de uma série ≠ de 3... a gente / a gente /nós
 X segundo de uma série ≠ de 3... a gente / a gente /nós
 Z terceiro de uma série ≠ de 3... a gente / a gente /nós
 A primeiro de uma série = de 3... a gente/ a gente/ a gente ou +
 B segundo de uma série = de 3 ... a gente/ a gente/ a gente ou +
 C terceiro de uma série = de 3... a gente/ a gente/ a gente ou +
 J primeiro de uma série ≠ de 3 ... nós/ a gente / nós ou +
 K segundo de uma série ≠ de 3... nós/ a gente/ nós ou +
 L terceiro de uma série ≠ de 3... nós/ a gente/ nós ou +
 M primeiro de uma série ≠ de 3... a gente /nós/nós ou +
 N segundo de uma série ≠ de 3... a gente /nós/nós ou +
 O terceiro de uma série ≠ de 3 ... a gente /nós/nós ou +
 P primeiro de uma série ≠ de 3... a gente / a gente /nós ou +
 Q segundo de uma série ≠ de 3 ... a gente / a gente /nós ou +
 R terceiro de uma série ≠ de 3... a gente / a gente /nós ou +
 a primeiro de uma série ≠ de 3... a gente / nós / a gente

b segundo de uma série ≠ de 3 ... a gente / nós / a gente
c terceiro de uma série ≠ de 3 ... a gente / nós / a gente
d primeiro de uma série ≠ de 3... nós / a gente/a gente
e segundo de uma série ≠ de 3 ... nós/ a gente/a gente
f terceiro de uma série ≠ de 3 ... nós/ a gente/a gente

No entanto, pelas razões expostas acima, descartamos as ocorrências com mais de três pronomes - encontradas em número pouco expressivo – e sintetizamos o grupo considerando as seqüências ternárias mistas *nós/nós/a gente* e *nós/a gente/ a gente* como **nós/ ?/ a gente**; e as seqüências *a gente/ a gente/ nós* e *a gente/ nós/ nós* como **a gente/ ?/ nós**, ou seja, substituímos a segunda forma por um ponto de interrogação, usando o mesmo procedimento nos *paralelismos*. Mesmo ignorando a segunda forma, mantivemos a diferenciação das seqüências através da codificação. Tal procedimento deveu-se a forma com que a leitura dos dados foi feita pelo programa matemático, que considerou somente o primeiro pronome encontrado na primeira linha da codificação de uma seqüência ternária de pronomes, e como havia diferentes seqüências mistas que começavam pelo mesmo pronome, isso não acrescentava informações para a análise, apenas complicava o trabalho com um grupo de fatores muito numeroso. Portanto, precisamos decidir que, para a análise, trabalharíamos com pesos relativos que indicassem com que pronome a seqüência começa e com que pronome ela termina, por isso o ignorar, para as rodadas, as formas do meio das seqüências ternárias mistas. Sendo assim, codificamos apenas as seqüências das três formas definindo a forma do meio no caso de seqüências de formas iguais e no caso das seqüências ternárias mistas *a gente/nós/a gente* e *nós/a gente/nós*. No entanto, as seqüências com a codificação do ponto de interrogação (?) foram identificadas e analisadas como informações freqüenciais e, nesse caso, pudemos observar a distribuição conforme as três formas utilizadas na seqüência. (Vide Tabela 13)

Exemplos:

A gente/nós/a gente:

E depois mais tarde aí quando a gente fez aquela amizade- quando a mãe começou a dar dinheiro pra nós irmos no domingo à tarde, no matinê do cinema, a gente ia, Ø saía daqui com toda a nossa turma. (CHP SL0239)

Nós/ a gente/nós:

Nós jogávamos nossa bola era sábado à tarde, domingo e coisa bastante amizade [e]-0 condução era bicicleta só [que]- que a gente tinha só uma bicicleta, mais nada, hoje em dia se não tem um carro do ano não está contente, tem que ser carro do ano, mas na época, nós tínhamos bicicleta pra ir na casa da namorada, até na época ainda era de bicicleta. (BLU SL 0230)

A nossa principal hipótese sobre a *alternância das formas* é de que esta se dará mais no sentido de substituição de *nós* por *a gente* nas ocorrências *isoladas*, da primeira forma *nós* por forma subsequente *a gente* no caso das *seqüências binárias*, e, da mesma forma, substituição de *nós* por formas subsequentes *a gente* nas *seqüências ternárias*. Em todos os casos, a substituição poderá ocorrer com as formas expressas ou não.

Baseamos nossa hipótese em trabalhos já mencionados como de OMENA (1996), LOPES (1993) e MENON (1995) que concluíram que a alternância, então entendida como a probabilidade de troca entre os pronomes em ocorrências isoladas, indica a mudança em curso no sentido de substituição de *nós* por *a gente*, hipótese também confirmada por MACHADO (1995) citada por SILVA (1995) em pesquisa realizada com dados de informantes cariocas.

Quanto às outras variáveis lingüísticas, controlamos os fatores *tipo de verbo*, *concordância verbal*, *determinação do referente*, *paralelismo formal* e *paralelismo pronominal*.

1.6 AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Apresentamos a seguir as variáveis lingüísticas e sociais investigadas. Quanto às variáveis lingüísticas, testamos *tipo de verbo*, *concordância verbal*, *determinação do referente*, *paralelismo formal* e *paralelismo da forma pronominal*. No caso das variáveis sociais trabalhamos com os grupos de fatores previstos no VARSUL, a saber: *faixa etária*, *sexo*, *escolaridade* e *localidade*.

1.7 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

1.7.1 *Tipo de Verbo*

Não obtivemos referência sobre a atuação do fator *tipo de verbo* conforme análise proposta neste trabalho, e portanto não temos expectativas quanto à atuação dessa variável. Citamos, no entanto, uma análise dos verbos que acompanhavam as formas pronominais *nós/a gente* foi realizada por ÁLBAN E FREITAS (1991c), que procuraram classificar semanticamente os verbos ou expressões verbais, pretendendo verificar como se relacionavam as formas pronominais e os verbos referentes a fatos do mundo subjetivo e objetivo, mas sua intenção de verificação não foi concluída. Nos resultados que puderam obter, verificaram que se o falante usava *eu exclusivo*, estruturas do tipo “eu acho que”, “não sei se”, expressando, segundo as autoras, “conteúdo de asserção mental explícita”, analisadas de acordo com *eu + tu e a gente* (*eu ampliado*) e *eu* (*eu exclusivo*), foram utilizadas em número bastante expressivo. Em contrapartida, segundo o que as pesquisadoras já esperavam, houve um número reduzido (3 ocorrências num total de 239 formas do *eu ampliado*), do uso do *eu ampliado* com as estruturas referidas. A variável investigada por ÁLBAN E FREITAS não demonstrou resultados relevantes relacionada à estruturas verbais, porém a variável aqui proposta não é semelhante àquela. Averiguaremos quatro tipos de verbos, a saber: de ação, de estado, epistêmico e *dicendi* que estejam acompanhando

os pronomes aqui investigados, a fim de saber se algum deles se constitui em ambiente favorecedor da alternância.

A tipologia de verbos ficou assim determinada:

dicendi – ex.: *dizer, explicar, perguntar, responder, falar, afirmar, contar;*

de ação – ex.: *pegar, chorar, cair, correr, apertar, comer, lavar;*

epistêmicos – ex.: *saber, conhecer, pensar, lembrar, acreditar, imaginar;*

de estado – ex.: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer.*

Exemplos:

Dicendi:

Agora a AIDS, agora tem essa outra a Cólera, tem tanta que a gente se pergunta até que ponto isso é verdade. (CHP SL0853)

Ação:

Depois de uma enchente assim a gente colocava os jequis, não sei se você sabe o que é, é preparado com um bambu assim, a gente abre um bambu, depois Ø faz uma argola, Ø faz uma boca de um lado assim, a gente põe assim a favor da correnteza, viu? Aquilo, no outro dia, de noite, a gente colocava, no outro dia estava cheio de peixe, de tanto que tinha, viu? (BLU SL0701)

Epistêmico:

Eu lembro, eu lembro sim, alguma coisa a gente sempre lembra, né? (CHP SL0293)

Estado:

Então a gente fica meio chateado assim com Blumenau. (BLU SL0766)

1.7.2 Concordância Verbal

Quanto à *concordância verbal* nossa hipótese é de que a maior frequência será constatada para a concordância esperada, - *a gente com Ø/ nós com -mos* - resultado também obtido no estudo que fizemos com dados de Londrina PR, anteriormente mencionado, cujo peso relativo foi de .55 para a concordância esperada contra .03 para a concordância não esperada – *a gente com -mos/ nós com Ø*.

Formas de concordância analisadas:

gente ... -mos

nós ... Ø (desinência verbal zero)

nós ... -mos

Ø...-mos

Exemplos:

A gente com -mos

“a gente pensemos que(...)”

Nós com Ø

“Nós sabia do ocorrido (...)”

Nós com -mos

“Nós buscamos os recursos (...)”

Ø com -mos

“Ø Tratamos de correr (...)”

1.7.3 Determinação do Referente

Outra variável testada na pesquisa foi a *determinação do referente*, considerando a referência ao sujeito. Baseamos nossa hipótese nos resultados obtidos por MENON (1994) e OMENA (1996) que demonstraram que a forma preferida pelos falantes para uma referência mais geral, indeterminadora, é *a gente*.

Este fator ficou assim dividido:

- a. referente determinado

Ex.: *Porque naquela época a gente ainda acreditava no papai noel.* (BLU SL0545)

- b. referente indeterminado

Ex.: *Que a gente nunca sabe o destino da gente né?* (BLU SL 1177)

1.7.4 Paralelismo Formal e Paralelismo da Forma Pronominal

Pre vemos ainda a relevância do *paralelismo formal*. Essa variável será testada de duas formas. Chamaremos de *paralelismo formal* o paralelismo primeiramente testado por POPLACK 1980, *apud* SCHERRE 1991, cujo princípio é de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”. Segundo esse princípio, a realização de um verbo com marca de 1.^a pessoa do plural condiciona o uso de outros verbos com marca e a presença de um verbo não marcado condiciona o uso de outros verbos sem marca.

A outra maneira de abordagem da variável será de acordo com a pesquisa realizada por MACHADO 1995, *apud* SILVA 1995, com dados de informantes cariocas, na qual se confirma, como nos outros estudos, a atuação da variável na escolha pelo informante da forma pronominal a ser usada numa seqüência discursiva, ou seja, a primeira forma usada como referência a 1.^a pessoa é a que tende a predominar nas cláusulas seguintes. Denominaremos essa forma de *paralelismo da forma pronominal*. Nossa hipótese foi de que os paralelismos atuariam de forma significativa nas seqüências estudadas.

Então, o paralelismo, como já testado por OMENA (1996), LOPES (1993), FERNANDES (1995) e LOREGIAN (1996), foi tratado de duas formas: em relação à manutenção da mesma forma verbal – 1.^a pessoa do plural com marca ou sem marca e em relação à forma pronominal anteriormente expressa. Procuramos verificar se a ocorrência de uma das formas, verbal ou pronominal, leva ao aparecimento da mesma forma no dado seguinte.

Paralelismos observados:

Paralelismo formal (2 formas)

\emptyset/\emptyset

- *mos/-mos*

- *mos/ \emptyset*

\emptyset / -*mos*

Paralelismo formal (três formas)

$\emptyset/\emptyset/\emptyset$

-*mos/ -mos/ -mos*

-*mos/ ? / \emptyset*

\emptyset / ? / -*mos*

-*mos/ \emptyset -mos*

\emptyset / -*mos/ \emptyset*

Paralelismo da forma pronominal (duas formas)

a gente/ a gente

nós/nós

a gente/nós

nós/a gente

Paralelismo da forma pronominal (três formas)

a gente/ a gente/ a gente

nós/nós/nós

a gente/ ? / nós

nós/ ? / a gente

nós/a gente/nós

a gente/ nós/ a gente

Exemplos:

A gente faz com eisbein, né? A gente sabe fazer. Ø Fazemos (...) (BLU SL 0515)

E se não tinha jogo a gente ia no bar, Ø tomávamos cerveja, Ø dançávamos.
(BLU SL 0289)

Eu trabalho em retífica, antigamente era retífica de carro, de trator, de tudo, né? Hoje nós optamos para a motocicleta, somente motocicleta, né? Porque inclusive a gente atende a região do vale toda quase, né? Que tem poucos nesse ramo, né? Então é por isso. (BLU SL 0090)

Se não seria bom porque agora, pra dizer mesmo, a gente está indo pouco, pra não dizer que Ø não vai, a gente vai uma ou duas vezes quando tem a festa só pra dizer que foi e, mas antes nós íamos muito lá, íamos talvez cada segundo ou terceiro dia, a gente estava lá né? (BLU SL 0333)

1.8 VARIÁVEIS SOCIAIS

Tratamos também dos fatores sociais *faixa etária, sexo, escolaridade e localidade*, a fim de verificarmos possíveis condicionamentos extralingüísticos para a ocorrência da variação aqui estudada.

As variáveis sociais disponibilizadas pelo VARSUL estão assim distribuídas:

- três graus de escolaridade: *primário, ginásio e secundário*;
- duas faixas etárias: *A* até 45 anos e *B* para mais de 50 anos ;
- sexo: *M* masculino e *F* feminino.
- Localidade: *H* para Chapecó, *B* para Blumenau e *G* para Lages.

1.8.1 Faixa Etária

Tratando-se do fator *faixa etária*, ANDRADE *et al.* (1991), através de investigação feita em amostra do *corpus* do Projeto NURC/Salvador sobre a indeterminação do sujeito, examinam a variável e, em relação ao uso de *a gente*, afirmam que a forma ocorre predominantemente entre os informantes da faixa 1 – 25 a 35 anos - com índice de 81,13%, enquanto que na faixa 3 – 56 anos em diante – o índice de ocorrências de *a gente* cai para 18,87%. Em relação ao uso de *nós*, a forma aparece equilibradamente entre as duas faixas etárias, 51,47% na faixa 1 e 48,53% na faixa 3. FERREIRA *et al.* (1989) concluem que *a gente* aparece 6 vezes mais no discurso de informantes de faixa etária 1 (25 a 35 anos) do que na faixa etária 3 (maiores de 55 anos) nos seis inquéritos do NURC/Salvador avaliados, assim como ALBÁN E FREITAS (1991a) que em seus dados também interpretaram o uso de *a gente* como maior na faixa etária mais jovem. MENON (1995), conclui, diante dos resultados obtidos através do NURC/SP, em 1994, que *a gente* estaria sendo usada pelos mais velhos como expressão de *eu + não-eu*, e pelos mais jovens como *eu*. Em outro trabalho, já mencionado, no qual MENON, LAMBACH e LANDARIN (no prelo) testaram a variável *nós/ a gente* num *corpus* de revistas em quadrinhos *O Pato Donald*, os dados probabilísticos revelaram no tempo real - .10 em 1950-52 e .82 em 1999 para o uso de *a gente* - confirmado pelo tempo aparente e .58 de probabilidade de uso de *a gente* pela faixa etária mais jovem, confirmando, então, que a alternância *nós/ a gente* configura um processo de mudança em curso.

No trabalho que realizamos com dados do VARSUL, referentes à cidade de Londrina (TAMANINE *et al.* 2000), demonstrou-se que o uso de *a gente* predomina nas duas faixas etárias abordadas (25 a 45 e 46 a 65 anos), mas apresentando maior probabilidade para a faixa etária mais jovem. Na mesma probabilidade que é preferida pelos jovens, a forma *a gente* é evitada pelos mais velhos (.56 para o uso de *a gente* para os jovens e .57 para o uso de *nós* pelos mais velhos). Lançamos neste trabalho a hipótese de que, entre os grupos de fatores sociais previstos pelo VARSUL, será o fator *idade* que mais condicionará a alternância, e que a faixa mais jovem é que apresentará o maior índice de ocorrências da forma *a gente*.

1.8.2 Sexo

Para analisarmos a interferência do fator *sexo* na alternância das formas *nós/ a gente*, verificamos resultados como os obtidos por OMENA (1996) que demonstraram quanto à influência do sexo do falante no uso de *nós* e *a gente*, que a variável não foi significativa. Por outro lado, os resultados da pesquisa de SETTI (1997), realizada sobre a indeterminação do sujeito com dados do VARSUL, abordando Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre, revelaram que as mulheres apresentam mais probabilidade de uso do pronome *a gente* (. 63), enquanto que os homens tendem a usar mais *nós* (.62). Ou seja, as tendências apresentaram preferências opostas.

Diante dos resultados diversos em relação ao uso de *nós* e *a gente* na variável *sexo* em outras pesquisas, não criamos expectativas a esse respeito sobre nossos dados.

1.8.3 Escolaridade

Nos resultados obtidos por OMENA (1996), o *ginásio* interfere no uso de *nós* e de *a gente* proporcionando um maior uso de *nós* (.78) e um menor uso de *a gente* (.22) pelo informante. Ela supõe que o fato do assunto *conjugação verbal* ser ensinado nesta fase, assim como na 4.^a série do primário, seja uma possível explicação para que os informantes com primário também usem mais a forma *nós*.

Porém, quando analisados os dados de informantes com 2.^o grau, estes voltam a usar *a gente*, segundo OMENA talvez como gíria, como forma de identificação do grupo.

Em nossa investigação, verificaremos a distribuição das formas alternantes pelas fases de escolaridade propostas, a fim de compararmos nossos resultados com a pesquisa mencionada.

1.8.4 Localidade

Finalmente, estudaremos também o fator extralingüístico *localidade* como possível condicionador da alternância, haja vista abordarmos cidades de diferente formação étnica e *status* social-econômico. MONTEIRO (1994: 152) observa que “O fator geográfico atesta pouquíssima divergência, podendo mesmo ser desprezado, conforme revelam os testes estatísticos”. Tal afirmação será investigada em relação aos resultados que obtivermos entre as três cidades catarinenses estudadas.

Blumenau, Chapecó e Lages, três cidades do interior de Santa Catarina, foram escolhidas pelo projeto VARSUL na tentativa de representar os alemães, os italianos, e a população serrana, os maiores grupos étnicos do estado. Lages, no Planalto Serrano, foi selecionada por ter sido colonizada por sulistas. Já na cidade de Blumenau, um importante centro urbano catarinense, concentram-se muitos descendentes de alemães e, em Chapecó, no oeste do Estado, a colonização é expressivamente italiana. MOTA (1996) relaciona alguns trabalhos cuja variável diatópica foi significativa: ALBÁN *et al.*, em pesquisas realizadas em 1986, apontaram Porto Alegre - RS como a cidade mais inovadora em relação ao emprego de *nós/ a gente*, no entanto Salvador - BA, foi mais conservadora ao apresentar um índice maior do uso de *nós*. Resultados de pesquisas realizadas pelo Brasil sobre os pronomes pessoais sujeito na região sudeste e centro-oeste (DUARTE, 1996), região sul (MENON, 1996) e região nordeste (MONTEIRO, 1996), que foram apresentados no GT de Sociolingüística realizado pela ANPOLL, em João Pessoa, demonstraram que há uma forte tendência geral para o uso da expressão de sujeito *a gente* no lugar de *nós*, no PB.

1.8.5 Dados desconsiderados

Retiramos da amostra os seguintes tipos de dados:

1.8.6 Pronomes *nós* ou *a gente* não acompanhados de verbo

Exemplo:

Estávamos indecisos porque nós viú, a gente, nós ainda ganhamos o terreno de herança, né? Cada irmão ganhou um terreno de herança.

1.8.7 Pronomes *nós* ou *a gente* não em função de sujeito

Exemplo:

Eu não continuei a estudar porque não tinha condições, né? Por causa disso eu não continuei a estudar, que meus pais não tinham condições de dar o estudo maior pra nós, né?

1.8.8 Pronomes Implícito *nós* e Desinência Verbal *-mos* em Expressões Cristalizadas

Exemplo:

Eu não precisei fazer a crisma, e nem, vamos supor, tirar o batizado, no caso, sabe?

Ocorrências de seqüências com mais de 03 pronomes (seqüências mistas ou iguais).

Após a apresentação dos procedimentos metodológicos adotados, daremos seqüência à exposição da pesquisa no Capítulo 4, com a análise dos dados obtidos. Para tanto, trabalharemos com dados freqüenciais e dados probabilísticos.

CAPITULO IV

1 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos e discutimos os resultados referentes à variação *nós/ a gente* nas cidades de Lages, Chapecó e Blumenau. Num primeiro momento apresentamos a distribuição freqüencial dos dados. Depois, apresentaremos as tabelas com os dados probabilísticos mais significativos obtidos através do uso do programa estatístico IVARB.

1.1 QUADRO GERAL DA DISTRIBUIÇÃO FREQUENCIAL DOS DADOS NA AMOSTRA

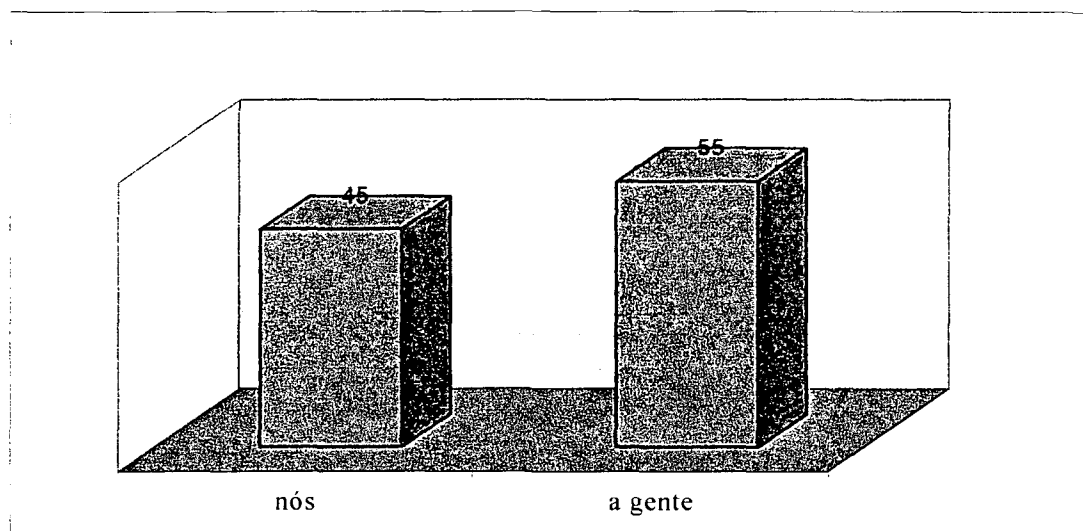
Iniciamos a apresentação de nossas análises com as considerações feitas a partir de dados freqüenciais. A apresentação das tabelas e gráficos demonstrativos desses resultados tiveram como objetivo comentar, primeiramente, a distribuição geral dos dados da amostra.

Também incluímos nessa primeira parte das análises dos resultados, um quadro geral da distribuição freqüencial do uso de *nós* e de *a gente* em cada cidade nas variáveis sociais a partir do grupo de fatores *informantes*, pois a rodada do IVARB não pôde oferecer esses resultados separadamente.

Na Tabela 1, (Anexo 03), apresentamos a distribuição geral dos 5.235 dados da amostra (número absoluto) informando o número de ocorrências de cada fator e o seu percentual diante do seu total de ocorrências. Também expomos os percentuais de cada grupo de fatores, tanto das ocorrências isoladas quanto das de cada tipo de seqüência. Esses valores foram calculados sobre os totais de ocorrência de cada um dos fatores desses grupos, enquanto que os totais gerais de cada grupo de fatores têm seus percentuais calculados sobre o número total de ocorrências do tipo de seqüência a que pertencem, o mesmo valendo para os dados de ocorrências isoladas.

A observação das porcentagens gerais dos grupos de fatores na Tabela 1 nos permitem afirmar que a preferência geral dos informantes do *corpus* é para o uso de *a gente*, com 55% das ocorrências. No Gráfico 1 é possível visualizar a diferença entre o uso dos dois pronomes no cômputo geral dos dados:

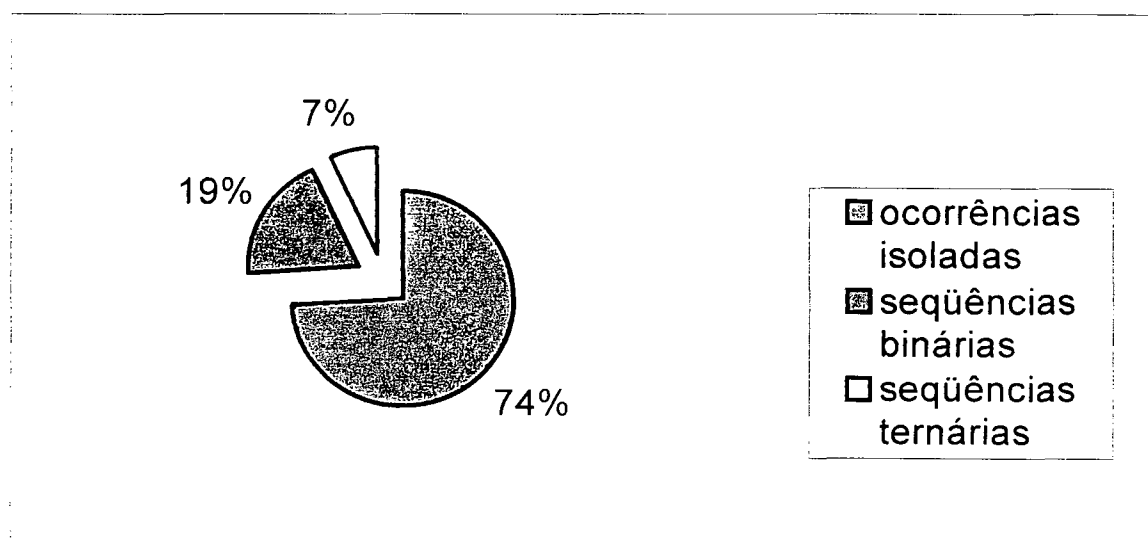
GRÁFICO1 – DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS USOS DE *NÓS* E DE *A GENTE* NA AMOSTRA



A diferença de apenas 5 pontos percentuais do uso de cada pronome em relação ao ponto neutro indica que a tendência de uso entre um e outro é quase aleatória, o que pode demonstrar que *a gente* já está bastante incorporado na fala dos informantes da amostra.

Ainda através da Tabela 1, podemos verificar a distribuição dos dados entre ocorrências isoladas, seqüências binárias e seqüências ternárias. O Gráfico 2 representa essa distribuição.

GRÁFICO 2 – DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS DADOS ENTRE OCORRÊNCIAS ISOLADAS, SEQUÊNCIAS BINÁRIAS E SEQUÊNCIAS TERNÁRIAS

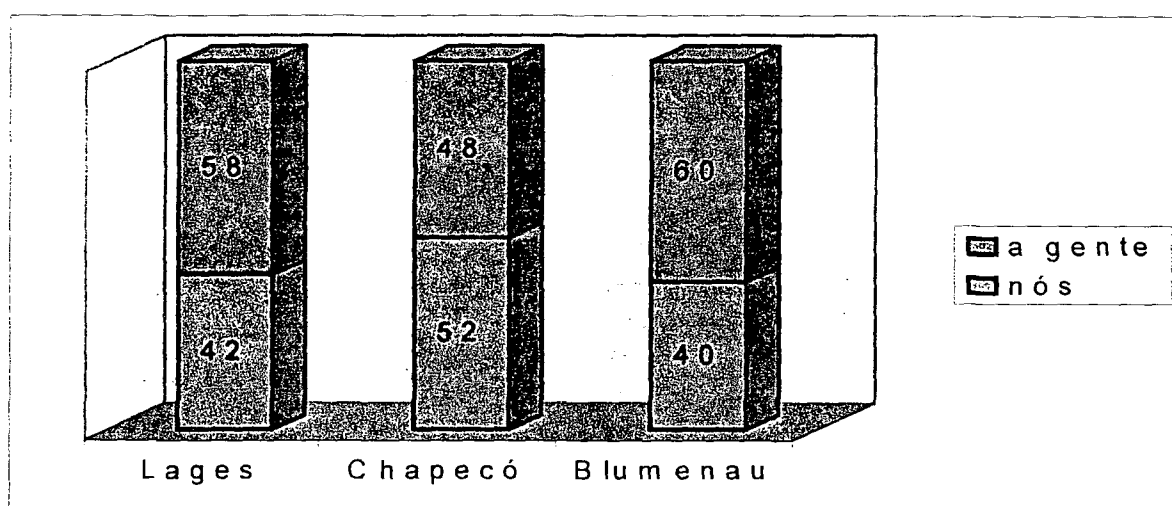


Pela ordem dos resultados, pudemos verificar uma grande diferença percentual entre os dados. As *ocorrências isoladas*, com 3.887 dados, representam a maior parte da amostra, 74%. Em seguida aparecem as *seqüências binárias*, com 1001 dados e percentual de distribuição de 19%. As *seqüências ternárias* ocupam o terceiro lugar, com 347 dados que representam 7% da amostra. Essa distribuição indica que os resultados da seqüência binária e ternária são importantes, mas que os resultados das ocorrências isoladas são mais significativos por serem muito mais freqüentes no *corpus*. Essa informação se torna relevante a fim de que possamos melhor julgar os resultados do trabalho.

Quanto aos dados freqüenciais gerais do uso de *nós* e de *a gente* em cada *localidade*, foi possível verificar que Blumenau apresenta o maior índice de uso de *a gente* e Chapecó o maior índice de uso de *nós*. Lages encontra-se num ponto intermediário, se considerados os percentuais dos usos das outras duas cidades. Supomos que não sejam as diferenças étnicas que nos mostram Blumenau como a cidade que mais usa a forma inovadora *a gente* (doravante usaremos *cidade inovadora* com esse sentido) e Chapecó como a que mais conserva o uso de *nós* (doravante

usaremos *cidade conservadora* com esse sentido). Porém, acreditamos que a constituição sócio-econômica e cultural de cada cidade seja o fator que interfira de forma mais contundente no comportamento das freqüências de uso. O Gráfico 3 apresenta os percentuais encontrados.

GRÁFICO 3 – DISTRIBUIÇÃO GERAL DAS OCORRÊNCIAS DE *NÓS* E DE *A GENTE* POR LOCALIDADE



Numa classificação por aspectos sócio-econômicos e culturais de cada cidade, consideramos Blumenau como a cidade mais cosmopolita, um centro urbano mais propenso a fenômenos externos, mais suscetível à pressão de outros dialetos, como o fato do uso da língua nas relações de trabalho acabar forçando no falante o abandono de traços da língua alemã. Lages constituiria uma cidade industrializada, mas de porte menor se comparada a Blumenau. Chapecó poderia ser considerada como a de formação mais recente entre as três localidades, mantendo uma rede mais fechada de relações e sofrendo menos pressão de fatores externos do que as outras. Porém, apesar de Chapecó parecer ser a que mais preserva uso do pronome *nós*, já se aproxima do ponto neutro, apresentando apenas 2 pontos abaixo da média para o uso de *a gente*. Mesmo havendo uma maior tendência em Blumenau para o uso de *a gente* e em

Chapecó para o uso de *nós*, a frequência geral dos dados das cidades mostra que o uso de *a gente* está crescendo em todas as três.

Objetivando obter uma melhor visão sobre a distribuição das variáveis sociais nas localidades, com a ajuda do CROSSTAB cruzamos os dados das cidades com as variáveis sociais *faixa etária*, *escolaridade* e *sexo*. Os resultados encontram-se nas Tabelas 2, 3 e no Gráfico 4.

TABELA 2 – RESULTADOS DO CROSSTAB ENTRE *LOCALIDADE* E *FAIXA ETÁRIA*

<i>Total: 6930 dados*</i>	<i>Lages</i>	<i>Chapecó</i>	<i>Blumenau</i>
	%	%	%
Faixa etária a			
<i>a gente</i>	52	64	77
<i>Nós</i>	48	36	23
Faixa etária b			
<i>a gente</i>	62	31	47
<i>Nós</i>	38	69	53

* O número de dados aqui corresponde a cada ocorrência de *nós* ou de *a gente* do *corpus*, isso significa que os dados das seqüências, que são computados pela codificação de *binária* ou *ternária* não somam as duas ou as três ocorrências a que se referem, apenas mencionam a informação codificada na primeira linha, por isso, quando é somado o total de ocorrências das *isoladas* com *binárias* e com *ternárias*, o número geral de ocorrências fica menor e, quando os dados são divididos apenas pelo critério *nós* ou *a gente*, o número total aumenta.

Quanto à *faixa etária*, em nossos resultados foram os mais jovens que apresentaram a maior tendência para o uso de *a gente*. Em ordem crescente, os percentuais para *a gente* na primeira faixa etária apresentaram 52% em Lages; 64% em Chapecó e 77% em Blumenau.

O uso de *nós* apresenta maior resistência na faixa etária mais velha de Chapecó, com 69% dos dados, e de Blumenau, com 53%. No entanto, em Lages,

também a geração mais velha já apresenta índice maior para o uso de *a gente*, com 62% das ocorrências, o que pode significar que o uso de *a gente* está mais disseminado lá do que nas outras cidades. ANDRADE *et al.* (1991), que investigou dados do NURC/ Salvador, atestou resultados que apresentaram um percentual de 81,13% de uso de *a gente* pela primeira faixa etária (25 a 45 anos), com apenas o restante dos dados - 18, 87% - para a faixa etária mais velha, ou seja, mostrando que são os mais jovens que estão impulsionando a mudança. Tivemos a mesma conclusão através dos nossos resultados, ou seja, percentualmente quem lidera a mudança é a primeira faixa etária, sinalizando a mudança em curso.

Na Tabela 3, apresentamos os resultados do cruzamento entre os grupos de fatores *localidade* e *escolaridade*.

TABELA 3 – RESULTADOS DO CROSSTAB ENTRE *LOCALIDADE* E *ESCOLARIDADE*

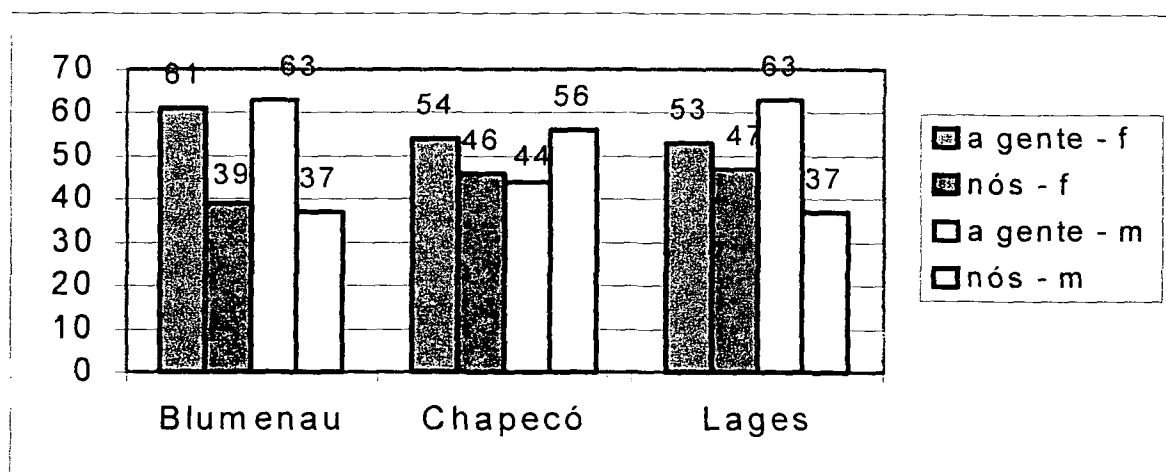
<i>Total:6930 dados</i>	<i>Lages</i>	<i>Chapecó</i>	<i>Blumenau</i>
	%	%	%
Primário			
<i>A gente</i>	57	43	61
<i>Nós</i>	43	57	39
Ginásio			
<i>A gente</i>	58	55	60
<i>Nós</i>	42	45	40
Secundário			
<i>a gente</i>	56	48	65
<i>Nós</i>	44	52	35

Na escolaridade, Blumenau destacou-se com a maior diferença percentual entre o uso de *nós* e de *a gente* nos três níveis estudados, com resultados nunca inferiores a 60% a favor de *a gente*. A diferença entre os usos é maior no *secundário*, passando 15 pontos do ponto neutro. Ressaltamos que o *secundário* é o nível de escolaridade mais alto da amostra, isto é, em Blumenau o falante mais escolarizado é o que apresenta a maior tendência para o uso de *a gente*.

Lages e Chapecó apresentaram na escolaridade uma distribuição entre *nós* e *a gente* mais próxima ao ponto neutro, com a maior diferença percentual alcançando 5 pontos entre os níveis, tornando quase nula a interferência da escolaridade no uso dos pronomes pelo falante.

Optamos por representar em gráfico os resultados do cruzamento entre os grupos de fatores *sexo* e *localidade*, obtidos através do CROSSTAB. Tal escolha se deu em razão de percebermos que o grupo de fatores *sexo* apresenta uma distribuição interessante e que a apresentação em gráfico facilitaria a leitura dos dados, conforme é possível verificar no Gráfico 4.

GRÁFICO 4 – RESULTADO OBTIDO NO CROSSTAB SOBRE O FATOR *SEXO* E O USO DE *NÓS* E DE *A GENTE* EM LAGES, CHAPECÓ E BLUMENAU



Nos dados de OMENA (1986) o *sexo* é considerado como fator não significativo para a variação *nós/ a gente*, o que não acontece em nosso *corpus*. Através das freqüências obtidas no cruzamento da variável *sexo* e *localidade* pelo CROSSTAB, o Gráfico 4 mostra que, em Blumenau, mulheres e homens usam significativamente a forma inovadora, os homens apresentando uma tendência levemente maior, o que faz com que a cidade se destaque nitidamente das outras duas

quanto à significação do *sexo* do informante para a variação. Em Lages e em Blumenau são os homens que tendem mais para o uso de *a gente*, com igualmente 63% das ocorrências. Em Chapecó o percentual diminui e os homens representam apenas 44% das ocorrências de *a gente* contra 54% das mulheres.

Dessa forma, é possível afirmar que, nesta amostra, ao que parece são os homens que estão na liderança da mudança, contrariando resultados como de SETTI (1997).

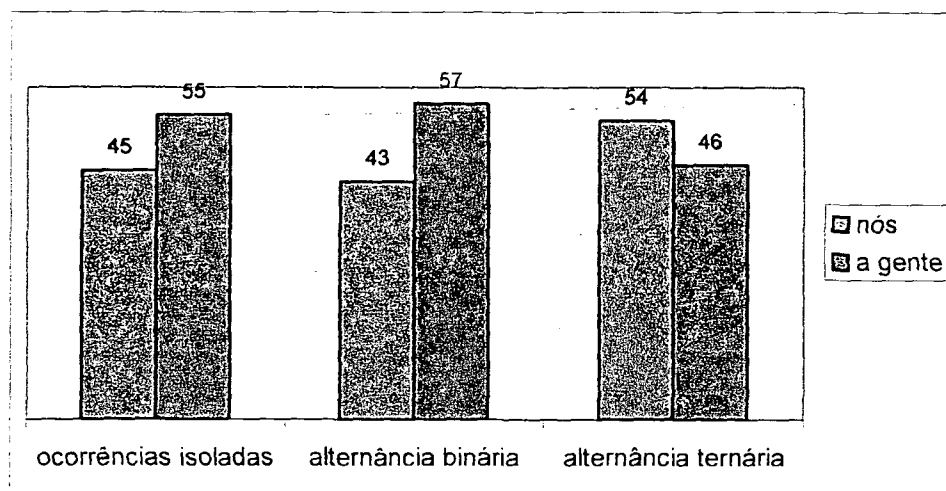
ALMEIDA (1995) ao tratar sobre a variável *sexo*²¹ afirma que há diferentes estudos sociolinguísticos que indicam que as mulheres tendem a usar formas linguísticas socialmente aceitas, rejeitando as formas estigmatizadas de forma muito mais acentuada do que os homens o fazem. Então, o fato dos homens estarem protagonizando a mudança em Lages e Blumenau poderia significar que o pronome *a gente* está incorporado na língua, sem estigma social. Ressaltamos porém que, nas três cidades, o uso de *a gente* pelas mulheres é maior do que o uso de *nós*. Em Lages e Chapecó a distribuição de *nós* e de *a gente* aparece de forma cruzada, ou seja, homens de Lages tendem mais para *a gente*, assim como as mulheres de Chapecó. O contrário acontece no uso de *nós*, os homens de Chapecó tendem mais para o uso de *nós* do que as mulheres de Lages.

Salientamos que, também no grupo de fatores *sexo*, a frequência geral dos dados mostrou que a maior tendência de uso nas três cidades é para o pronome *a gente*.

Enfim, ainda como comentário da Tabela 1, mostramos a disposição dos dados de ocorrências isoladas e das seqüências binárias e ternárias no *corpus* em relação ao uso de *nós* e de *a gente*, conforme observável no Gráfico 5:

²¹ ALMEIDA menciona também *gênero*: *In this way, the biological connotations of the term "sex" would be eliminated, in favour of cultural or social connotations, which is where our real interest lies. This shift in the direction of social factor analysis has led certain authors to speak of "gender", the social construct of sex.* (ECKERT apud ALMEIDA, 1995)

GRÁFICO 5 – DISTRIBUIÇÃO FREQUÊNCIAL GERAL DOS DADOS DE OCORRÊNCIAS ISOLADAS E DAS SEQÜÊNCIAS ENTRE O USO DE *NÓS* E DE *A GENTE*



A distribuição das ocorrências isoladas e das ocorrências em seqüências apontaram uma questão interessante a ser observada neste trabalho. No caso das ocorrências isoladas, a maior parte do *corpus*, como já observado no Gráfico 2, o uso de *a gente* aparece com 10 pontos percentuais de vantagem sobre o uso de *nós*. A vantagem para *a gente* também ocorre nos dados de seqüências binárias, porém com 14 pontos. Poderíamos considerar que o ambiente das seqüências reflete um maior uso de *a gente* por atuação do paralelismo da forma pronominal: se o falante inicia o turno usando *a gente*, a tendência é que permaneça usando *a gente* (ressalte-se aqui que a maior frequência dos dados de seqüência binária e ternária equivalem às seqüências de formas iguais *nós* e de formas iguais *a gente*). No entanto, no caso das seqüências ternárias, o que a frequência revela é que o uso de *nós* se sobressai com 8 pontos percentuais à frente do uso de *a gente*. Procuramos averiguar porque tal diferença aconteceria na seqüência ternária e, para isso, nos utilizamos do CROSSTAB para cruzar os dados desse tipo de seqüência nas variáveis *faixa etária* e *escolaridade*. A Tabela 4 mostra esses resultados.

TABELA 4 – RESULTADOS OBTIDOS NO CROSSTAB COM ARQUIVO DAS SEQUÊNCIAS TERNÁRIAS ENTRE FAIXA ETÁRIA E LOCALIDADE

<i>Total- 347 dados</i>	<i>Lages</i>		<i>Chapecó</i>		<i>Blumenau</i>		<i>Total</i>	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Faixa etária a								
<i>A gente</i>	30/69	43	54/81	67	33/47	70	117/197	59
<i>Nós</i>	39/69	57	27/81	33	14/47	30	80/197	41
Faixa etária b								
<i>A gente</i>	29/49	59	9/36	25	34/65	52	72/150	48
<i>Nós</i>	20/49	41	27/36	75	31/65	48	78/150	52

A fim de visualizarmos melhor os resultados obtidos através do cruzamento dos grupos de fatores *faixa etária* e *localidade* no CROSSTAB, somamos as ocorrências de seqüências iniciadas por *a gente* e contrapusemos essa soma a que fizemos das seqüências iniciadas por *nós*. Assim, observamos que Chapecó apresenta percentuais mais polarizados de ocorrências de *nós* e de *a gente* nas faixas etárias, pois os percentuais da segunda faixa etária apontam como maior tendência o uso de *nós* (75%) e da primeira faixa etária a maior tendência para *a gente* (67%). No entanto, mesmo havendo essa retenção do uso de *nós* pela segunda faixa etária de Chapecó, o fato dos jovens usarem mais a forma inovadora significa mudança em curso. Ainda que o percentual geral da rodada tenha incidido no maior uso de *a gente*, o que poderia implicar na diferença apresentada no Gráfico 5 para a maior freqüência do uso de *nós* nas seqüências ternárias poderia ser o percentual de 75% encontrado em Chapecó, um percentual de uso de *nós* maior em 16 pontos do uso de *a gente* em Lages, e em 23 pontos do uso de *a gente* em Blumenau.

Na seqüência, na Tabela 5, encontram-se os resultados do cruzamento entre os grupos de fatores *escolaridade* e *localidade*.

TABELA 5 – RESULTADOS OBTIDOS NO CROSSTAB COM ARQUIVO DAS SEQUÊNCIAS TERNÁRIAS ENTRE *ESCOLARIDADE* E *LOCALIDADE*

<i>Total – 347 dados</i>	<i>Lages</i>		<i>Chapecó</i>		<i>Blumenau</i>		<i>Total</i>	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Primário								
<i>A gente</i>	23/45	51	9/23	39	12/26	46	44/94	47
<i>Nós</i>	22/45	49	14/23	61	14/26	54	50/94	53
Ginásio								
<i>a gente</i>	22/36	61	41/63	65	17/28	61	80/127	63
<i>Nós</i>	14/36	39	22/63	35	11/28	39	47/127	37
Secundário								
<i>a gente</i>	14/37	38	13/31	42	38/58	66	65/126	52
<i>Nós</i>	23/37	62	18/31	58	20/58	34	61/126	48

Novamente comparando as somas das seqüências ternárias iniciadas por *a gente* com as começadas por *nós* e contrapondo as freqüências com o cruzamento anteriormente feito com a *faixa etária*, os resultados do CROSSTAB entre *escolaridade* e *localidade* complementam a informação de que os falantes de Chapecó tendem mais para o pronome *nós*. Além de serem os mais velhos a fazer esse uso, também são aqueles com escolaridade primária (61% de *nós* contra 39% de *a gente*) e, de forma mais leve, também aqueles com secundário (58 % de *nós* contra 42% de *a gente*). Esses resultados confirmam que a tendência conservadora da cidade para o uso de *nós* se concentra principalmente nos informantes mais velhos e com primário, sendo que apenas os informantes da faixa etária mais jovem e com escolaridade ginásial de Chapecó apresentam maior tendência de uso para a forma inovadora (65% para *a gente*), o que também contribui para a explicação da questão já mencionada, do Gráfico 5. Todavia, em Blumenau é a faixa etária mais jovem, com escolaridade ginásial (61%) e secundária (66%), que favorece o uso de *a gente*, o que demonstra que o uso de *a gente* já está incorporado na fala dos blumenauenses. Em Lages, o primário não tende significativamente para nenhuma das formas, sendo a faixa etária mais velha com ginásio que produz mais seqüências ternárias com *a gente* (61%), enquanto que, com secundário, a mesma faixa etária produz mais *nós* (62%), o que

deixa a cidade em uma situação intermediária entre Chapecó - com maior uso de *nós* - e Blumenau, que se destaca no uso de *a gente*. O maior percentual de uso de *a gente* foi localizado na escolaridade *ginásio* de duas das cidades (61% em Lages e Blumenau e 65% em Chapecó), e no *secundário* apenas em Blumenau (66%). Nossos resultados diferem dos obtidos por OMENA (1996), coletados no final dos anos 70. OMENA considera o ginásio como uma fase da escolaridade em que o uso de *nós* é acentuado em razão do estudo das conjugações verbais. Poderíamos supor então que, em razão dos altos índices de uso de *a gente* por todos os falantes com ginásio da amostra, mesmo sendo essa a fase escolar em que o uso do pronome *nós* é reforçado, esses mesmos informantes, quando no secundário, continuariam a utilizar *a gente* na mesma ou talvez até em maior proporção, porém, sabemos que tal afirmação dependeria da construção de um novo *corpus* com os mesmos informantes, a fim de se testar os dados em tempo real.

1.2 QUADRO GERAL DOS INFORMANTES

Com o propósito de visualizarmos os dados sociais dos informantes da mostra, separadamente por localidade, e também a fim de reforçarmos resultados já verificados através de outras tabelas, montamos as três tabelas abaixo apresentadas. Tivemos de organizar essas tabelas freqüenciais em razão da inviabilidade do programa VARBRUL em calcular probabilidade de ocorrência de aplicação da regra a partir do grupo de fatores *informantes*.

Dessa forma, obtivemos uma melhor visão da distribuição das ocorrências de *nós* e de *a gente* da amostra indicando, por localidade, os números de ocorrências e percentuais referentes à *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*. Quiséríamos ter viabilizado uma análise mais completa, que incluísse dados das fichas sociais, como profissão, por exemplo, mas, por diferentes razões, tornou-se impraticável.

Os números expostos nessas tabelas foram alcançados da seguinte maneira: para os valores indicados por *total*, o valor percentual é calculado sobre o número total

de ocorrências da localidade. Nos demais valores, os percentuais estão calculados sobre o número total de ocorrências de cada fator.

1.3 DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS DOS GRUPOS DE FATORES SOCIAIS EM LAGES

A primeira tabela apresentada, Tabela 6, refere-se aos informantes de Lages que, localizada no Planalto Serrano, é representante no *corpus* dos sulistas.

TABELA 6 – FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DOS DADOS NOS GRUPOS DE FATORES SOCIAIS DOS INFORMANTES DE LAGES

<i>Total – 347 dados</i>	<i>Lages</i>		<i>Chapecó</i>		<i>Blumenau</i>		<i>Total</i>	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Primário								
<i>A gente</i>	23/45	51	9/23	39	12/26	46	44/94	47
<i>Nós</i>	22/45	49	14/23	61	14/26	54	50/94	53
Ginásio								
<i>a gente</i>	22/36	61	41/63	65	17/28	61	80/127	63
<i>Nós</i>	14/36	39	22/63	35	11/28	39	47/127	37
Secundário								
<i>a gente</i>	14/37	38	13/31	42	38/58	66	65/126	52
<i>Nós</i>	23/37	62	18/31	58	20/58	34	61/126	48

Na frequência geral dos dados, é possível verificar que os lageanos tendem levemente para um maior uso de *a gente*, apresentando para esse pronome a frequência de 57% dos dados, indicando que a forma inovadora está bem incorporada nos dados da cidade. O uso de *nós* não apresenta uma frequência muito inferior, ficando em

segundo lugar com 14 pontos percentuais de diferença a menos do que o uso de *a gente*.

São os homens de faixa etária mais velha com escolaridade primária que tendem mais para o uso de *a gente* (34%), enquanto que as mulheres que apresentam maior frequência de ocorrência da forma inovadora são da faixa etária mais jovem, com nível secundário (25%), apresentando 9 pontos percentuais a menos do que os homens, que estão na vanguarda da mudança.

1.4 DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS DOS SOCIAIS DOS INFORMANTES EM BLUMENAU

Blumenau, considerada o cartão postal da cultura teuto-brasileira no estado de Santa Catarina, foi colonizada por alemães, sua etnia mais representativa. Os resultados da Tabela 7 apresentam a distribuição dos dados dos informantes dessa localidade.

TABELA 7 – FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DOS DADOS NOS GRUPOS DE FATORES SOCIAIS DOS INFORMANTES DE BLUMENAU

		Feminino		Masculino		
		a gente	nós	a gente	Nós	total
		N %	N %	N %	N %	N %
Primário	a	127/17	41/8,5	126/21	245/41	539/22
	b	78/10	153/32	84/14	42/7	357/15
Ginásio	a	234/31	66/14	21/3	98/16	285/12
	b	61/8	105/22			
Secundário	a	115/15	26/5	65/11	58/10	264/11
	b	130/17	86/18	162/27	112/19	490/20
Total – 2.424		745/30	477/20	605/25	597/25	

Na fala dos blumenauenses, é o pronome *a gente* que se sobressai no cômputo geral dos dados, com 56% das ocorrências. *Nós* não fica muito atrás, apresentando uma diferença de apenas 12 pontos percentuais da forma inovadora, também aqui um reflexo da incorporação de *a gente* na fala dos informantes de Blumenau.

São as mulheres da primeira faixa etária e com escolaridade ginásial que apresentam a maior frequência de uso de *a gente* (31%) enquanto que o uso de *nós* tem a frequência mais alta por parte do homens, também da faixa etária mais jovem, mas com escolaridade primária. Os homens com a maior frequência de uso de *a gente* pertencem a faixa etária mais velha e com escolaridade secundária (27%), apresentando apenas 4 pontos percentuais a menos do que a maior tendência de uso das mulheres, ocorrida no ginásio. Tal informação aponta que, entre os homens, são aqueles com maior nível de escolaridade que usam *a gente*, o que representa mais uma vez a não-interferência da escolaridade para o uso da forma canônica.

1.5 DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS SOCIAIS DOS INFORMANTES EM CHAPECÓ

Diferentemente das duas outras cidades da amostra, Chapecó teve sua fundação ainda no século XX, configurando-se como a localidade de formação mais recente. Seus colonizadores foram principalmente gaúchos de origem italiana. A distribuição dos dados dessa localidade está representada nos percentuais da Tabela 8.

TABELA 8 – FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DOS DADOS NOS GRUPOS DE FATORES SOCIAIS DOS INFORMANTES DE CHAPECÓ

		<i>Feminino</i>		<i>Masculino</i>		<i>total</i>
		<i>a gente</i>	<i>Nós</i>	<i>a gente</i>	<i>Nós</i>	
		<i>N %</i>	<i>N %</i>	<i>N %</i>	<i>N %</i>	
<i>Primário</i>	<i>a</i>	49/11	48/8	90/16	107/20	294/14
	<i>b</i>	16/3	145/25	56/10	88/16	305/14
<i>Ginásio</i>	<i>a</i>	225/49	84/15	162/28	32/6	503/23
	<i>b</i>	63/14	88/15	86/15	233/42	470/22
<i>Secundário</i>	<i>a</i>	73/16	140/24	137/24	44/8	394/18
	<i>b</i>	30/7	74/13	43/7	43/8	190/9
Total – 2.156		456/21	579/27	574/27	547/25	

Através dos percentuais obtidos em Chapecó, é possível verificar que, por apenas 2 pontos acima da média, a maior frequência de ocorrência coube ao pronome *nós*, com 52% dos dados, o que nos induz a identificar a cidade, entre aquelas estudadas, como a que se mantém como um reduto do uso de *nós*, apesar da diferença para o uso de *a gente* representar apenas 4 pontos percentuais a menos. São os homens

chapecoenses da faixa etária mais velha com ginásio que apresentam o maior índice de ocorrência do pronome *nós* (42%), enquanto que são os homens mais jovens, também com ginásio, que usam mais *a gente* (28%). Entre as mulheres, são aquelas com escolaridade ginasial e pertencentes à faixa etária mais jovem que têm a maior frequência de uso de *a gente* (49%), índice 21 pontos percentuais maior do que o maior uso de *a gente* pelos homens no ginásio, identificando-as como principais sujeitos da mudança. Se pudéssemos avaliar os dados novamente em tempo real, isso poderia significar que, hoje, aqueles da faixa etária mais jovem teriam nível secundário e continuariam mantendo o uso de *a gente*, pois, se no ginásio, fase em que os pronomes canônicos são reforçados, há uso majoritário de *a gente* por homens e mulheres, a tendência é que, no secundário, a forma inovadora continuaria a ser usada, elevando os percentuais de *a gente* nessa nova amostra.

1.6 QUADRO GERAL DAS PROBABILIDADE OBTIDAS

A partir desse momento, analisamos a disposição dos dados probabilísticos, conseguidos com o programa IVARB.

Primeiramente comentaremos os resultados de duas rodadas diferentes. A primeira refere-se ao arquivo de dados só das ocorrências isoladas, a segunda ao arquivo em que, além das isoladas, estão incluídas as ocorrências em seqüências binárias e ternárias.

Nesse caso, analisamos os resultados obtidos fazendo um paralelo entre eles, conforme será possível verificar na Tabela 9. A seqüência dos comentários obedece à ordem de seleção dos grupos de fatores feita pelo programa, que apresenta essa seleção em ordem de importância do grupo em relação ao fator de aplicação escolhido. Na Tabela 9, o fator de aplicação para as duas rodadas foi o pronome *a gente*.

Trataremos os resultados das ocorrências isoladas (doravante OI), que ocorrem quando o falante emprega *nós* ou *a gente* em períodos diferentes e das ocorrências dentro de um mesmo período, as seqüências binária e ternária (doravante

OA). Ambas as rodadas apresentaram os mesmos grupos de fatores selecionados, a não ser pelo quinto e último grupo que divergiu, apontando *sexo* nas OI e *escolaridade* nas OA.

TABELA 9 – COMPARATIVO DOS RESULTADOS PROBABILÍSTICOS GERAIS DO *CORPUS* ENTRE OCORRÊNCIAS *ISOLADAS* E *ISOLADAS* MAIS *SEQÜÊNCIAS* (*BINÁRIA* E *TERNÁRIA*) - APLICAÇÃO DA REGRA *A GENTE*

Rodada só com casos de ocorrência isoladas (OI)			Rodada com OI incluindo as ocorrências dentro das seqüências (OA)		
Total: 3.887 dados			Total: 6930 dados		
<i>G.Fs. Selecionados no stepup</i> 4 3 2 1 6 0			<i>G.Fs. Selecionados no stepup</i> 4 3 2 1 5 0		
<i>G.F.</i>		<i>P.R.</i>	<i>G.F.</i>		<i>P.R.</i>
4 Faixa etária	a	.59	4 Faixa etária	a	.58
	b	.41		b	.41
3 Localidade	G	.53	3 Localidade	G	.51
	H	.42		H	.43
	B	.55		B	.56
2 Tipo de verbo	e	.53	2 Tipo de verbo	e	.52
	a	.50		a	.50
	c	.39		c	.38
	d	.57		d	.65
1 Determinação	d	.49	1 Determinação	d	.50
	i	.64		i	.60
6 Sexo	f	.52	5 Escolaridade	p	.48
	m	.47		g	.52
				c	.50

1.6.1 Primeiro Grupo de Fatores Seleccionados: *Faixa etária*

Em relação à *faixa etária*, é possível observar que as probabilidades de aplicação do pronome *a gente* apresentam, para as faixas etárias *a* (25 a 45 anos) e *b* (mais de 50), distribuição similar entre OI e OA. Os mais jovens apresentam maior uso de *a gente* tanto nas OI (.59) quanto nas OA (.58), indicando a mudança em tempo aparente. MENON, LAMBACH e LANDARIN tiveram essa comprovação com dados em tempo real com probabilidade de .10 em 1950-52 e .82 em 1999 para o uso de *a gente* em revistas em quadrinhos *O Pato Donald*, confirmando o processo de mudança. Os nossos dados mostraram que o uso de *a gente* pela faixa etária mais velha também é significativo, com .41 de aplicação nas OI e nas OA.

Uma das nossas hipóteses seria a de que, dentro dos fatores sociais previstos, seria a faixa etária o que mais condicionaria a alternância de formas. Essa hipótese foi corroborada ao observarmos a atuação da faixa etária como grupo de fatores mais importante para o condicionamento da alternância tanto nas ocorrências isoladas quanto nas seqüências de formas.

1.6.2 Segundo grupo de Fatores Seleccionado: *Localidade*

Na variável *localidade*, os dados apontam para Blumenau como a cidade mais inovadora²², apresentando tendência para uso de *a gente* (.55 nas OI e .56 nas OA), ficando Lages em segundo lugar com .53 e .52, respectivamente para OI e OA. Entretanto, os dados de Chapecó a indicaram como uma cidade mais conservadora²³, com .42 (OI) e .43 (OA) para o uso de *a gente*, mantendo a ocorrência de *nós*. Como já dissemos, não consideramos que seriam fatores étnicos que interfeririam nos resultados, mas que o fato de Blumenau apresentar-se como a cidade mais inovadora possa estar relacionado à questão sócio-econômica, já que é maior cidade e a mais industrializada, apresentando mais diversidade de atividades sociais entre as

²² Ver explicação do termo na p. 62.

²³ Ver explicação do termo na p. 62.

localidades estudadas. Da mesma forma, as características de Chapecó, representando uma cidade mais recente, com uma rede mais fechada de relações, um núcleo urbano mais reduzido no sentido de não apresentar a diversidade social que Blumenau apresenta, ainda favorece o uso de *nós*. Já Lages, que se constitui como ponto de passagem, rota comercial, e por isso apresenta grande diversidade de população, apresentou probabilidades de uso dos dois pronomes ainda mais próximas ao ponto neutro. A cidade estaria num ponto intermediário entre as outras duas, porém mais próxima de Blumenau quanto à dinâmica sócio-econômica do que de Chapecó.

Se compararmos os resultados de Chapecó com os das outras cidades, a diferença é mais significativa, havendo um distanciamento de, no mínimo, .10 para o uso de *a gente*. No entanto, os números em geral nesse grupo não apresentam polarização, fato que não nos permite afirmar com segurança quais contextos extralingüísticos estariam causando este favorecimento. Isso exigiria uma comparação de nossos resultados com outros estudos, o que deixaremos para uma investigação futura. Todavia, as probabilidades que giram em torno de .50 representam que é impossível prever o que o falante vai usar, ou seja, *nós* e *a gente* estariam declaradamente em variação.

1.6.3 Terceiro Grupo de Fatores Selecionado: *Tipo de verbo*

Outro grupo selecionado foi *tipo de verbo*. Nos propusemos a testá-lo sem maiores expectativas, pois não tínhamos resultados de nenhum outro trabalho anterior sobre a atuação desse fator. Porém, os resultados mostraram-se relevantes quando submetidos ao programa estatístico, que selecionou a variável em terceiro lugar. Observa-se que os *verbos de estado* revelaram o menor índice de probabilidade de uso de *a gente* nas OI (.39) e nas OA (.38), restando o uso de *nós*. Fizemos um levantamento geral sobre os verbos de estado usados pelos informantes acompanhados do pronome *nós*, e encontramos em maior número de ocorrências os verbos no presente do indicativo e flexionados com *-mos*: *somos*, *estamos* e *ficamos*. Tais verbos poderiam inibir o uso de *a gente* justamente por sua freqüência, pois sendo formas

verbaís mais usadas, resistiriam mais por estarem mais associadas à forma antiga e não à forma inovadora. Pela observação dos dados, tivemos a impressão de que uso de *nós* junto aos verbos de estado poderia também estar relacionado aos momentos em que o informante relata a sua experiência pessoal, de foro mais íntimo, mas isso consiste em uma hipótese que testaremos futuramente.

Mesmo não testando a variável *saliência fônica* em nosso trabalho, e portanto não tendo resultados adequados para uma comparação considerável com outros levantamentos dessa variável, gostaríamos de fazer alguns comentários sobre essa ela. Definida pela acentuada diferença fonológica entre a forma verbal de 3ª pessoa e a de 1ª pessoa, a *saliência fônica*, segundo OMENA (1986), foi contexto relevante nos seus resultados para a ocorrência (ou não) de *a gente*. Então, em razão disso, comentamos o caso dos verbos de estado *ser, estar e ficar*. Mesmo não podendo levantar uma hipótese baseada em OMENA (1986) supondo que o que estaria condicionando (ou não) a presença de *nós* junto aos verbos de estado seria a *saliência fônica*, pois como já dissemos, não fizemos essa verificação em nossa amostra, e como tal estudo não se deteve no caso das formas verbais proparoxítonas, baseamo-nos então nos resultados de NARO, GORSKI e FERNANDES (1983)²⁴ para fazer apenas um levantamento das formas proparoxítonas em nossa amostra.

Da mesma forma que NARO, GORSKI e FERNANDES encontraram um número mínimo (3,8% dos dados) de casos de formas verbais proparoxítonas como *tínhamos*, ou *ficávamos* com a realização com *-mos*, o que ocasionou a exclusão desses dados de sua análise, observamos que as ocorrências de formas proparoxítonas reduzidas foram quase categóricas em nosso *corpus*, o que mostra que a tendência para a redução das proparoxítonas atua antes do que a *saliência fônica*. Portanto, confirmamos também em nossos dados a força da tendência de redução das formas proparoxítonas, cuja redução estaria condicionada por fatores prosódicos, pois a língua portuguesa tende a transformar proparoxítonas em paroxítonas (por exemplo, *pesco* ao invés de *pêssego*, *abobra* ao invés de *abóbora*).

²⁴ Esses autores verificaram o caso das formas verbais proparoxítonas ao trabalhar com a variável *saliência fônica* com um *corpus* de informantes cariocas.

Outro resultado interessante sobre a variável *saliência fônica* no trabalho de NARO, GORSKI E FERNANDES (1983) foi a ocorrência de probabilidades nunca inferiores a .82 para o uso de *nós* com *–mos* no caso de verbos que consideram de nível 5, onde se enquadram formas do tipo *é/somos*²⁵. Também verificamos nos *verbos de estado* de nossa amostra uma frequência considerável desse tipo de formas, porém não podemos considerar os resultados, pois reforçamos que não determinamos em nossa análise o estudo da *saliência fônica*, assim não averiguamos todos os tipos de verbos do *corpus*. Portanto, deixaremos essa questão para ser investigada mais tarde.

Levantamos mais uma hipótese que consideramos possível para explicar a forte tendência para uso dos verbos de estado *ser*, *estar* e *ficar* com *–mos*: o fato de que, quando tais formas são usadas sem a marca verbal, tal como *nós é*, *nós fica* e *nós tá*, se relacionam com o dialeto caipira, carregando consigo um estigma social. Em razão disso o falante as evitaria, assim condicionando a flexão desses verbos com *–mos*.

1.6.4 Quarto Grupo de Fatores Selecionado: *Determinação*

Nos resultados obtidos no grupo de fatores *determinação*, verificamos no fator *indeterminação* que, apesar de o número de dados de ocorrências em seqüências (277) apresentar 98 casos a mais que os 179 casos nas ocorrências isoladas, ainda assim diminui a probabilidade de *indeterminação* de *a gente* nas seqüências (.60 nas OA contra .64 nas OI), o que pode indicar que o ambiente das seqüências iniba a *indeterminação*.

Já nas ocorrências isoladas, *a gente* aparece com .64 de probabilidade de ser indeterminado, o que corrobora nossa hipótese, baseada nos resultados obtidos por OMENA (1986) e MENON (1994), de que a forma preferida pelos falantes para uma referência mais geral, indeterminadora, seria *a gente*.

Os resultados desse grupo de fatores também indicam que, se os resultados da determinação estão próximos de .50 (.49 nas OI e .50 nas OA), o uso de *nós* ou de *a gente* já é praticamente aleatório, o que significa que o pronome *a gente* já está penetrando mais no campo da determinação. Essa entrada da forma inovadora na determinação, por outro lado, acontece na amostra junto a uma avanço da forma canônica no campo da indeterminação (.36 nas OI e .40 nas AO para o uso de *nós* como indeterminador do sujeito, menos de 15 pontos de diferença do ponto neutro. Talvez este deslocamento do traço de indeterminação para *nós* seja “estratégico” para assegurar sua permanência no sistema.

1.6.5 Quinto Grupo de Fatores Selecionado nas OI: *Sexo*

Nas ocorrências isoladas, os resultados do fator *sexo* mostraram uma tendência maior do uso de *a gente* para as mulheres (.52). Já os homens tendem mais para o uso de *nós* (.53). A probabilidade levemente maior de uso da forma nova pelas mulheres vem ao encontro, nas ocorrências isoladas, da hipótese que formulamos sobre o fator *sexo*: seriam as mulheres que apresentariam um maior índice do uso de *a gente*. Ressaltamos, porém, a observação de que a diferença entre as probabilidades entre homens e mulheres para o uso de *a gente* não passa de 5 pontos, o que indica que os homens também já incorporaram a forma inovadora à sua fala.

Também é interessante observar que as probabilidades de uso dos dois sexos está bastante próxima do ponto neutro, permitindo-nos afirmar que o uso de *nós* ou de *a gente* já é quase aleatório em relação ao sexo do falante. Isso significa que, a afirmação de que as mulheres têm uma tendência mais conservadora em relação ao uso de formas lingüísticas sem prestígio social e os homens, ao contrário, apresentam uma tendência mais inovadora em relação ao uso de formas desprestigiadas, não é comprovada por nossos resultados das ocorrências isoladas, haja vista essa probabilidade muito próxima do uso de *a gente* entre homens e mulheres nas

²⁵ A pesquisa abrangeu velhos (41 anos ou mais), adultos (21 a 40 anos), jovens (13 a 20 anos) e crianças (6 a 12 anos) da cidade do Rio de Janeiro – RJ.

localidades estudadas. LABOV (1992) afirma que, no caso de mudanças conscientes, introduzidas na comunidade como um resultado da influência de uma norma de maior prestígio, as mulheres lideram o uso de formas inovadoras. Porém, quando as mudanças introduzidas são naturais, inconscientes, a liderança das mulheres é menos categórica. Nossos resultados freqüenciais indicaram que a vanguarda do uso da forma inovadora não é das mulheres, mas sim dos homens, o que poderia significar que o uso desse pronome já é, como disse LABOV, natural, inconsciente, sem carregar qualquer estigma social. (Para verificar distribuição freqüencial dos resultados do cruzamento do fator *sexo* com *localidade*, *escolaridade* e *faixa etária*, vide Gráfico 4 e Tabelas 4, 5 e 6).

1.6.6 Quinto Grupo de Fatores Selecionado OA: *Escolaridade*

A seleção do fator *escolaridade* na rodada em que agrupamos as *ocorrências isoladas* às *seqüências binárias* e *ternárias* pode indicar que a escolaridade interfere no uso dos pronomes quando em seqüência. Em nossos dados é no ginásio que se apresenta a maior probabilidade de aplicação do uso de *a gente* - .52 contra .48 do primário e .50 do secundário. Portanto, é possível perceber que, a medida que aumenta o nível de escolaridade, é o número de aplicação de *a gente* que aumenta, ou seja, os dados mostram que o ginásio e secundário não estão reforçando o uso de *nós*. Se poderíamos pressupor que, na medida em que a escolaridade do falante aumenta, aumentaria também o uso de *nós*, como mostraram os dados de OMENA (1986), tal constatação não se confirma em nosso *corpus*.

Convém salientar que as probabilidades obtidas em todos os níveis de escolaridade estão muito próximas ao ponto neutro, com apenas .02 de diferença para mais ou para menos, o que pode ser interpretado como uso praticamente aleatório de *nós* e de *a gente*, ou seja, não é possível prever, a partir da atuação da escolaridade, qual será o pronome usado pelo falante. Se nem a escola percebe estigma na utilização de *a gente* - fato que também pudemos constatar no estudo sobre os livros didáticos, que não se “incomodam” com esse pronome em seus textos – não se explicaria a

questão dos homens estarem à frente da mudança em Lages e Chapecó por razão de *a gente* ser uma forma sem prestígio social.

Reforçamos mais uma vez, através dessas informações obtidas através da rodada com dados de ocorrências isoladas, que o uso de *nós* e de *a gente* está em franco processo de variação na língua.

1.7 AS PROBABILIDADES OBTIDAS NAS SEQUÊNCIAS

Fizemos várias tentativas para rodar a *seqüência binária* e *ternária* no IVARB com todos os grupos de fatores estudados na amostra, a fim de obtermos o maior número de resultados probabilísticos possíveis para melhor discutir o fenômeno de variação aqui estudado. Para isso montamos, inclusive, arquivos independentes de dados para cada tipo de seqüência. No entanto, isso tornou-se impossível a partir da distribuição dos fatores nos grupos, pois os *knockouts* inviabilizavam uma rodada geral. Tal razão condicionou a apresentação completa dos resultados na forma de porcentagem, como foi possível observar nas análises feitas a partir da Tabela 1. No entanto, mesmo com a retirada de alguns grupos de fatores nas rodadas com seqüências, julgamos ter podido oferecer para o trabalho informações relevantes. Esclarecemos que os resultados das seqüências ternárias foram alcançados através do amálgama – junção de fatores diferentes sob uma única codificação – procedimento que diminuiu a possibilidades de *knockouts* e viabilizou a rodada em *step up/down* do IVARB.

1.7.1 Seqüências Binárias Iguais

Apresentamos na Tabela 10 os pesos relativos obtidos com a rodada do VARBRUL feita com dados de *seqüência binária*. Realizamos a rodada contrapondo as seqüências iguais entre si, ou seja, contrapusemos os dados de seqüência binária *nós/ nós* com os dados de seqüência *a gente/ a gente*.

TABELA 10 - RESULTADOS DA RODADA ENTRE SEQUÊNCIAS BINÁRIAS
NÓS/ NÓS E A GENTE/ A GENTE - FATOR DE APLICAÇÃO A
GENTE/ A GENTE

GFs selecionados no <i>stepup</i>		Total de dados: 1001
3 6 7 2 0 0 0		
GFs selecionados no <i>stepup</i>		P.R.
3 Paralelismo formal	Ø/ Ø	.91
	-mos/ -mos	.00
	Ø/ - mos	.06
7 Sexo	Feminino	.41
	Masculino	.60
6 escolaridade	Primário	.41
	Ginásio	.46
	Secundário	.67
4 Localidade	Lages	.45
	Chapecó	.43
	Blumenau	.64

1.7.1.1 Primeiro Grupo de Fatores Selecionado: *Paralelismo formal*

O grupo de fatores considerado como o mais importante na rodada foi o *paralelismo formal*. As probabilidades apresentadas incidem sobre usos, se não categóricos, majoritários das marcas verbais iguais, ou seja, se o falante usa primeira forma verbal sem marca, há uma forte tendência para que faça o mesmo junto a segunda forma verbal, ou o contrário, se usa marca junto ao primeiro verbo, marcará também a forma verbal seguinte. O paralelismo atua fortemente nos dados de fala dos informantes da amostra, não só o paralelismo formal, mas também da forma pronominal. Neste último, foi possível verificar que, se o falante usa a forma inovadora *a gente*, tende a manter o padrão e continua usando *a gente*; se usa o

pronome *nós*, tem forte tendência a continuar usando *nós*. Essa informação é importante para comprovar-se no *corpus*²⁶ a força da repetição, provavelmente uma variação inerente da língua em que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (.....) como já testado por SCHERRE e NARO (1997). Porém, conforme MENON (com. pes.), mesmo sendo selecionado em primeiro lugar, o paralelismo não tem poder explicativo para a variação, só para a mudança, pois apenas nos dá pistas de como é o processamento da fala no indivíduo. O que podemos supor é que a probabilidade de .91 para o paralelismo \emptyset/\emptyset , as marcas que acompanham a seqüência *a gente/ a gente* - a mais freqüente do G.F. (493 contra 254 de *nós/nós*) - mostra que a grande tendência dos falantes em usar *a gente*, desde que os contextos favoreçam, pode levar a um uso ainda maior da forma com a atuação do paralelismo.

1.7.1.2 Segundo fator selecionado: *sexo*

A variável *sexo*, segunda selecionada da rodada, tem resultados interessantes quando mostra .41 de aplicação para as mulheres e .60 para os homens para o uso do paralelismo *a gente/ a gente*, pois diferentemente dos resultados das ocorrências isoladas, nos dados de seqüência binária são os homens que aparecem na vanguarda da mudança. Poderíamos interpretar o resultado de .60 para *a gente/ a gente* como uma tendência maior entre os homens do uso da forma inovadora, pois no ambiente das seqüências binárias iguais, já que o uso da mesma forma em seqüência, como já comentamos, ocorre por atuação da força da repetição, *a gente* é a forma que surge naturalmente em primeiro lugar. Outra leitura possível é de que o uso de seqüências de *nós* com *-mos* tornariam o discurso excessivamente educado, feminino, por isso o uso de seqüências de *a gente* com concordância \emptyset pelos homens. A interpretação inversa valeria para as mulheres, já que a probabilidade de uso apresentada por elas difere em .19 da apresentada pelos homens, tendendo para o uso de *nós*.

²⁶ Para observação da freqüência de uso de seqüências de formas iguais e de seqüências de formas mistas nas alternâncias binária e ternária, vide dados de *paralelismos* na Tabela 1.

Para tentar explicar tal polarização apresentada no uso de *nós* e de *a gente* na sequência binária, procuramos averiguar alguns resultados freqüenciais. Essa busca das freqüências se deve ao fato de, como já havíamos mencionado, não termos podido rodar no IVARB o arquivo de seqüências binárias com todos os grupos de fatores, em razão dos vários *knockouts*. Então, decidimos observar os resultados freqüenciais de sequência binária obtidos entre *sexo* e *escolaridade* no CROSSTAB. A variável *escolaridade* foi por nós escolhida em razão de ser o grupo de fatores selecionado depois de *sexo* na Tabela 10, cujos pesos relativos apresentam entre si diferença de até .26 para o uso de *a gente/ a gente*.

Então, ao verificarmos o CROSSTAB entre *sexo* e *escolaridade* com dados de sequência binária, obtivemos os resultados da Tabela 11.

TABELA 11 – CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS SEXO E ESCOLARIDADE NO CROSSTAB COM DADOS DE SEQÜÊNCIA BINÁRIA

	<i>Feminino</i>		<i>Masculino</i>	
	<i>a g/ a g</i>	<i>nós/nós</i>	<i>a g/ a g</i>	<i>nós/nós</i>
1001 dados	%	%	%	%
<i>Primário</i>	50	50	68	32
<i>Ginásio</i>	52	48	64	36
<i>Secundário</i>	68	32	39	61
Total	56	44	59	41

Os resultados do CROSSTAB identificam que, freqüencialmente, são os homens de escolaridade primária e ginásial que apresentam os maiores índices de uso de *a gente*, respectivamente de 18 e de 14 pontos percentuais acima da média. Já as

mulheres, nesses dois níveis de escolaridade, mantêm-se próximas do ponto neutro para o uso de *a gente*, indicando uso aleatório dos dois pronomes. A diferença mais significativa acontece nos percentuais do secundário, quando os usos ficam polarizados: o pronome *a gente* é usado pelos homens com a frequência de apenas 39%, enquanto que as mulheres apresentam 68% de frequência de uso da forma inovadora (os mesmos índices de *a gente* dos homens com primário).

O que o cruzamento dos dados nos mostrou é que, freqüencialmente há uma tendência maior dos homens usarem *a gente*, explicada pela soma dos altos percentuais do primário e do secundário, enquanto que as mulheres, em razão dos mesmos níveis de escolaridade apresentarem percentuais baixos, tem uma tendência de uso menor. Já discutimos sobre a vanguarda dos homens no uso de *a gente*.

1.7.1.3 Terceiro grupo de fatores selecionados: *escolaridade*

Voltando aos pesos relativos da Tabela 10, a escolaridade apresentou a maior probabilidade de uso de *a gente/a gente* no secundário, com .67. Em seguida vem o ginásio, com .46 e, por último, o primário, com .41 de probabilidade de uso de *a gente*. Ao contrário do que se poderia esperar da interferência da escola, ou seja, que o uso do pronome canônico é que cresceria a medida que a escolaridade aumenta, aqui percebe-se que é o uso de *a gente* que cresce, tendo sua maior probabilidade de uso pelo falante mais escolarizado. Tal resultado comprova mais uma vez em nossos dados, que o uso do pronome *a gente* não sofre interferência da escolaridade.

Ao contrapormos esses resultados com aqueles mostrados na Tabela 9, pudemos perceber que, na rodada em que testamos apenas os dados de ocorrências isoladas, a escolaridade não foi selecionada. Já quando agrupamos as ocorrências isoladas com as seqüências numa segunda rodada, o grupo de fatores *escolaridade* é selecionado, apresentando .50 de probabilidade no secundário. Ao rodarmos

separadamente a seqüência binária, o peso relativo no secundário sobe em .17 a favor do uso de *a gente*, o que mostra a força do paralelismo.

É possível, a partir do resultado observado no secundário, fazer uma consideração acessória sobre as seqüências mistas, porque se na seqüência de formas iguais o peso é de .67 para *a gente* e para *nós* é de .33, comprova-se que é muito mais provável que o falante comece com *nós* e mude para *a gente* do que o contrário.

1.7.1.4 Quarto grupo de fatores selecionados: *localidade*

Os pesos relativos apresentados no grupo de fatores localidade implicaram na seguinte ordem decrescente do valor da probabilidade de uso de *a gente* entre as cidades: primeiramente Blumenau, com .64, depois Lages, com .45, e por fim, Chapecó, com .43. Na Tabela 9, o grupo de fatores *localidade* foi selecionado nas duas rodadas, ou seja mostrou-se relevante nas *ocorrências isoladas* e também na junção de isoladas e seqüências. Em ambas as rodadas, a ordem decrescente da probabilidade de uso de *a gente* colocou as cidades na mesma ordem dos dados da Tabela 10: primeiramente Blumenau, depois Lages e, por último, Chapecó.

Buscamos novamente nas freqüências informações que pudessem oferecer uma visão mais clara dos dados, a fim de pudéssemos tirar algumas conclusões sobre a distribuição da seqüência binária por cidade. Já havíamos comentado dados de freqüência de *nós* e de *a gente* nas três cidades, visualizados através do Gráfico 3. Ali pode-se observar a mesma ordem decrescente de uso de *a gente* na distribuição dos dados: Blumenau com 60%, Lages com 58% e Chapecó com 48%. Na distribuição geral dos dados de seqüência binária por *localidade*, apesar da diferença entre o número total de ocorrências de cada cidade não ser significativo, a observação da distribuição freqüencial interna dos dados mostra que Lages e Chapecó têm resultados próximos para *nós* (40% e 49% respectivamente) e para *a gente* (59% e 50% respectivamente). Por outro lado, Blumenau novamente apresenta o maior

percentual de ocorrências de seqüências iniciadas por *a gente*, 61%, o que poderia estar contribuindo no resultado probabilístico de .64 verificado na Tabela 10, o que lhe dá, assim como em outros resultados, a condição de ser a cidade da amostra que apresenta a tendência mais forte para o uso da forma inovadora *a gente*.

1.7.2 Seqüências Binárias Mistas

Da mesma forma que procedemos para alcançarmos os resultados probabilísticos da Tabela 10, ou seja, contrapondo os fatores de seqüências da mesma forma pronominal, também fizemos para alcançar os resultados da Tabela 12. No entanto, nesse caso, os fatores contrastados são os de seqüências mistas, a saber : *a gente/ nós* com *nós/ a gente*.

TABELA 12 – RESULTADOS DA RODADA ENTRE SEQÜÊNCIAS BINÁRIAS
A GENTE/NÓS E NÓS/ A GENTE - APLICAÇÃO DA REGRA A
GENTE/NÓS –

GFs selecionados no <i>stepup</i>		Total de dados: 1001
3 2 0 0 0 0 0		
	GFs	P.R.
3	Paralelismo formal Ø / -mos	.80
	Ø / Ø	.06
2	Tipo de verbo	
	<i>ação</i>	.67
	<i>estado</i>	.21
	<i>epistêmico</i>	.24

1.7.2.1 Primeiro grupo de fatores selecionado: *paralelismo formal*

Da mesma forma que na rodada entre seqüências iguais, o *paralelismo formal* foi o primeiro selecionado - .80 - confirmando o uso da desinência Ø com o pronome *a gente*, e a desinência *-mos* com o uso de *nós*. Reafirmamos a importância desse grupo de fatores, mas também a sua impossibilidade de fornecer contextos para explicar porque o falante alterna os pronomes em questão. A probabilidade do uso de *a gente* como a primeira forma de seqüência ultrapassa em .30 o ponto neutro, o que significa uma tendência bastante significativa, isto é, *a gente* mantém a maior probabilidade de ocorrência, além de nas seqüências de formas iguais, como visto na Tabela 10, também nas seqüências de formas mistas.

1.7.2.2 Segundo grupo de fatores selecionado: *tipo de verbo*

Na seqüência dos grupos selecionados pela rodada entre seqüências binárias mistas está *tipo de verbo*. O maior peso relativo apresentado foi para os *verbos de ação*, com .67 de probabilidade de uso na seqüência mista *a gente/nós*, os *verbos epistêmicos* apresentaram .24 e os *verbos de estado* .21. É interessante observar que, nesse grupo de fatores, são os *verbos de estado* que apresentam a menor probabilidade de aplicação para *a gente*, apenas .21, ou seja, quando o falante usa *verbos de estado*, há .79 de probabilidade de ocorrência de *nós*. Isso nos leva novamente a suspeitar que esse tipo de verbo possa ser um contexto para a retenção de *nós*, reflexão já apresentada no item 1.6.3, na p. 79, diante dos resultados da Tabela 9.

Em seguida, os resultados probabilísticos comentados são resultantes da rodada com os dados de *seqüências ternárias*.

1.7.3 Seqüências Ternárias Iguais Contra Seqüências Ternárias Mistas

No intuito de alcançar pesos relativos a partir dos dados da seqüência ternária através do IVARB, tivemos de realizar amálgamas de alguns fatores do grupo, conforme já dissemos anteriormente. Apenas não nos foi possível realizar rodadas de seqüências ternárias mistas entre si, como fizemos com os dados de seqüência binária. Isso se deveu ao fato da variável seqüência ternária, em seus fatores mistos, apresentar diferentes possibilidades de realização pronominal na segunda forma da seqüência, como *a gente/a gente/nós*; *nós/a gente/a gente*; *a gente/nós/ nós*. Portanto, o que podemos analisar nesse tipo de seqüência é qual o pronome que inicia a seqüência e qual aquele que a termina. Assim, não havia como rodar seqüências ternárias mistas entre si, apenas as iguais entre si e as diferentes contra as iguais.

Então, em razão do já exposto sobre a codificação das seqüências ternárias, utilizamos o ponto de interrogação para sintetizar o grupo, considerando as seqüências ternárias *nós/nós/a gente*, *nós/a gente/ a gente* como *nós/ ?/ a gente*; e as seqüências *a gente/ a gente/ nós* e *a gente/ nós/ nós* como *a gente/ ?/ nós*, o mesmo tendo sido feito para os paralelismos da marca verbal: os pontos de interrogação significam desinência *-mos* ou desinência \emptyset . Ressaltamos que o segundo elemento das seqüências, apesar de ter sido desconsiderado para rodadas no IVARB por necessidade metodológica, foi analisado em dados freqüenciais, como é possível verificar na Tabela 13 e 17.

TABELA 13 – DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS DAS SEQÜÊNCIAS TERNÁRIAS
NÓS/?/ A GENTE E A GENTE/?/NÓS

FORMAS ALTERNANTES	LAGES		CHAPECÓ		BLUMENAU	
75 dados		%	N	%	N	%
A gente/nós/nós	6	26	8	26	0	0
Nós/nós/a gente	4	17,5	7	22,5	7	33
A gente/a gente/nós	4	17,5	7	22,5	3	15
Nós/ a gente/ a gente	9	39	9	29	11	52
Total	23	31	31	41	21	28

Blumenau aparece como a localidade onde há menos casos de mudança, nas seqüências ternárias, de *a gente* para *nós*, e, por outro lado, é a cidade que possui a maior freqüência de mudança de *nós* para *a gente* (94%). Lages também tende para a mudança de *nós* para *a gente* (56%). Chapecó apresenta o maior índice entre as cidades para a mudança de *a gente* para *nós*, mas entre seus próprios dados tende levemente mais para a mudança de *nós* para *a gente*.

Na Tabela 14, apresentada na seqüência, os resultados foram obtidos rodando no IVARB as seqüências ternárias de formas iguais contra as seqüências ternárias de formas mistas.

TABELA 14 - RESULTADOS DA RODADA GERAL ENTRE SEQÜÊNCIAS TERNÁRIAS DE FORMAS IGUAIS (*NÓS/NÓS/NÓS*; *A GENTE/A GENTE/ A GENTE*) E SEQÜÊNCIAS TERNÁRIAS DE FORMAS MISTAS (*A GENTE/?/NÓS*; *NÓS/?/ A GENTE*; *A GENTE/NÓS/A GENTE* E *NÓS/ A GENTE/ NÓS*)

Fator de aplicação seqüências iguais

GFs selecionados no <i>stepup</i>		
4 8 0 0 0 0 0 0		
Total de dados: 1001		
G.F		P.R.
4 Paralelismo formal	Ø/ Ø/ Ø	.81
	-mos/ Ø / -mos	.43
	-mos / ?/ -mos	.03
	Ø/ ?/ -mos	.05
	Ø/ -mos/ Ø	.03
8 Sexo	<i>Feminino</i>	.43
	<i>Masculino</i>	.58

1.7.3.1 Primeiro Grupo de Fatores Selecionado: *paralelismo formal*

Conforme é possível verificar na tabela 14, o paralelismo formal mais uma vez é o primeiro selecionado pelo programa, apresentando a maior probabilidade para o fator *Ø/Ø/Ø*. Nesse caso, os dados não se referiram somente ao fator *a gente/ a gente/ a gente*, mas também às ocorrências, dentro das seqüências ternárias, de *nós* com desinência *Ø*. Fizemos um levantamento das ocorrências desse tipo de concordância e obtivemos quase totalidade de verbos proparoxítonos, resultado semelhante ao de NARO, GORSKI e FERNANDES (1983) que afirmam que a

ausência de *-mos* com verbos de nível 1²⁷, como é o caso das formas proparoxítonas, é quase categórica. A probabilidade de .81 para o paralelismo formal $\emptyset / \emptyset / \emptyset$ reforça a atuação deste fator, que mantém a concordância verbal usada com a primeira forma da sequência.

O segundo fator de paralelismo destacado foi *-mos/? /-mos*, cuja probabilidade de ocorrência de .03 mostra que é praticamente nula a possibilidade de o falante iniciar uma sequência ternária usando a desinência *-mos*, intercalar uma desinência \emptyset e novamente usar *-mos*. A maior tendência é a ação da força do paralelismo, como no caso do fator *-mos/ -mos/-mos*, que foi categórico nas 60 ocorrências do *corpus*, portanto causando *knockout* no MAKECELL, o que ocasionou a sua retirada do arquivo de células.

1.7.3.2 Segundo Grupo de Fatores Selecionado: *sexo*

Quanto ao grupo de fatores *sexo*, selecionado em segundo lugar na rodada, pudemos observar que, assim como na rodada das sequências binárias de formas iguais, os homens apresentam a maior tendência para o uso de sequências de pronomes que se iniciam por *a gente* (.58). Se compararmos com os resultados da sequência binária da Tabela 10, também nessa os homens apresentaram maior tendência para o uso de *a gente*, porém com .02 a mais de probabilidade, assim como também foi levemente maior a probabilidade de uso de *a gente* pelas mulheres (.43). Novamente retomamos a reflexão feita sobre os resultados do grupo de fatores *sexo*, mostrados na Tabela 9. Nessa tabela, nas ocorrências isoladas, são as mulheres que apresentam a maior probabilidade para o uso de *a gente* (.52), porém seguidas de perto pelos homens (.47). Assim, é possível observar que o ambiente das sequências favorece o uso de *a gente* pelos homens.

Tentando visualizar melhor a questão do *sexo* na sequências ternárias, procuramos averiguar também os dados freqüenciais do grupo de fatores. Então,

²⁷ Segundo os autores, no nível 1, a oposição é realizada inteiramente em sílabas pós-tônicas em ambas as formas. Ex.: falava/falávamos. p. 7.

fizemos uso do CROSSTAB para obter os resultados do cruzamento entre as variáveis *sexo* e *localidade*, visíveis na Tabela 15.

TABELA 15 – CRUZAMENTO ENTRE OS GRUPOS DE FATORES *SEXO* E *LOCALIDADE* NO CROSSTAB COM DADOS DE SEQUÊNCIA TERNÁRIA

	<i>Feminino</i>		<i>Masculino</i>	
<i>347 dados</i>	<i>A gente</i>	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	<i>Nós</i>
	%	%	%	%
<i>Lages</i>	44	56	61	39
<i>Chapecó</i>	59	41	54	46
<i>Blumenau</i>	56	44	70	30
<i>Total</i>	53	47	62	38

Pelos percentuais apresentados na Tabela 15, podemos observar que os homens de Blumenau e de Lages apresentam as maiores freqüências de uso de *a gente* também nas seqüências ternárias: 70% e 61% respectivamente. No percentual geral, a freqüência masculina de uso da forma inovadora é de 62%. Por outro lado, as mulheres de Chapecó e de Blumenau também apresentam índices acima do ponto médio, apesar de menores do que os índices dos homens, 59% e 56% respectivamente, alcançando 53% no percentual geral do uso de *a gente*.

Diante do fato de os resultados probabilísticos e frequenciais apontarem a vanguarda dos homens nas seqüências, novamente mencionamos LABOV (1992). Segundo ele, quando as mudanças introduzidas na fala do indivíduo são naturais, inconscientes, a liderança das mulheres é menos categórica. No ambiente das seqüências binárias e ternárias, são os homens que lideram a inovação, portanto isso

pode indicar que nesses contextos ela já está naturalmente incorporada na língua, sem qualquer estigma social.

A seguir, comentamos os resultados da Tabela 16. Nesta tabela, os resultados apresentados são provenientes da rodada do IVARB entre as seqüências ternárias de pronomes iguais, a saber, *nós/nós/nós* e *a gente/ a gente/ a gente*.

1.7.4 Seqüências Ternárias Iguais

TABELA 16 - RESULTADOS DA RODADA ENTRE SEQÜÊNCIAS TERNÁRIAS NÓS/NÓS/ NÓS E A GENTE/ A GENTE/ A GENTE - FATOR DE APLICAÇÃO A GENTE/ A GENTE/ A GENTE -

GFs selecionados no stepup		
3 6 7 5 0 0 0		
Total de dados: 347		
GFs.		P.R.
3 Paralelismo formal	Ø/ Ø /Ø	.52
	mos/ ? / Ø	.06
6 Escolaridade	primário	.28
	ginásio	.50
	secundário	.70
7 Sexo	feminino	.34
	masculino	.67
5 Faixa etária	a	.63
	b	.34

1.7.5 Primeiro Grupo de Fatores Selecionado: *paralelismo formal*

Mais uma vez o *paralelismo formal* é o grupo mais importante selecionado nas seqüências. No entanto, na rodada entre seqüências iguais, a probabilidade de uso

do paralelismo $\emptyset / \emptyset / \emptyset$ diminui em .29 se comparada com aquela obtida na rodada entre seqüências ternárias iguais e diferentes. Atribuímos a queda ao fato de que, ao serem somadas as seqüências iguais para a rodada da Tabela 16, somaram-se também os casos de paralelismo $\emptyset / \emptyset / \emptyset$ que, conforme já comentamos naquela oportunidade, podem referir-se a casos de *nós* com desinência \emptyset , o que ocasionou a probabilidade de uso de .81. Por outro lado, ao serem contrapostas na rodada da Tabela 14 às seqüências ternárias de formas iguais, dividem-se os casos do paralelismo $\emptyset / \emptyset / \emptyset$, sendo que dos 177 casos encontrados na amostra, 151 são de *a gente* e apenas 26 são de *nós*, que apresentou probabilidade menor, de .52. Assim, o peso relativo obtido na Tabela 16 indica que, com apenas .02 acima do ponto neutro, o paralelismo $\emptyset / \emptyset / \emptyset$ tende a ser quase aleatório entre seqüências ternárias com *nós* e com *a gente*, ou seja, se o falante inicia a seqüência de formas com *nós*, é impossível prever qual será a desinência verbal usada, se *-mos* ou \emptyset . Caso seja \emptyset , a força da repetição atua e a tendência aponta para que seja essa a desinência que continuará a ser usada. Da mesma forma a importância do paralelismo é percebida nas ocorrências de *-mos/-mos/-mos* que, por apresentarem uso categórico de *nós/nós/nós*, não constaram na rodada.

O segundo fator de paralelismo mencionado é *-mos/ ? / \emptyset* , que apresentou .06 de probabilidade de ocorrência. Através desse peso relativo, é possível perceber que a probabilidade de ocorrência de uma seqüência ternária *a gente/ a gente/ a gente* ter como concordância da primeira forma a desinência *-mos* é praticamente nula, enquanto que a probabilidade de começar com a desinência \emptyset é de .94, ou seja, quase categórica.

Buscamos resultados freqüenciais quanto ao paralelismo *mos/ ? / \emptyset* através de um levantamento da sua distribuição nas localidades da amostra. Nosso objetivo foi identificar qual seria a marca verbal que mais apareceria no lugar do ponto de interrogação (?). É possível verificarmos na Tabela 17 como as ocorrências de *mos/ ? / \emptyset* distribuíram-se na amostra.

TABELA 17 – FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA DO FATOR DE PARALELISMO FORMAL *MOS/ ? / Ø* POR LOCALIDADE

	<i>Blumenau</i>	<i>Lages</i>	<i>Chapecó</i>	<i>Total – 43</i>
	<i>N/%</i>	<i>N/%</i>	<i>N/%</i>	<i>N/%</i>
<i>-mos/-mos/ Ø</i>	4/28	4/28	6/44	14/33
<i>-mos/ Ø/ Ø</i>	6/30	7/35	7/35	20/47

Por esses resultados, podemos perceber a maior frequência de *Ø* como segunda desinência das seqüências de desinências verbais iniciadas por *-mos*. Assim, a maior tendência nos paralelismos formais mistos que se iniciam por *-mos* aponta para a mudança para a desinência *Ø* e não para a manutenção de *-mos*.²⁸

1.7.5.1 Segundo grupo de fatores selecionado: *escolaridade*

As probabilidades apresentadas para o uso de *a gente/ a gente/ a gente* no grupo de fatores *escolaridade* foram, em ordem decrescente, as seguintes: .70 para o *secundário*, .50 para o *ginásio* e apenas .28 para o *primário*. Outra vez é possível verificar, assim como na rodada entre as seqüências binárias iguais, que o *secundário* aparece com a fase de escolaridade em que a probabilidade aponta para uma tendência maior do uso de *a gente*.

Comparando o resultado de *a gente* nas seqüências binárias com as ternárias, a diferença dessa probabilidade ficou em .03 a mais nas seqüências ternárias, o que é pouco significativo. O mesmo acontece com a probabilidade para *a gente* no *ginásio*, .04 a mais para as ternárias, apontando uso aleatório das formas. No entanto, a probabilidade do *primário* mostra uma diferença mais acentuada: enquanto nas binárias a probabilidade foi de .41 para a aplicação de *a gente*, nas ternárias essa

²⁸ Aproveitamos para registrar que, na cidade de Blumenau, não houve ocorrências de paralelismos que iniciassem por *Ø* e mudassem para *-mos*, nem como segunda e nem como terceira desinência da seqüência ternária. Quanto às outras cidades, Lages apresentou 8 casos de mudança de *Ø* para *-mos*, enquanto que Chapecó apresentou 11 casos, o maior número de ocorrências desse tipo entre as localidades estudadas.

tendência diminui em .13, ou seja, no ambiente das seqüências ternárias iguais, aumenta significativamente a tendência do falante com primário usar *nós*.

Voltamos à questão da escolaridade não regular o uso de *a gente* no sentido de que, quanto mais escolarizado é o falante, mais ele usa a forma nova. Nas seqüências ternárias o crescimento do uso de *a gente*, conjuntamente com o crescimento da escolaridade, fica bem evidente. No entanto, é interessante observar que, no ginásio, a probabilidade indicou o ponto neutro, .50, o que mostra que, nessa fase escolar em que há maior reforço do estudo das conjugações, *nós* e *a gente* estão em franca variação.

Também nesse grupo de fatores selecionado, por razões que já expusemos em outras análises do *corpus*, verificamos o que a distribuição dos dados de seqüências ternárias iguais pudesse revelar sobre o uso de *nós* (vide Tabela 1). As freqüências de uso mostraram que a cidade que mais tende para o uso de seqüências ternárias *nós/nós/nós* é Lages, com 41% dos dados. Quanto à *faixa etária*, são os informantes mais velhos, com 55%. Na *escolaridade*, é o resultado freqüencial do *primário* o que mais tende para a ocorrência de *nós*: 41%. Finalmente, quanto ao grupo de fatores *sexo*, são os informantes do sexo masculino que apresentam a maior freqüência de uso de *nós*: 58%.

1.7.5.2 Terceiro grupo de fatores selecionado: *sexo*

O resultado do fator *sexo* nas seqüências ternárias iguais apresentou para os homens o peso relativo de .67 para o uso de *a gente*. Para as mulheres, a probabilidade cai para praticamente a metade do peso relativo dos homens: .34. Nos resultados das seqüências binárias iguais, pudemos averiguar que a diferença entre a probabilidade de uso de homens e mulheres apresentou diferença de .19 a favor do uso de *a gente* pelos homens. Nas seqüências ternárias, a tendência também aponta a vanguarda do homens em relação ao uso de *a gente*, como já foi discutido na Tabela 9. Portanto, remetemos às mesmas considerações, que podem ser lidas nas p. 85.

1.7.5.3 Quarto grupo de fatores selecionado: *faixa etária*

Comparando os grupos de fatores selecionados na rodada entre as seqüências binárias iguais, cujos resultados foram comentados na Tabela 10, com os grupos selecionados na rodada entre as seqüências ternárias iguais, apenas o último grupo de fatores selecionado foi diferente. Nas binárias, o último grupo selecionado foi *localidade*, que não foi significativo na rodada das ternárias. Nas ternárias, o último grupo selecionado foi *faixa etária*. Nesse caso, os pesos relativos apresentados foram de .63 de probabilidade do uso de *a gente* pela faixa etária mais jovem, e .34 para o uso pela faixa etária mais velha, ou seja, o uso da faixa etária mais jovem é praticamente o dobro do uso da mais velha. Tal resultado se repetiu na rodada geral de ocorrências isoladas e na rodada geral de todos os dados do *corpus*, como é possível verificar na Tabela 9. Se em geral são os mais jovens que estão liderando o uso da forma nova nos dados da amostra, isso aponta em nosso *corpus* a mudança em progresso.

Para verificar discussão das freqüências de dados da *faixa etária* cruzados com *localidade* nas seqüências ternárias, vide Tabela 4.

Depois dessas considerações feitas sobre os resultados obtidos, terminamos aqui o capítulo Análise dos Resultados, elaborando, na seqüência, os nossos comentários finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das hipóteses levantadas durante a realização desta pesquisa, pudemos constatar que os resultados da investigação sobre a alternância pronominal *nós/ a gente* no interior de Santa Catarina apresentaram informações relevantes.

No cômputo dos 6.930 dados analisados, obtivemos como resultado geral do estudo sobre a alternância pronominal *nós/ a gente* em Blumenau, Lages e Chapecó, o uso do pronome *a gente* suplantando o uso do pronome *nós* como referência à primeira pessoa do plural. Verificamos que foi a variável social *faixa etária* que se constituiu como o fator mais relevante para determinar a mudança em direção à substituição de *nós* por *a gente*, tanto nas ocorrências isoladas quanto nas ocorrências em seqüências, apontando para a mudança em progresso da forma inovadora.

Sobre o grupo de fatores *localidade*, consideramos interessante destacar que a cidade representante da formação étnica alemã, Blumenau, mostrou a maior tendência de uso de *a gente*. Lages, fundada por paulistas, ocupou uma posição intermediária na tendência para o uso da forma nova em relação às outras duas cidades. Por outro lado, Chapecó, constituída por gaúchos descendentes de italianos, foi a localidade que apresentou maior tendência para o uso de *nós*, ou seja, no contexto geral, foi a cidade com os menores índices para o uso de *a gente*. Chapecó revelou-se como um reduto do uso de *nós*, principalmente conservado na fala dos homens. Sobre esse assunto, deixamos algumas perguntas para serem respondidas: será que a sociedade chapecoense teria alguma restrição quanto ao uso de *a gente*? O pronome *a gente* carregaria algum estigma para os falantes de Chapecó? Como não temos subsídios para afirmar que isso se deva a fatores étnicos, geográficos ou culturais, deixamos essa investigação para ser futuramente realizada, assim como um estudo mais aprofundado sobre os verbos de estado, que também se mostraram contexto conservador do uso do pronome *nós*.

Teremos uma oportunidade para voltar à discussão da *localidade* durante a análise dos resultados de uma pesquisa que iniciamos com dados da cidade de São Bento do Sul, na qual retomaremos a variação aqui investigada. A cidade de São Bento

do Sul está localizada no norte do estado de Santa Catarina, possui formação étnica basicamente alemã, apresentando ainda muitos falantes bilíngües alemão/português, sobretudo na faixa etária acima dos 30 anos. Tal situação é semelhante à de Blumenau, o pólo da mudança no *corpus* aqui estudado. Portanto, uma comparação entre as duas cidades poderá ser interessante, levando-se em conta a situação geográfica, sócio-econômica e cultural diferente de cada uma: Blumenau como a metrópole industrial já consolidada há mais de um século e São Bento do Sul como a cidade interiorana onde a industrialização se instalou mais recentemente, mas já se constitui em um dos principais centros produtivos de Santa Catarina.

Na *escolaridade* obtivemos resultados interessantes quando comparados às conclusões de OMENA (1996), que trabalhou com dados de informantes cariocas do final dos anos setenta. Depois de mais de uma década (o VARSUL coletou dados nos anos 90), a análise dos nossos dados revelou um resultado bastante diferente daquele obtido por OMENA em relação ao *ginásio*, pois ela atestou estar nesse nível de escolaridade a maior tendência para o uso de *nós*, com .78 de probabilidade. Em nossos resultados, o *ginásio* apareceu, numa visão geral da amostra, como a escolaridade que mais apresenta tendência para o uso de *a gente*, com .52 de probabilidade de uso da forma inovadora. Sabemos que os *corpora* são diferentes, mas ousamos perguntar: o que explica a diminuição de .30 para o uso de *nós* em nossos dados? OMENA sugere que o alto índice de *nós* nesse nível de escolaridade possa ser atribuído ao fato de que é nesta fase que se dá o ensino das conjugações. Não nos consta que o ensino das formas pronominais canônicas tenha sido mudado dos anos 70 para os 90, e que o pronome pessoal *a gente* seja formalmente tratado na escola, como verificamos na análise dos livros didáticos e em diferentes gramáticas tradicionais, ainda o material básico do professor de língua portuguesa que atua no ensino de base. Então, a escolaridade interfere no uso de *a gente*? Por esse e por outros resultados sobre esse fator já comentados em nossas análises, acreditamos que não.

Obtivemos no fator *sexo* uma constatação interessante. Diferentemente de SETTI (1997), cujos resultados apontaram tendências exatamente opostas entre os dois pronomes para o uso dos dois sexos, obtivemos nas ocorrências isoladas as

probabilidades de uso de *a gente* por mulheres e por homens próximas ao ponto neutro, conforme também observou OMENA (1996), o que indica que o sexo do falante não atuou significativamente na alternância entre o uso de *nós* e de *a gente* em nossos resultados. No entanto, nos resultados das seqüências binárias e ternárias, em todas as rodadas em que o grupo de fatores *sexo* foi selecionado, foram os homens que apareceram na vanguarda da mudança. Tal fato poderia indicar que *a gente* não sofre qualquer marca social, estando bem incorporado na norma padrão falada, já que os homens protagonizariam mudanças naturais, enquanto as mulheres o fariam no caso do uso de formas resultantes da influência da variedade socialmente aceita. Também poderia simplesmente indicar a força de atuação do paralelismo ou o fato de que os homens evitariam – de forma inconsciente – o efeito formal, feminino, da redundância de seqüências de *nós* com *-mos*. Essa contradição entre os resultados das ocorrências isoladas e seqüências merecerá, no futuro, uma observação mais aprofundada.

Quanto a fatores lingüísticos, na *determinação do referente* percebemos outro aspecto importante: *a gente*, ao ganhar espaço como referência a 1.^a pessoa do plural, tem de assumir mais características de determinação. Com isso, vai perdendo terreno na indicação de um agente indeterminado. Em contrapartida, o pronome *nós* apresenta favorecimento de ocorrência em contextos indeterminadores, o que pode representar um deslocamento realizado pelo pronome canônico a fim de assegurar a sua sobrevivência no sistema. Tal afirmação dependeria de um estudo diacrônico sobre o uso do pronome *nós* para verificar, através do tempo, suas características determinadoras ou indeterminadoras, o que nos forneceria subsídios para avaliar a real dimensão desse deslocamento. Ainda assim, nossos resultados vieram ao encontro de nossas expectativas, já que, no cômputo geral dos dados, o pronome *a gente* foi preferido pelos informantes na indeterminação.

Quanto ao principal foco de nosso trabalho, as *seqüências binárias e ternárias*, observamos em nossos resultados a força do fator lingüístico *paralelismo*, cujo princípio é de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (POPLACK 1980, *apud* SCHERRE 1991), ou seja, a partir da primeira forma usada pelo falante

em relação a um dos pronomes e a uma das marcas verbais consideradas, foi essa forma que, na grande maioria dos dados, se manteve num mesmo turno de fala.

Além dessa informação, pertinente apenas à produção de fala do indivíduo, constatamos que nas ocorrências de seqüências mistas, binárias e ternárias, a maior tendência apontou para aquelas que se iniciavam pelo pronome inovador *a gente*. Apesar de a mudança de *nós* para *a gente* ter sido a mais recorrente, não encontramos claramente entre os fatores testados alguma responsabilidade direta que pudesse explicar de maneira coerente o porque dessa alternância. O que podemos afirmar é que os resultados indicaram, numa tomada geral do ambiente das seqüências, para a maior freqüência da troca de *nós* por *a gente* em todos os grupos de fatores testados. Isso nos mostrou que o falante não consegue mais manter o uso de *nós*, e que o pronome canônico está perdendo terreno em todos os fatores testados.

O quadro geral da amostra apontou para um número de dados muito superior de *ocorrências isoladas* em relação às *ocorrências em seqüência*. No entanto, os resultados probabilísticos obtidos demonstraram resultados interessantes quando contrastados aos das ocorrências isoladas, como o uso de *a gente* ser mais freqüente entre homens, enquanto nas isoladas a maior freqüência ocorreu entre as mulheres. Ainda assim, entendemos que as diferenças apresentadas entre ocorrências isoladas e ocorrências em seqüências não alteraram a constatação da progressão do uso de *a gente* como pronome de 1ª. pessoa.

Concluimos nossas considerações reafirmando a validade do estudo por nós realizado como contribuição para a descrição do português falado no Brasil, além do nosso próprio crescimento pessoal e intelectual. Pretendemos que os resultados aqui apresentados possam vir a ter eco junto aos professores do ensino fundamental e médio, a fim de que também haja repercussão entre os alunos. Acreditamos que, com a discussão da diversidade lingüística na escola, se permitiria reduzir o distanciamento entre a norma padrão e a norma escolar, oferecendo aos usuários da língua uma perspectiva mais dinâmica sobre o português brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBÁN, M. del R. *et al.* *Nós e a gente: uma abordagem da norma culta brasileira*. In: *Atas do I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil*. Salvador, Instituto de Letras da UFBA, 1986.
- ALBÁN, Maria del R. e FREITAS, J. *Eu, você et alia em três diálogos*. Estudos Lingüísticos e Literários. N. 11. Salvador: UFBA – Instituto de Letras, 1991. p.25 – 38.
- _____. *Nós ou a gente?* In: Estudos lingüísticos e literários. N. 11, Salvador, UFBA, 1991a. p. 75-89.
- _____. *Nós e a gente em elocuições formais*. In: *Estudos lingüísticos e literários*. N. 11. Salvador, UFBA/IL, ago. 1991b. p. 91-102.
- ALMEIDA, M. Gender in linguistic Change Progress. *Studia Neophilologica. A Journal of Germanic and Romance Languages and Literature*. Vol. LXVII, n. 2, 1995. p. 229-235.
- ANDRADE, C. *et al.* Os pronomes pessoais e a indeterminação do sujeito na norma culta de Salvador. In: *Estudos lingüísticos e literários*. N. 11, Salvador, UFBA, 1991. p.53 – 74.
- BENTIVOGLIO, P. A variação nos estudos sintáticos. *Estudos Lingüísticos XIV, Anais...GEL*. Campinas, UNICAMP, 1987. p. 72 - 86
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. (tradução portuguesa). São Paulo: Nacional, 1976.
- BORBA, L. R. Alguns aspectos sobre o uso de 'nós' e 'a gente' em Curitiba. *Fragmenta*, Curitiba, n. 10. Editora da UFPR, 1993. p. 65-76.
- CALDAS, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 4. ed. RJ: Delta, 1958.
- _____. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- CAMACHO, R. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. *Revista ALFA*, v. 37, 1993.p. 111 – 116.

- CAMARA, J. M. Jr. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- CARDOSO, S. A. M. Ensino da Língua Materna e Pesquisa Sociolingüística: encontros e desencontros. In: *Pesquisa e Ensino da Língua, contribuições da Sociolingüística*. Anais do II Simpósio Nacional do GT de Sociolingüística da ANPOLL.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 41. ed. Editora Nacional, São Paulo, 1998.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1985.
- CUNHA C. & CINTRA L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 269 – 270.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: M.I.T. Press, 1965.
- DUARTE, M. E. L. *Aspectos do sistema pronominal do português falado nas regiões sudeste e centro-oeste*. In: XI ENCONTRO Nacional da ANPOLL, 1996 .p.505 – 509.
- _____. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. 2. ed. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1996a. p.107-125.
- ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- FARACO & MOURA. *Gramática*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- FÁVERO, L. L. *As concepções lingüísticas no século XVIII – A gramática portuguesa*. 1996.p.40.
- FERNANDES, E. A. Uso de nós/a gente na comunidade de João Pessoa. *Anais...II ELFE*, Maceió: UFAL, 1995.p.206-212
- FERNANDES, E.; GORSKI, E. M. A concordância verbal com os sujeitos *nós e a gente*: um mecanismo do discurso em mudança. *Atas do I simpósio sobre a*

Diversidade Lingüística no Brasil. Salvador: Instituto de Letras, UFBA, 1986, p. 175-183.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERREIRA *et al.* A pessoa e a não-pessoa em discursos de informantes do Projeto NURC/Salvador. In: Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ: Discurso e Ideologia, 1, 1987, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 1989. p. 359-360.

FONSECA, M. S. V. & NEVES M. F. (orgs.) *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.p.49 – 85.

FREITAS, J. O projeto NURC e o ensino do 1º. Grau (Dialeto do aluno e descrição gramatical). In: *Estudos lingüísticos e literários*. N. 11. Salvador, UFBA/IL. ago. 1991. p. 117-132.

GARCÍA, E. Shifting variation. *Lingua*. V. 67, 1985. p.189-224.

GUY, G. R. *VARBRUL: análise avançada*. Traduzido por Ana Maria Stahl Zilles. North York, (Canadá): York University, 1988.p.27-49.

HOPPER, P. J. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

_____. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula – Studies in the black English vernacular. In: *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

_____. *Estágios de aquisição do inglês standart*. In: FONSECA & NEVES. *SOCIOLINGÜÍSTICA*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

_____. *The intersection of sex and social class in the course of linguistique*. In: Heterogénéité et variacion: Labov, un bilan. François Gadet, Paris: Larousse, 1992. (n. 108 of Languages), p.16-33.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language in Society*, 7, Great Britain, 1978. p.171-182.

LYONS, J. *Introduction to theorical linguistics*. Cambridge University Press, 1971.

_____. *Linguagem e Lingüística*, Rio de Janeiro: LTC, 1987.

LOPES, C. R. dos. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação de mestrado em língua portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1993. Inédito.

MACHADO, M. dos S. *Sujeitos pronominais nós e a gente: variação em dialetos populares do Norte fluminense*. Rio de Janeiro:UFRJ, Faculdade de Letras, 1995. 260 fl. Dissertação de mestrado em língua portuguesa. Inédito.

MENON, O. P. S. *Analyse sociolinguistique de indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil à partir des données du NURC - SP*. Tese de Doutorado, Universidade Paris 7, 1994.(Inédito)

_____. Clíticos e possessivos: implicações para o ensino. *SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE PESQUISA E ENSINO DA LÍNGUA*, 1995:Rio de Janeiro: UFRJ, G`T DE SOCIOLINGÜÍSTICA, 1995a.

_____. *A gente, eu e nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil*. II ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA E ESCRITA, 1995: MACEIÓ, *Anais...*Maceió: UFAL, 1995. p.01-06.

_____. *Variação e mudança: o papel dos condicionamentos lingüísticos*. Fragmenta, Curitiba, N. 13. Editora da UFPR, 1996a.p. 89-113.

_____. *A gente: um processo de gramaticalização*. *XLIII SEMINÁRIO DO GEL*, 1996: Ribeirão Preto, *Anais...* Ribeirão Preto: XX, 1996.

_____. *O sistema pronominal na Região Sul*. XI ENCONTRO Nacional da ANPOLL, 1996b.p.511 e 512.

_____.LAMBACH e LANDARIN. Alternância nós/ a gente nos quadrinhos: análise em tempo real. (no prelo). In: RONCARATI, Cláudia N. (org.) *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*.

MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais; subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

_____. *O sistema pronominal na Região Nordeste*. XI ENCONTRO Nacional da ANPOLL, 1996.p.513 - 515.

- MOTA, J. *Os pronomes pessoais sujeito no Português do Brasil e o ensino da língua materna*. II SIMPÓSIO NACIONAL DO GT DE SOCIOLINGÜÍSTICA DA ANPOLL, 1995: Rio de Janeiro, *Anais...* Rio de Janeiro: Timing Editora, 1996. p.85 99.
- NARO, A. *et al. Uma mudança lingüística em curso: a concordância com sujeito nós/ a gente*. I Seminário Lingüístico da UERJ. UERJ, Rio de Janeiro, 1983. 25 p. (mimeo)
- OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O. e SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996. p. 185 – 215.
- _____. As influências sociais a variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito. In: SILVA, G. M. de O. e SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996. p. 310 – 323.
- _____. ; BRAGA, M. L. *A gente* está se gramaticalizando? In: MACEDO, Alzira T.; RONCARATI, Cláudia; MOLICA, Maria Cecília (org.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996a.
- PHILIPS, S. U. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. In: RIBEIRO, B. T. R.; GARCEZ, P. M.(org.) *Sociolingüística Interacional: Antropologia, Lingüística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre AGE, 1998.
- PINTZUK, S. *VARBRUL Program*. Philadelphia: University of Pennsylvania. Mimeo, 1988.
- PRETI, D. *Sociolingüística: os níveis de fala*. Um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira. 8. ed. São Paulo: EdUsp, 1997.
- ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. 2. ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1996.
- ROMAINE, S. *Socio-historical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

- SETTI, A. C. R. A indeterminação do sujeito nas três capitais do sul do Brasil. Curitiba, 1997. Dissertação de Mestrado – UFPR. Inédito.
- SHERRE, M. M. P. Relação entre hipóteses lingüísticas e dados. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Porto Alegre, maio, 1992.
- _____. *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. RJ, 1992. (inédito)
- SILVA, G. M. de O. e. *Aspectos sociolingüísticos dos pronomes de tratamento em português e francês*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 1974. Inédito.
- _____. e SCHERRE, M. M. P.(org.) *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1999.
- SILVA, E. V. da. *O projeto APERJ e o ensino de português como língua materna*. *Anais...II ELFE*, Maceió, 1995.p.260-266.
- SILVA, V. L. P. P. Por trás das freqüências. *Organon* n. 18, 1991.
- _____. *O caso dos pronomes-sujeito*. ABRALIN. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística. n. 15, 1994.
- TAMANINE A. et al. *A alternância da forma pronominal nós/ a gente na fala da cidade de Londrina*. Trabalho apresentado à disciplina de Sociolingüística. UFPR, 2000.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. *Tempos Lingüísticos – um itinerário histórico da língua portuguesa*, São Paulo: Ática, 1990.
- TRAUGOTT, E. e HEINE B. *Approaches to Grammaticalization*. s.l.: Jonh Benjamins Publishing Company, vol.I, A, 1991.
- TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: na introduction to language society*. London: Penguin Books, 1983.
- WEINER, J. & LABOV, W. Constrains on the agentless passive. *Journal of Linguistics*. 1983. (Apresentado originalmente no encontro de verão da Linguistic Society of America em 1977.)

WEINREICH, U.; LABOV, W.;HERZOG, M. *Empirical foundations for a theory of language change*, in W. Lehmann & Y. Malkiel (eds.), *Directions for historical linguistics*, Austin, University of Texas Press, 1968.

ANEXO 01

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS TEXTOS ANALISADOS NAS COLEÇÕES DE LIVROS DIDÁTICOS

As ocorrências encontradas do pronome *a gente* na função de sujeito na coleção “ALP – Análise, linguagem e pensamento”, cuja autoria é de Maria Fernandes Cocco e Marco Antônio Hailer - publicação da FTD, 1999 - apresentaram-se nos seguintes textos.:

livro de 5ª série

1 ocorrência – música *Nomes de gente*, de Geraldo Azevedo e Renato Rocha – MPB4, s. d.

3 ocorrências – texto de Ruth Rocha. *Este admirável mundo louco*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1986.

1 ocorrência – música EDUARDO E MÔNICA de Renato Russo – Legião Urbana, s. d.

TOTAL: 5 ocorrências

Livro de 6ª série:

1 ocorrência + título – texto de Naum Alves de Souza. No Natal *a gente* vem te buscar. São Paulo, MG editores, 1983.

2 ocorrências - texto de Rosicler Martins Rodrigues. *Cidades brasileiras: o passado e o presente*. São Paulo: Moderna, 1992.

1 ocorrência – texto de Lourenço Diaféria. *Um gato na terra do tamborim*. São Paulo, Símbolo, 1977.

TOTAL: 04 ocorrências

Livro da 7ª série:

- 06 ocorrências – texto de Carlos Drummond de Andrade. *De notícias e não-notícias faz-se a crônica*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

- 02 ocorrências – texto de Jorge Amado. *Capitães da Areia*. Rio de Janeiro, Record, 1993.

TOTAL: 08 ocorrências

Livro da 8ª série:

- 01 ocorrência – música de Chico Buarque de Holanda. *Chico Buarque, letra e música*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

- 02 ocorrências – texto de Rubem Braga. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro, Record, 1977.

TOTAL: 03 ocorrências

Total geral: 20 ocorrências

Na coleção “Interação & transformação”, cujas autoras são Cleuza Vilas Boas Bourgogne e Lilian Santos Silva, publicação da EB – Editora do Brasil, 1996, as ocorrências de *a gente* na função de pronome pessoal de 1.ª pessoa estiveram apresentadas nos seguintes textos:

- 15 ocorrências - texto de GOSCINNY E SEMPÉ. *O pequeno Nicolau e seus colegas*. São Paulo. Martins Fontes, 1987.

- 1 ocorrência - texto das autoras (balões)

- 3 ocorrências - texto de CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. *Para gostar de ler*. v.2 São Paulo, Ática.

Drummond coloca *a gente* na fala da professora e dos alunos em seu texto...

- 6 ocorrências - Depoimento adaptado de um aluno (transcrito no parecer do CFE nº2.164/78).

TOTAL : 25 OCORRÊNCIAS

No livro de 6ª série

- 1 ocorrência – texto de JOELMIR BETING. Coluna de notas econômicas. *Folha de São Paulo*, 30/07/72.

TOTAL : 01 OCORRÊNCIA

No livro de 7ª série

- nenhuma ocorrência

TOTAL: 0 (ZERO) OCORRÊNCIAS

No livro de 8ª série

- 1 ocorrência – texto de IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO. *O homem do furo na mão e outras histórias*. São Paulo, Ática, 1987.

16 ocorrências – Música COMIDA, de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito – Grupo Titãs

Pergunta: os autores utilizam a expressão “a gente” para se referirem a quem? (pg. 28)

- 3 ocorrências – texto de ANN MCPHERSON E AIDAN MACFORLANE. *Diário de um adolescente hipocondríaco*. Rio de Janeiro. 34 Literatura S/C Ltda., 1993.

- 1 ocorrência – publicação editada pelo DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA GENERAL MOTORS DO BRASIL

- 1 ocorrência – Texto de GRACILIANO RAMOS. *Alexandre e outros heróis*. Rio de Janeiro. Record, 1976.

- 3 ocorrências – texto de RUTH ROCHA. *Admirável mundo louco*. Rio de Janeiro. Salamandra, 1986.

TOTAL: 25 OCORRÊNCIAS

Total geral : 51 ocorrências

ANEXO 2

TABELA DA CODIFICAÇÃO

1 VARIÁVEIS DEPENDENTES

g – a gente

G - Ø a gente

n – nós

N - Ø nós

A – *a gente* não explícito em oração coordenada sem conjunção

O – *nós* não explícito em oração coordenada sem conjunção

2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

2.1 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

2.2 DETERMINAÇÃO DO REFERENTE

d – determinado

i – indeterminado

p – problema

2.3 TIPO DE VERBO

d – dicendi (dizer, explicar, perguntar, responder, falar, afirmar, contar, chamar)

a - ação (pegar, cair, procurar, correr, apertar, comer, levar)

e – epistêmicos (saber, conhecer, pensar, acreditar, imaginar, entender, compreender, gostar, achar, precisar, estranhar, ter, sentir, poder, querer, lembrar)

c – estado (ser, estar, ficar, permanecer, parecer, andar, virar, continuar, acostumar)

3 SEQUÊNCIAS

3.1 SEQUÊNCIA BINÁRIA

x nós/nós

nós/ a gente

a gente/nós

k a gente/a gente

3.2 SEQUÊNCIA TERNÁRIA

= nós/nós/nós

{ nós/? /a gente

% a gente/? / nós

C a gente/a gente/a gente

A a gente/ nós/ a gente

B nós/ a gente/ nós

3.3 CONCORDÂNCIA VERBAL

1 – a gente...3 pessoa sing.

2 – a gente...-mos

3 – nós...3.^a pessoa sing.

4 – nós...-mos

5 - Ø...-mos

6 - Ø...3.^a pessoa sing.

3.4 PARALELISMO

3.4.1 7 - Paralelismo formal (2 formas)

- a Ø/Ø
- c -mos/-mos
- g - mos/Ø
- e Ø/ -mos

3.4.2 Paralelismo formal (três formas)

- i Ø/Ø/Ø
- m -mos/ -mos/ -mos
- p -mos/ ? / Ø
- v Ø/ ? / -mos
- s -mos/ Ø -mos
- Ø/ -mos/ Ø

3.4.3 Paralelismo da forma pronominal (duas formas)

- 1 a gente/ a gente
- 3 nós/nós
- 5 a gente/nós
- 7 nós/a gente

3.4.4 Paralelismo da forma pronominal (três formas)

- a gente/ a gente/ a gente
- # nós/nós/nós
- M a gente/ ? / nós
- d nós/ ? / a gente

{ nós/a gente/nós
a a gente/ nós/ a gente

4 VARIÁVEIS SOCIAIS

4.1 ESCOLARIDADE

p primário
g ginásio
c secundário

LOCALIDADE

G Lages
H Chapecó
B Blumenau

4.2 SEXO

f feminino
m masculino

FAIXA ETÁRIA

a menos de 45 anos
b mais de 50 anos

ANEXO 3

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO FREQUÊNCIAL GERAL DOS DADOS DA AMOSTRA (NÚMERO ABSOLUTO/PERCENTUAL)

		Dados de ocorrências isoladas – 3.887 dados			Dados de seqüências binárias – 1001 dados					Dados de seqüências ternárias – 347 dados						
GRUPO DE FATORES		A gente	Nós	TOTAL	A g/a g	A g/nós	Nós/nós	Nós/ ag	TOTAL	N/n/n	N/?/ag	A g/ag/ag	A g/?/n	Ag/n/ag	N/a g/n	TOTAL
Localidade	Lages	771/58	562/42	1333/34	200/51	33/8	131/33	28/7	392/39	43/37	13/11	47/40	10/8	2/2	3/2	118/34
	Chapécó	615/47	694/53	1309/34	129/43	22/7	121/40	28/9	300/30	34/29	18/15	48/41	13/11	2/2	2/2	117/34
	Blumenau	749/60	496/40	1245/32	164/53	25/8	83/27	37/12	309/31	26/23	18/16	57/51	3/3	7/6	1/1	112/32
Faixa etária	a	1248/64	713/36	1961/50	302/53	57/10	146/26	62/11	567/57	46/23	31/16	95/48	16/8	6/3	3/2	197/57
	b	887/46	1039/54	1926/50	191/44	23/5	189/44	31/7	434/43	57/38	18/12	57/38	10/7	5/3	3/2	150/43
Escolari- Dade	P	706/54	611/46	1317/34	185/51	26/7	126/35	25/7	362/36	42/45	8/9	37/39	5/5	2/2	0/0	94/27
	g	798/55	646/45	1444/37	177/50	27/8	116/33	35/10	355/35	28/22	14/11	61/48	15/12	4/3	5/4	127/37
	c	631/56	495/44	1126/29	131/46	27/9	93/33	33/12	284/29	33/26	27/21	54/43	6/5	5/4	1/1	126/36
Sexo	f	1279/57	958/43	2237/58	256/46	58/10	195/35	50/9	559/56	60/33	31/17	70/38	12/7	5/3	4/2	182/52
	m	856/55	794/45	1650/42	237/53	22/5	140/32	43/10	445/44	43/27	18/11	82/49	14/8	6/4	2/1	165/48
Paralelismo Formal Binário	O/ O	-	-	-	491/86	15/3	67/11	17/3	590/59	-	-	-	-	-	-	-
	mos/mos	-	-	-	1/1	0/0	227/99	0/0	228/23	-	-	-	-	-	-	-
	mos/ O	-	-	-	0/0	0/0	20/21	75/79	95/9	-	-	-	-	-	-	-
	O/mos	-	-	-	1/1	65/74	21/24	1/1	88/9	-	-	-	-	-	-	-
	O/ O/ O	-	-	-	-	-	-	-	-	26/14	7/3	151/79	5/2	1/1	1/1	191/55
Paralelismo Formal Ternário	mos/mosmos	-	-	-	-	-	-	-	-	60/100	0/0	0/0	0/0	0/0	0/0	60/17
	mos/O/mos	-	-	-	-	-	-	-	-	9/70	0/0	0/0	0/0	0/0	4/30	13/4
	mos/?/O	-	-	-	-	-	-	-	-	3/71	42/91	1/2	0/0	0/0	0/0	46/13
	O/?/mos	-	-	-	-	-	-	-	-	4/15	0/0	0/0	21/78	1/3	1/4	27/8
	O/mos/ O	-	-	-	-	-	-	-	-	1/10	0/0	0/0	0/0	9/90	0/0	10/3
Tipo de Verbo	Ação	1385/55	1120/45	2505/64	321/50	60/9	216/34	46/7	643/64	11/18	9/14	35/54	3/5	5/7,5	1/1,5	65/19
	epistêm.	483/57	363/43	846/22	108/51	10/5	70/33	23/11	211/21	11/30	9/24	15/40	1/3	0/0	1/3	37/11
	dicendi	84/65	45/35	129/3	18/72	4/16	3/12	0/0	25/2	80/34	29/12	99/41,5	20/8	6/2,5	4/2	238/68
	estado	183/45	224/55	407/11	46/38	6/5	46/38	24/20	122/12	1/12,5	2/25	3/37,5	2/25	0/0	0/0	8/2
Determina- ção	d	2008/54	1700/46	3708/95	480/49	75/8	327/34	90/9	975/97	101/31	46/14	145/43	24/7	11/3	6/2	333/96
	i	127/71	52/29	179/5	13/45	5/17	8/28	3/10	29/3	2/14	3/22	7/50	2/14	0/0	0/0	14/4